



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GUSTAVO OLIVEIRA BRITO DOS SANTOS

O KARATÊ ENTRE O JAPÃO E OKINAWA: as disputas na construção e
afirmação da identidade okinawana por meio do karatê

Goiânia
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Gustavo Oliveira Brito dos Santos

3. Título do trabalho

O KARATÊ ENTRE O JAPÃO E OKINAWA: AS DISPUTAS NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE OKINAWANA POR MEIO DO KARATÊ

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Yussef Daibert Salomão De Campos, Professor do Magistério Superior**, em 10/02/2021, às 09:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **GUSTAVO OLIVEIRA BRITO DOS SANTOS, Discente**, em 10/02/2021, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do

20/02/2021

SEI/UFG - 1868488 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



[Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1868488** e o código CRC **6C1258CE**.

GUSTAVO OLIVEIRA BRITO DOS SANTOS

**O KARATÊ ENTRE O JAPÃO E OKINAWA: as disputas na construção e
afirmação da identidade okinawana por meio do karatê**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Stricto Sensu, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História. Linha de pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos

Goiânia
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira Brito dos Santos, Gustavo

O karatê entre o Japão e Okinawa [manuscrito] : as disputas na construção e afirmação da identidade okinawana por meio do karatê / Gustavo Oliveira Brito dos Santos. - 2021.

134 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia,
2021.

Bibliografia.

Inclui fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Artes marciais. 2. Karatê. 3. Cultura de Okinawa. 4. Japão. 5. Tradição. I. Daibert Salomão de Campos, Yussef, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 27 da sessão de Defesa de Dissertação de **Gustavo Oliveira Brito dos Santos**, que confere o título de Mestre(a) em **História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s dezoito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte, a partir da(s) 14h30, via videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“O KARATÊ ENTRE O JAPÃO E OKINAWA: AS DISPUTAS NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE OKINAWANA POR MEIO DO KARATÊ”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Yussef Daibert Salomão de Campos (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Lúcio Menezes Ferreira (UFPeI)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Jiani Fernando Langaro (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Yussef Daibert Salomão de Campos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) dezoito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro**, Coordenador de Pós-graduação, em 02/03/2021, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Yussef Daibert Salomão De Campos**, Professor do Magistério Superior, em 02/03/2021, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1910988** e o código CRC **12736DB2**.

AGRADECIMENTOS

“Cai sete, levanta oito”. Essa famosa frase atribuída a Bodhidarma, e tão utilizada nas artes marciais japonesas, talvez venha a calhar muito bem para esse trabalho. A frase expressa a ideia de perseverança, de sempre se levantar após uma queda. Evoca, também, que nas artes marciais geralmente se cai mais do que se derruba.

Tenho uma infinita gratidão por pessoas que estiveram comigo e que contribuíram de uma forma ou de outra para esse trabalho. Dedico esse trabalho à essas pessoas, como minha mãe Maria do Socorro, ex-professora de História que sempre deu aulas críticas e intelectualmente honestas mesmo sem um diploma de nível superior. Agradeço pelo seu amor e por me fazer crescer em meio aos livros e a um ambiente repleto daquilo que talvez possa ser chamado consciência histórica. Dedico também ao meu irmão Frederico dos Santos que, apesar da distância, me ajudou com sua força e inteligência de sempre. A Tia Narinha, que sempre se preocupou com as questões acadêmicas e com o meu não-descanso.

Tenho muita gratidão pelo meu sensei Isaldo Santos, que há mais de vinte anos me apresentou a arte marcial que agora me serve de veículo para uma abordagem histórica. Por muito tempo afirmei que as duas coisas que me forneciam sentido eram praticar karatê e estudar história. Agora que consegui unificar essas duas paixões não poderia me esquecer desse sensei que, mesmo com recursos bastante escassos, fazia seu melhor para aprimorar nossa arte. Agradeço a ele e a todos os meus amigos, colegas e alunos firmados nos dojo por onde treinei e dei aula.

E não poderia deixar de lembrar do sensei Yurghanes Rodrigues. Dele recebi, há dois anos, o convite para aprender um novo estilo de karatê. Assim iniciei meus treinos no dojo Okinawa Kan de Karatê Uechi Ryu. A importância disso foi imensa. Primeiro pois me possibilitou conhecer de perto e praticar aquilo que eu estava estudando academicamente: o Karatê Tradicional de Okinawa. Isso com certeza influenciou positivamente na escrita e na reflexão, e eu que já era faixa preta em karatê Shotokan (japonês) agora entendia melhor a diferença entre as duas matrizes. Tenho muita gratidão ao sensei Yurghanes pelo companheirismo, conselhos e disponibilidade em ajudar. Ao gentilmente posar para as fotos explicativas que compõem esse trabalho, ele, e a sensei Ângela Rodrigues, fazem

parte diretamente dele. Obrigado também sensei Ângela. E essa participação dos dois responsáveis pelo dojo Okinawa Kan torna esse trabalho especial. Meu agradecimento aos colegas desse querido dojo.

Entre os professores, agradeço a todos os que me ensinaram na jornada acadêmica, especialmente à professora Ana Lúcia Vilela que me orientou na monografia em 2016 quando tantas outras portas se fecharam. Não mais de uma vez ouvi dos professores que “Não se podia estudar Japão” ou “O que esse tema tem de interessante?” E coisas do tipo. Quando perguntei à professora Ana Lúcia se era possível trabalhar com História do Japão, nos termos que apresentei a ela, e se ela me orientaria e ouvi dela dois “sim”, eu achei que ela não tinha compreendido bem minhas perguntas. Sua empatia me serve de inspiração até hoje, tanto como aluno quanto como professor. Faço ainda uma menção de gratidão ao saudoso professor Noé Sandes, meu primeiro orientador, que me apresentou os problemas da relação entre história e memória e que nos deixou tão precocemente nesse 2020. Muito obrigado saudoso professor Noé.

Sobre as dificuldades em estudar Ásia no Brasil, foi muito importante ter encontrado o Centro de Estudos Asiáticos da Universidade Federal Fluminense (CEA-UFF). No contexto de pandemia e de intensificação dos encontros virtuais, o CEA se expandiu e conectou pesquisadores de várias áreas e vários graus acadêmicos. Isso me foi importante e rendo um agradecimento especial a Mateus Nascimento, pesquisador do CEA e coordenador da área de Japão. Por expressar enorme empatia e humanidade, Mateus acaba por demonstrar que a academia não é somente um local muitas vezes (e desnecessariamente) pesado, mas é também formada por pesquisadores empáticos e nobres. Em dados momentos isso me foi imensamente alentador. Ainda tratando da palavra empatia, preciso render agradecimentos a Letícia Lima, que também tem me acompanhado desde antes do início desse processo e tem me ajudado na compreensão do mundo e de mim mesmo. Foi uma ajuda importantíssima para esse trabalho.

De volta aos corredores amarelos da Faculdade de História, agradeço a Rafaela Vidal que com seu estrangeirismo acabou por acolher em silêncio o meu estrangeirismo. Isso faz toda a diferença. E não podia jamais deixar de esquecer do meu amigo Matheus Alves.

Matheus me incentivou desde o início, desde a graduação. Quando ouviu a ideia que eu tinha de trabalhar com Japão por meio do karatê, lá em 2013, ele se

animou tanto que sua animação me contagiou. Boa parte dessa pesquisa só foi possível com a participação dele, não só por esse o marco fundador da nossa amizade, mas pelas estranhas coincidências da nossa jornada posterior. Entramos juntos no mestrado, na mesma linha de pesquisa e debatemos muito também (bem menos que eu gostaria). Ele foi um grande suporte nos corredores amarelos e mesmo fora deles. Obrigado por isso, Matheus.

Não podia deixar de esquecer de dois e colegas de trabalho que também me deram um suporte imprescindível. Michelle Lira e Walafy Cristian dividiram comigo as dificuldades do mundo docente. Com eles dividi um pouco do peso que era fazer um curso de mestrado em História nas condições que fiz e eles nunca me negaram ajuda. Obrigado Michelle pelas dicas teóricas e metodológicas e pela companhia, foi uma alegria muito grande trabalhar com uma excelente historiadora como você e obrigado Walafy. Você me suportou remoer as penosas dificuldades desse trabalho e não poupou palavras de incentivo e compreensão. Sua empatia faz de você um grande ser humano.

Mas, provavelmente, ninguém acompanhou tão de perto essa luta quanto minhas amigas mais próximas. Larissa Borges, amiga de anos que tem sido grande companheira de vários e vários obstáculos e esteve comigo me ajudando em mais essa etapa. Enquanto procuramos nossos caminhos nos meandros acadêmicos e fora deles, vamos fortalecendo juntos nossos pés para andar contra a ventania. Obrigado Larissa. E andar contra uma força contrária é o significado do famoso vocábulo Oss ou Osu. É uma abreviação de Osu Shinobu. Andar pra frente enquanto uma força contrária o impede é o que faz Flávia Bosso com beleza e cores.

Talvez tenha sido ela quem mais de perto acompanhou e sofreu as dificuldades dessa pesquisa. Minha amiga, minha namorada, minha aluna de karatê, confidente, companheira... foram delas as talentosas fotos explicativas que compõem esse trabalho e é dela meu afeto, carinho e amor. E uma imensa gratidão pela amizade e companheirismo, pela alegria, leveza e pela grande inteligência nas nossas discussões sobre História e karatê. Esse trabalho tem muito de você, Flavinha. Obrigado por sua magia de parar o tempo. Amo você.

Assim esse trabalho se fez, meio como uma luta de karatê. Nesses agradecimentos me encontro de pé pela oitava vez.

RESUMO

Esse trabalho procura demonstrar como o Karatê Tradicional de Okinawa tem se tornado um elemento de afirmação identitária do povo okinawano frente ao Japão. Para isso, procura apresentar as nuances de um possível conflito em torno do karatê e demonstrar as especificidades históricas da comunidade okinawana em relação ao Japão, bem como apresentar as ideias de tradição em torno do karatê de Okinawa e do karatê do Japão. Ao considerar estratégias de diálogo entre o local e o global, levando em conta fenômenos como as Olimpíadas de Tóquio e a internet, torna-se possível observar como o Karatê Tradicional de Okinawa tem sido uma forma de projetar as demandas e reivindicações identitárias de Okinawa. Isso se dá, principalmente, através da reivindicação de Okinawa como o local de nascimento do karatê e acaba por colocar o sujeito estrangeiro como uma espécie de árbitro, por ser ele o receptor de muitas dessas reivindicações.

Palavras-chave: Artes Marciais. Karatê. Okinawa. Reivindicação identitária.

ABSTRACT

This work seeks to demonstrate how Okinawan Traditional Karate has become an element of affirmation of the Okinawan people in relation to Japan. To do so, it seeks to present the nuances of a possible conflict over karate and to demonstrate the historical specificities of the Okinawan community in relation to Japan, as well as presenting the ideas of tradition around Okinawa karate and Japan karate. When considering strategies for dialogue between the local and the global, taking into account phenomena such as the Tokyo Olympics and the internet, it becomes possible to observe how Okinawan Traditional Karate has been a way of projecting Okinawa's identity demands and claims. This occurs mainly through the claim of Okinawa as the birthplace of karate and ends up placing the foreign subject as a kind of arbitrator, as he is the recipient of many of these claims.

Keywords: Community. Karate. Okinawa. Identity claim.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Mapa com destaque para a localização de Okinawa	14
Figura 2 - Fachada do dojo do hanshi Tetsuhiro Hokama e do Museu do Karatê de Okinawa	69
Figura 3 - Uma parte do acervo do Museu do Karatê de Tetsuhiro Hokama	69
Figura 4 - Parte do acervo do Museu do Karatê com fotografias, armas e periódicos	70
Figura 5 - Hanshi Hokama no seu Museu do Karatê	70
Figura 6 - Hanshi Hokama recebe visitantes em seu museu	71
Figura 7 – Encontro entre Gustavo Gondra e Tetsuhiro Hokama nas comemorações do aniversário do Okinawa Karate Museum	85
Figura 8 - Símbolo da WUKKO	86
Figura 9 - Sensei Yurghanes Rodrigues	87
Figura 10 - Sensei Yurghanes Rodrigues executa o kata Sanchin	88
Figura 11 - Sensei Yurghanes Rodrigues executa o kata Seisan	89
Figura 12 - Sensei Yurghanes Rodrigues executando um ippon ken	90
Figura 13 - Sensei Yurghanes Rodrigues e Sensei Ângela Rodrigues	91
Figura 14 - Sensei Yurghanes Rodrigues praticando com o bo	91
Figura 15 - Sensei Yurghanes Rodrigues praticando com o sai	92
Figura 16 - Sensei Yurghanes Rodrigues praticando com um par de tonfa	92
Figura 17 - Sensei Yurghanes Rodrigues e Sensei Ângela Rodrigues praticando com um bo e um par de tonfa respectivamente	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diretores executivos da Okinawa Dento Karate-Do Shinkokai	55
Tabela 2 - Estilos de Karatê Tradicional de Okinawa	57
Tabela 3 - Quantidade de oficiais da ODKS por cada estilo	58
Tabela 4 - Mestres reconhecidos como Detentores de Ativos Culturais Intangíveis pela Prefeitura de Okinawa até 2013	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 “OKINAWA NÃO É JAPÃO”	22
2.1 A modernização do Japão e a japonização do karatê	22
2.2 Dominação sobre Ryukyu	31
2.3 Memória e diferenciação, os traumas da Batalha de Okinawa	39
3 KARATÊ “TRADICIONAL” DE OKINAWA	49
3.1 As nuances do estudo de identidades	49
3.2 Karatê tradicional	51
4 O KARATÊ E A IDENTIDADE OKINAWANA	61
4.1 Afirmação de identidade okinawana frente ao Japão por meio do karatê e do kobudô de Okinawa	61
4.2 Preservação e patrimonialização	72
4.3 Um estudo de caso: Uechi Ryu Karatê-Do	79
5 A INTERNET COMO PALCO DAS REIVINDICAÇÕES	92
5.1 O karatê nas Olimpíadas	92
5.2 O uso da internet na questão do karatê tradicional de Okinawa	101
5.2.1 Competição pela “tradição”	103
5.2.2 Heterogeneidade e afirmação	109
5.2.3 Pensando o lugar do estrangeiro	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	125

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa cujas origens vêm de inquietações pessoais bastante antigas, misturadas com um certo laço emocional ao “objeto” pesquisado. Em síntese temos analisado as trajetórias e aspectos históricos do karatê para compreender a modernidade no Japão e em Okinawa.

Por ser amplamente conhecido em vários países, o karatê é a expressão cultural que talvez melhor divulgue o arquipélago do Japão, sua história e nuances para o mundo.

Numa primeira etapa da pesquisa, concluímos a graduação no curso de História com uma monografia sobre Gichin Funakoshi e suas estratégias para inserir o karatê dentro do contexto do Japão moderno e modernizado. Nesse trabalho, aspectos mais complexos desse tema se revelaram como a intrincada relação com Okinawa, elemento esse que têm sido a força motriz dessa atual etapa da pesquisa.

Assim, nessa atual etapa, me deparo com as questões relativas à identidade, à afirmação e construção da identidade okinawana em relação ao Japão.

Tanto na primeira etapa quanto na etapa atual, o karatê não é nosso objeto de pesquisa por si só, mas sim um tipo de veículo pelo qual tentamos trafegar pelas disputas e fissuras da modernidade relativa ao Estado japonês, pelas suas contradições e problemas. Através da história do karatê, podemos abordar e analisar essas questões que giram em torno das identidades. Também nessa atual etapa da pesquisa a figura de Gichin Funakoshi continua bastante importante e será devidamente apresentado.

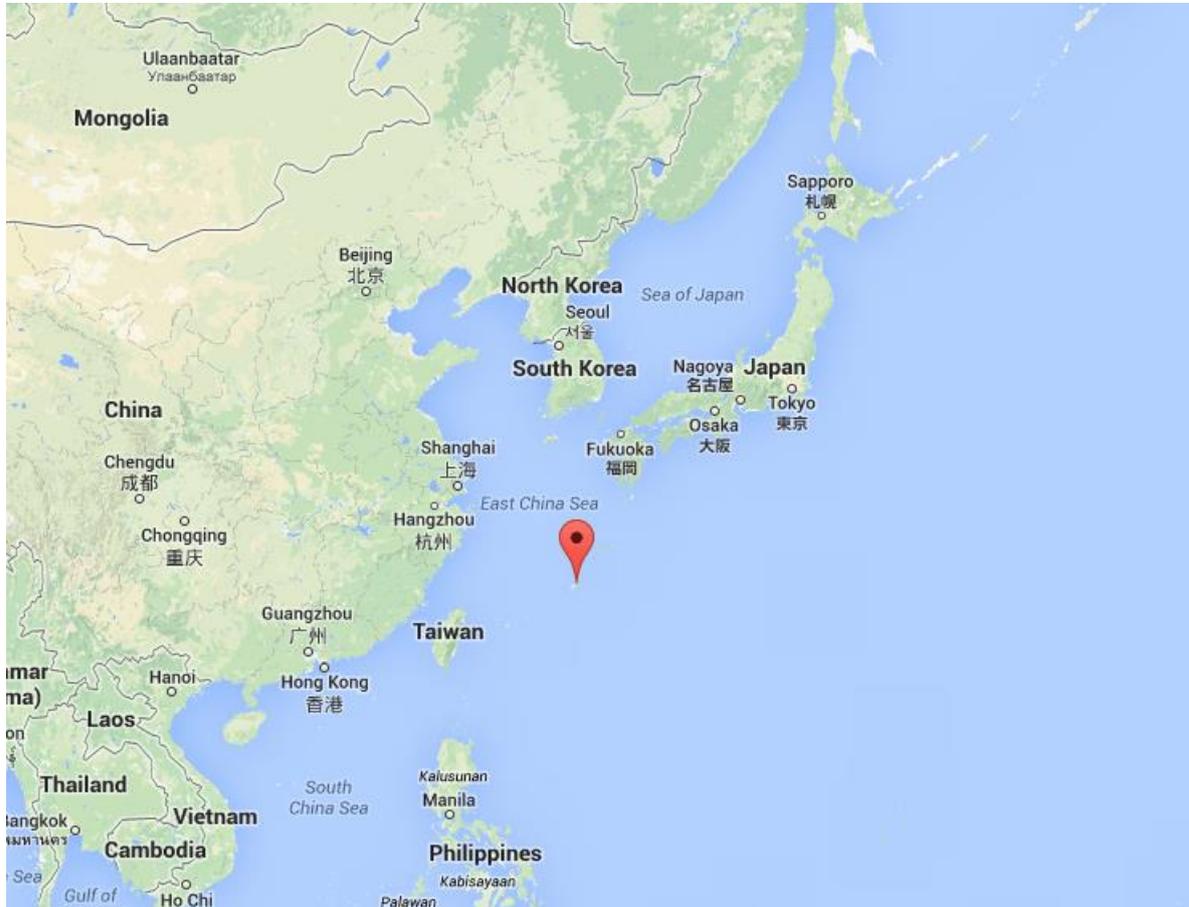
Funakoshi tem sido uma das figuras mais fascinantes que estudamos. A sensibilidade da sua escrita, seus sonhos e projetos, as contingências da sua trajetória e a aparente melancolia com que ele olhava o karatê no fim da sua vida é algo que o torna um personagem profundo e até mesmo misterioso. Funakoshi dedicou uma vida inteira ao karatê e mesmo não sendo a figura central desse trabalho, seu lugar em nossa análise continua sendo relevante. Ele não apenas se dedicou a praticar karatê, como também a implantar a prática no Japão a partir de Okinawa no início do século XX. Além disso, empreendeu um processo de adaptação do karatê de Okinawa para o japonês urbano, deixando quatro livros

escritos com a intenção de divulgar a arte marcial entre os japoneses. A ele é atribuída a criação do estilo Shotokan, o mais divulgado no mundo e muitas vezes à Funakoshi foi atribuído também o título de “pai do karatê moderno”. Outros mestres de Okinawa, contemporâneos de Funakoshi, também se dedicaram a ensinar no Japão, mas ele se destacou provavelmente por ter sido bem recebido nos elevados círculos políticos e por seu trabalho em japonizar o karatê (BUENO; TORRES, 2016).

Funakoshi nasceu em Okinawa (1868) e faleceu no Japão (1957). Esse simples dado tem algo de poético. Sob alguns aspectos poderia significar algo como “Funakoshi nasceu em um universo de valores e faleceu cercado por outros”. Apesar de oficialmente pertencer ao território do Japão sob a forma de uma prefeitura (província de Okinawa), o Arquipélago de Ryukyu possui especificidades históricas e culturais que nos leva a optar por observá-la como um território específico.

O que hoje pode ser conhecido como a Província de Okinawa é um arquipélago que até 1609 se configurou como um reino independente, o reino e arquipélago de Ryukyu. Em relação ao Japão, as Ryukyu estão ao sul, possui uma tradição mercante que pôs os habitantes do arquipélago em intensa troca cultural com partes da Ásia, especialmente com a rica e próspera China (de quem absorveu muitos aspectos culturais) (KANASHIRO, 2010). Possuidores de um idioma próprio, o uchinaguchi, o povo okinawano possui ainda uma história política específica em relação ao Japão (PIRES, 2013; SOUZA, 2009; KANASHIRO, 2010). O arquipélago era dividido em três territórios: Nanzan, Chuzan e Hokuzan, mas foi unificado pelo líder guerreiro Sho Hashi (1371 – 1439) se tornando o primeiro rei de Ryukyu e estabelecendo seu polo de poder político na ilha central do arquipélago: a ilha de Okinawa. (KANASHIRO, 2010; TURNBULL, 2009). Pela cultura oral comumente transmitida, é nesse contexto de trocas comerciais e culturais e de guerras por territórios que aquilo que mais tarde seria chamado *karatê* foi desenvolvido em sua etapa inicial, geralmente chamada de *tode* (FUNAKOSHI, 2013; McCARTHY, 1995). Esse desenvolvimento se deu principalmente a partir do contato cultural com a China, suas artes marciais e sua medicina tradicional. Só então as Ryukyu são reivindicadas e invadidas por Shimazu, o daimyo de Satsuma no sul do Japão.

Figura 1: Mapa do Japão com destaque para a localização de Okinawa.



Fonte: <http://ringmar.net/irhistorynew/index.php/2018/10/12/the-ryukyu-islands-as-the-center-of-the-world>. (Acesso em: 08/09/20)

A Revolução Meiji (1867) reafirmou a dominação sobre as Ryukyu ao iniciar o processo de modernização sistemática do Japão e estabelecer então um Estado nacional moderno em um território unificado, o que vai reforçar um discurso que afirma a submissão e inferiorização dos okinawanos pelos japoneses. Sobre as Ryukyu serem consideradas um território estrangeiro por parte dos japoneses antes de Meiji, Ortiz afirma:

A integração nacional se deu, primeiro, com o dismantelamento dos domínios senhoriais. A extinção dos estamentos sociais eliminou a ordem dos han, base geográfica cujos interesses se encontram prescritos localmente. O fim da era Tokugawa [que precedeu a era Meiji] levou necessariamente a uma redistribuição das terras, vinculando agora cada pedaço de chão à entidade nacional. Segundo, incorporando novos espaços dentro da nação japonesa. Teresa Morris-Suzuki nos mostra que

nos antigos mapas, inspirados na tradição chinesa, o mundo era representado a partir de um centro (ka) em torno do qual um conjunto de círculos indicava um afastamento em relação ao seu núcleo. Essa perspectiva topográfica ka-i, ilustrada nas enciclopédias do século XVIII, mostrava o Japão como um centro circundado por “países estrangeiros” (China, Coreia) em que se escrevia com caracteres chineses e se comia com palitos, e mais distante pelos “longínquos bárbaros” (Java, Holanda etc.) lugares em que se escrevia de forma horizontal e comia-se com as mãos. Nessa divisão geográfica, as ilhas Ryukyu (futura Okinawa) e o país dos ainos (futura Hokkaido) eram “países estrangeiros” (2000, p. 51).

Conforme veremos mais a diante em uma parte do nosso trabalho, há um senso de diferenciação entre okinawanos e japoneses. Não só por esse vínculo ter ocorrido pela anexação durante Meiji, mas por especificidades culturais e históricas como a Batalha de Okinawa (1945), da qual também trataremos mais a diante. Ao considerarmos Okinawa como um lugar específico, mesmo dentro do território nacional japonês, podemos ter uma noção da importância de Funakoshi como um grande responsável por introduzir o *tode* no Japão a partir de Okinawa. Gichin Funakoshi nasceu no primeiro ano do estabelecimento de Meiji, ou seja, em 1868. (FUNAKOSHI, 2014). Nosso intuito de sondar como o karatê é utilizado como meio de afirmação da identidade okinawana frente a japonesa nos leva a considerar a importância desse personagem.

Em sua trajetória de vida, Funakoshi se esforçou para introduzir o karatê de Okinawa para o Japão, segundo relato do próprio Funakoshi (2014), que residiu metade da sua vida em sua terra natal e a outra na terra dos conquistadores. Ele (diferente de muitos outros mestres de Okinawa) declarava adesão ao Japão e ao preceito de uma nação moderna unificada¹ (FUNAKOSHI, 2014; FUNAKOSHI, 2013; FUNAKOSHI, 2000). Dos seus esforços por introduzir o karatê no Japão vieram suas ideias novas sobre a arte marcial, o sonho de unificar as várias linhas do karatê de Okinawa² em um só estilo japonês, cujas nomenclaturas fossem totalmente em nihongo (idioma japonês) e a fundação do icônico Dojô Shotokan, sua escola de karatê em Tóquio que foi destruída nos bombardeios da II Guerra Mundial. (FUNAKOSHI, 2014).

¹ Veremos mais a diante como ele fazia essa declaração nos seus escritos e como isso influenciou, em vários aspectos, seu estilo Shotokan.

² Há até os dias de hoje uma diversidade de estilos tanto no karatê de Okinawa quanto no do Japão, mas não é nosso intuito sondar as prováveis disputas entre os estilos de Okinawa. Nosso objetivo central é observar como o karatê é utilizado para afirmação de identidade okinawana.

Enquanto Funakoshi desenvolvia seu karatê Shotokan (japonês), muitos outros mestres mais jovens e mais velhos em Okinawa continuavam o desenvolvimento das suas próprias linhas, não aderindo às ideias de unificação nacional defendidas por ele ou só aderindo parcialmente. Essa diferenciação estabeleceu de certa forma dois grandes métodos de luta: o karatê japonês e o karatê de Okinawa. Com isso é preciso entender que o karatê não é uma expressão única, mas sim, diversa e bastante ramificada. -Nosso interesse gira em torno da sondagem do karatê de Okinawa como elemento constituidor de uma identidade okinawana que se apresenta enquanto identidade diferente da japonesa através do chamado Karatê Tradicional de Okinawa.

Então, nessa atual etapa da pesquisa, nos interessa observar o karatê como elemento da cultura e da identidade do povo okinawano, como catalisador de discursos que visam tanto a construção dessa identidade quanto uma afirmação de diferença em relação à cultura japonesa. O karatê é algo riquíssimo que poderia ser abordado sob diversas outras perspectivas. Seja pelo aspecto esportivo de mundialização, seja pela imagem expressa pelos filmes de artes marciais ou mesmo pelos critérios de definições entre uma e outra arte marcial (ou ainda os critérios de diferenciações entre os vários estilos de karatê existentes hoje em dia tanto em Okinawa quanto no Japão), o karatê se apresenta como algo intrigante. No entanto, nos interessa nesse momento, analisá-lo como esse elemento catalisador de discursos relativos à identidade e pertencimento.

Assim, procuramos fazer um levantamento sobre como o karatê tem sido utilizado para afirmar a identidade okinawana, para apresentá-la como uma identidade diferente e específica em relação à japonesa e para projetar em uma esfera global suas reivindicações locais. Pudemos observar que essa articulação no Karatê Tradicional de Okinawa se deu em grande parte através da divulgação de Okinawa como o “local do nascimento do karatê” (OKIC, 2018), ao mesmo tempo que mestres importantes ligados ao Karatê Tradicional de Okinawa atrelam sua campanha pelo reconhecimento do karatê de Okinawa como Patrimônio Imaterial da Humanidade à campanha para entrada do karatê como esporte olímpico (SHIMPO, 2019). Diante disso, em ambos casos nos parece que essa dinâmica coloca o estrangeiro como o grande árbitro na questão entre Okinawa e Japão. Entendemos que é para ele que são direcionadas as reivindicações acerca da

especificidade da cultura okinawana em relação ao Japão através do karatê. Por um lado, essas reivindicações do karatê como parte intrínseca da identidade de Okinawa podem representar fissuras na unidade nacional do Estado japonês. Por outro lado, a entrada do karatê nas Olimpíadas de Tóquio representa um esforço em apresentar o karatê como um legítimo esporte japonês pelo Estado, apesar das ramificações.

Para lidarmos com essas questões, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos a ideia de separação cultural entre Okinawa e Japão, bem como alguns traços de uma diferenciação cultural mútua. Para isso vamos abordar um pouco do caráter traumático da Batalha de Okinawa e dos processos de anexação do reino de Ryukyu pelo Japão, assim como a japonização do karatê. No segundo capítulo, vamos abordar o esforço vindo de Okinawa para a promoção do Karatê Tradicional de Okinawa, especialmente a criação do Okinawa Dento Karatedo Shinkokai, órgão máximo de promoção desse tipo de karatê. No terceiro capítulo, vamos abordar as estratégias de afirmação da identidade okinawana por meio do karatê e as características que fazem do Karatê Tradicional de Okinawa um tipo específico, principalmente em relação ao karatê japonês. Nesse capítulo apresentaremos as especificidades do estilo Uechi Ryu de Okinawa. No quarto capítulo tentaremos apresentar as nuances dessa disputa por afirmação agora no terreno da internet, as linhas de apresentação de algumas entidades do karatê de Okinawa, japonês e olímpico na internet. Na última parte do trabalho teceremos as considerações finais.

Para essa abordagem se fez necessário observar as questões em torno da palavra “tradição”. Tanto o karatê de Okinawa quanto o karatê japonês apresentam uma ideia de tradição, mas amparados por diferentes suportes. Apresentaremos a ideia de tradição no karatê japonês mais a frente no trabalho, mas a ideia de tradição ligada ao karatê de Okinawa que utilizaremos aqui se formula no Karatê Tradicional de Okinawa. Consideramos como representantes desse Karatê Tradicional de Okinawa aqueles estilos reconhecidos como tal pelo Okinawa Dento Karatedo Shinkokai. Esse é órgão local formado por mestres okinawanos e encarregado de gerir e promover o chamado *Okinawa Dento Karatedo*, ou Karatê Tradicional de Okinawa (ODKS. Disponível em: <http://www.odks.jp/en/news/>). Veremos que a internet

será um grande palco de reivindicações feitas principalmente em torno dessa ideia de tradição e da divulgação de Okinawa como “o local de nascimento do karatê”.

Outras ferramentas conceituais se fizeram necessárias para abordarmos a relação entre Okinawa e Japão enquanto culturas diferentes. Uma delas é a ideia de japonização. Ela está ligada aos eventos da Revolução Meiji, assim como afirma Renato Ortiz ao definir o conceito:

As tentativas educacionais anteriores [a Meiji] são, portanto, abandonadas e as ambiguidades por ventura existentes removidas, afirma-se sem subterfúgios a importância da tradição, dos princípios da moralidade confucionista e, sobretudo, a necessidade de todos se unirem em torno da figura do imperador. “Japonização” tem, portanto, uma conotação específica. Não se trata pura e simplesmente de rechaçar os elementos vindos do exterior nem de retornar a tradição tal como ela havia prevalecido no passado. Isso seria insensato. “Japonização” significa: a) selecionar e adaptar as influências ocidentais; b) escolher e direcionar parte da tradição na construção da modernidade (ORTIZ, 2000, p. 57).

Consideramos que, ao adaptar o *tode* para os japoneses, Funakoshi tenha feito um processo de japonização. Trataremos das mudanças impressas por Funakoshi ao longo do nosso trabalho. Ainda como Ortiz, optamos por chamar o processo do estabelecimento de Meiji como sendo uma revolução. E a Revolução Meiji, e todas as questões inerentes a ela (especialmente a japonização), nos leva a recorrer ao conceito de *hibridação*.

Nestor Canclini afirma “Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas” (2011, p. 19).

Esse conceito nos é importante para pensar o caso do Karatê Tradicional de Okinawa, enquanto uma manifestação cultural híbrida, não só por ter suas origens ligadas às influências chinesas (ou quem sabe de outras partes da Ásia), mas também por ser uma expressão cultural cada vez mais conhecida e praticada internacionalmente. Assim Canclini nos diz:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se *reconverter* um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado (2011, p. 22).

Nesse sentido, ao considerarmos o karatê uma expressão cultural híbrida, consideramos também sua importância no contexto capitalista, onde tanto as comunidades locais podem se valer dele como meio de obter recursos financeiros (especialmente com o turismo) quanto o Estado japonês por meio da divulgação de uma possível cultura nacional. Nesse caso entra em jogo a questão das Olimpíadas.

Recentemente o karatê entrou como esporte olímpico de exibição para as Olimpíadas de Tóquio³, veremos em uma parte desse trabalho que essa era uma velha reivindicação de setores ligados ao karatê esportivo (principalmente lideranças ocidentais como a WKF – World Karate Federation) mas que, em uma determinada parte da campanha, receberá o apoio de mestres ligados ao Karatê Tradicional de Okinawa. Na análise que apresentaremos sobre isso, mostraremos que esse apoio se dá devido a uma outra demanda de convergência entre local e global: a demanda pelo reconhecimento do Karatê Tradicional de Okinawa como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Essa segunda demanda defendida por mestres locais é vinculada à campanha pela entrada do karatê nas Olimpíadas, conforme demonstraremos a partir das nossas fontes (especialmente o jornal Ryukyu Shimpo).

Dos problemas e dificuldades inerentes à pesquisa certamente os maiores são a barreira linguística que leva ao problema das fontes. Nesse sentido, o jornal Ryukyu Shimpo foi muito importante por possuir edição online e bilíngue japonês/inglês. É um jornal de Okinawa que cobriu e divulgou algumas reuniões acerca dessas demandas e representa, também, um aspecto de internacionalização da cultura okinawana. Outra grande dificuldade encontrada nessa pesquisa diz respeito à pouca historiografia acerca da história do karatê. Muitos trabalhos escritos em português são de pesquisadores do curso de educação física como Tiago Oviedo Frosi e foram, provavelmente, os primeiros no Brasil a desbravar esse tema em uma pesquisa acadêmica. Em língua inglesa também encontramos um número crescente de trabalhos sobre o assunto. Esses trabalhos contribuíram enormemente para essa pesquisa inclusive suscitando questões e novas perspectivas. Além desses trabalhos encontramos no meio não acadêmico publicações sobre o karatê japonês escritas por ícones da arte como Hirokazu

³ Adiadas para o ano de 2021 devido à pandemia de COVID-19.

Kanazawa, Masatoshi Nakayama e o próprio Gichin Funakoshi. Além dos sites das entidades como WKF (World Karate Federation) e JKA (Japan Karate Association), encontramos informações e materiais diversos sobre o karatê de Okinawa como o site Karate By Jesse do Jesse Enkamp e o International Ryukyu Karate Research Society do Patrick McCarthy.

O interesse sobre o karatê e sobre as questões relativas à modernidade nos soou atraente não só por serem questões bastante férteis e pouco exploradas academicamente, mas também pela relação afetiva que temos com o karatê. Nos dedicamos à prática do karatê Shotokan desde 1999 e nos impressionou descobrir, ainda nos primeiros dias de prática, que haviam outros estilos de karatê. É mais incrível ainda saber que muitos deles eram mais antigos que o Shotokan. Ainda que parecesse uma história “obscura, nevoenta, fragmentada e inconclusiva” e, ainda que buscássemos conhecer o máximo dessa arte marcial, nunca planejamos uma pesquisa mais profunda e de nível acadêmico. Porém, à medida que tínhamos acesso a materiais não acadêmicos a respeito da história do karatê e de Okinawa, mais nos foi se revelando a profundidade da questão. Concluimos que uma pesquisa histórica envolvendo o karatê do Japão e de Okinawa poderia ter grande importância social não sendo apenas uma pesquisa que nos traria um enorme prazer pessoal. Ao longo de dois anos, desde o início do curso de Mestrado em História pela PPGH/UFG, alguns acontecimentos foram relevantes. O karatê foi incluso como esporte olímpico de exibição para a Olimpíada de Tóquio 2021, o que gerou uma enorme euforia nos nichos do karatê-esportivo, mas não foi aceito para a Olimpíada de Paris 2024, levando, assim, à uma espécie de anticlímax. Ainda em 2018, tivemos a enorme alegria de iniciar os treinos no estilo Uechi Ryu de karatê de Okinawa bem no momento em que as questões relativas ao assunto estavam cada vez mais intensas. Atualmente, ensinamos karatê estilo Shotokan (japonês) e praticamos estilo Uechi Ryu (okinawano). Isso certamente contribuiu com a pesquisa ao percebermos na prática que o karatê de Okinawa tem algo de intuitivo em sua dinâmica de ensino-aprendizado. Por sua vez o karatê Shotokan se apresenta como um método fundamentado principalmente em formulações bastante racionais na sua dinâmica de ensino-aprendizado. Na prática de ensinar um estilo e aprender outro, pudemos ter de perto uma noção sobre os diferentes modos de vida nas duas culturas. Além de todos esses acontecimentos, houve

ainda com o trágico incêndio no Castelo de Shuri em 2019, onde estavam expostos artefatos históricos de Ryukyu. Por sorte, o incêndio foi parcial e já se iniciam mobilizações para uma reconstrução.

Diante de tantos acontecimentos relativos ao tema esperamos que essa pesquisa contribua de alguma forma para esse debate tão importante que é a relação entre Okinawa e Japão.

Os anos (ainda poucos) de prática e ensino de karatê e o engajamento na pesquisa nos levam a adotar certas posições acerca do problema. Primeiro, o karatê de Okinawa não nega o karatê japonês, nem vice-versa. Ambos podem continuar se desenvolvendo conforme suas próprias propostas, havendo inclusive um certo movimento que vez ou outra se torna mais popular onde mestres do karatê japonês como Hirokazu Kanazawa (anteriormente) e Naka Tatsuya (mais contemporâneo ao nosso trabalho) empreendem visitas e estudos mais ou menos profundos aos estilos de Okinawa, agregando assim outras características aos seus métodos pessoais. Importante salientar que, conforme veremos ao longo do trabalho, Funakoshi – muitas vezes tido como o maior responsável por japonizar o karatê – não busca ocultar as origens chinesas do *tode*. Também entendemos, sobre a aparente oposição entre um karatê-esporte e um karatê arte marcial, que o karatê não é necessariamente um esporte, pois carrega em si dimensões que vão muito além da esfera competitiva (havendo inclusive a funcionalidade enquanto defesa pessoal). Porém isso não anula a legitimidade da face esportiva do karatê. Assim esse aspecto esportivo é legítimo principalmente quando fomentado por instituições sérias (inclusive gerenciadoras do Karatê Tradicional de Okinawa).

Ainda sobre o aspecto da legitimidade, entendemos que é a comunidade okinawana que possui o poder de legitimar o Karatê Tradicional de Okinawa, inclusive de definir quais estilos fazem ou não parte desse tipo de karatê. Sendo uma expressão cultural dessa comunidade, cabe a ela definir os aspectos gerais que compõem e definem essa expressão. Deve ser dela, também, o poder de gerenciar o Karatê Tradicional de Okinawa principalmente no contexto de uma possível exploração desse aspecto cultural como fonte de renda. Assim, com a proeminência da comunidade no gerenciamento dessa expressão cultural, pode ser mais fácil garantir uma preservação efetiva e uma prática sistemática.

2 “OKINAWA NÃO É JAPÃO”

2.1 A modernização do Japão e a japonização do karatê

O processo de modernização do Japão é carregado de simbolismo e narrativas nacionalistas muitas delas transmitidas ao imaginário geral por filmes, *animes*, etc. A imagem recorrente é de um Japão “feudal” que deliberadamente se fechou para o Ocidente por duzentos anos para proteger a pureza da alma nacional e que se abre depois de uma guerra civil. O país então se moderniza tardiamente mas obtém um grandioso sucesso em sua modernização, se configurando como a grande potência da Ásia. Mas o que foi a Revolução Meiji?

Muito mais que uma simples abertura ao Ocidente, a Revolução Meiji (1867) foi um processo de profundas mudanças em várias camadas da vida japonesa e em vários aspectos da sociedade.

O conservadorismo imposto pelo clã Tokugawa durante a Era Edo (1600 – 1868) realmente levou ao fechamento dos portos para nações estrangeiras (com exceção da Holanda) como uma tentativa de preservação e manutenção do *bakufu* ou xogunato⁴. Foi um período onde foi rechaçada a entrada de muitas influências estrangeiras. Conforme Ortiz nos afirma:

Durante a era Tokugawa as trocas comerciais restringiam-se ao porto de Nagasaki, onde uma pequena representação holandesa tinha permissão para realizar seus negócios. Mas a ideia de isolamento nos dá uma falsa impressão dos acontecimentos. Ela nos induz a pensar o Japão como uma unidade geográfica que sempre soube “resistir” aos impactos vindos de fora. O que é enganoso. (...) a política de restrição comercial inaugurada pela dinastia Tokugawa foi possível na medida em que o Japão era um país periférico à economia-mundo capitalista (ORTIZ, 2000, p. 43-44).

Esse modelo entrou em crise por diversos fatores que vão desde a abertura dos portos forçada pela marinha estadunidense em 1853 até uma excessiva burocratização na política do país, onde famílias nobres detinham grande poder político e a expansão econômica dos países ocidentais. Sobre isso Ortiz escreve:

As novas condições econômicas e tecnológicas dão à política expansionista ocidental uma base concreta de atuação. O capitalismo industrial deixa pouca liberdade aos desígnios do xogunato, e a partir de 1840 torna-se impossível ao Japão manter o equilíbrio anterior. A assinatura dos ‘tratados desiguais’ foi a forma encontrada de se inserir subalternamente no contexto da ordem internacional” (p. 44).

⁴ Sistema hierárquico onde o xogun detém o poder político e militar do país delegando aos *daymio* o controle de terras e o direito de exploração delas. (ORTIZ, 2000)

Ortiz ainda nos fala sobre como uma interpretação histórica mais tradicional ligada à *kokugaku* (Escola do Aprendizado Nacional):

Para a historiografia conservadora, Meiji será considerado uma restauração e não um tempo de mudanças. Nesta perspectiva, a velha ideologia *kokugaku* desempenha um papel crucial. A “Escola de Aprendizado Nacional” (século XVII) tinha como objetivo principal resgatar os valores “essencialmente” japoneses num momento em que a presença da China lhe parecia indesejável. A polêmica com os confucionistas tinha várias frentes, sendo uma delas o papel político do imperador. Os nativistas, olhando para a civilização chinesa, diziam que aí várias dinastias haviam sucedido umas às outras, levando o país à desordem e ao caos. O caso do Japão teria sido diferente, pois desde a época Yamato o povo japonês teria reverenciado com ardor uma única casa dinástica. O imperador seria o descendente legítimo das divindades xintoístas. Ele representaria fielmente os ideais sagrados, daí provindo a força da sua autoridade. Os nativistas recusavam a ideia de um “mandato celeste”, maneira pela qual o neoconfucionismo justificava o poder militar. (...). O pensamento nativista, ao desconfiar da teoria do “mandato celeste”, introduz uma sutil diferença em relação à legitimação do poder. Ele preserva a dicotomia entre imperador e xogum, mas inverte o raciocínio anterior: o imperador é a fonte de legitimidade que investe o bakufu de poder. (...). Meiji abre a possibilidade para que as lembranças do passado voltem a eclodir. A ideologia *kokugaku* será reativada, reelaborada e, em 1870, o governo declara o xintoísmo a religião do Estado. A nova autoridade, moderna e industrializante, encontra sua justificativa no pretérito. O imperador, supostamente o descendente direto da divindade Amaterasu, torna-se o elemento unificador da nação. Tudo se passa como se o poder imperial, usurpado pela liderança militar, reemergisse séculos depois. Íntegro, imaculado, intacto (2000. p. 51, 52).

O processo foi chamado por alguns como “Restauração Meiji” pois um grupo de “restauradores” entrou em conflito aberto com os “reformadores”, ambos com perspectivas diferentes e projetos diferentes de futuro. Os reformistas tentavam superar os problemas políticos e sociais do regime por meio de uma reforma no sistema, enquanto os restauradores buscaram uma mudança mais radical inspirada na restauração do poder imperial (WILSON, 1981). A solução dos restauradores em reestabelecer o poder do imperador, destituindo o bakufu e restaurando a monarquia, inicia assim um processo de modernização legitimada através da figura imperial. Vencida a guerra civil (ou Guerra Boshin) de 1868 – 1869 o novo regime se consolidou e uma série de mudanças passam a ser empregadas no sentido de reafirmar uma unidade política, territorial e cultural dentro dos ideais do Estado nacional moderno. (WILSON, 1981).

Sobre a questão da identidade japonesa, Renato Ortiz aponta à busca por coesão empreendida pelo Japão da Era Meiji, e dos anos seguintes:

Meiji significa modernidade e unidade nacional. A ordem tradicional é desorganizada e em seu lugar surgem arranjos sociais de outra natureza. Não se trata apenas de uma revolução industrial, um profundo movimento de integração rearticula os elementos da sociedade japonesa no seio de uma nova totalidade (...). Integração econômica, estabelecendo a existência de um mercado e de uma moeda nacional. Integração linguística, pois o Japão tradicional convivia com diferenças dialetais consideráveis (2000, p. 50).

Em nome dessa coesão, Meiji precisava exercer um papel conciliador entre a doutrina de pureza racial nipônica, apontada por Kate Barclay (BARCLAY, 2006), e a política de abertura ao Ocidente, e tinha potencial para essa mediação. Esse potencial estava no interior do próprio movimento Meiji, pois o novo governo se legitimava diante da figura central do imperador, símbolo dessa pureza racial historicamente buscada, ao mesmo tempo em que praticava a política de abertura. Mas na Era Meiji, e nos anos seguintes, o Japão não só se abriu ao Ocidente como também absorveu informações, modelos e conhecimentos técnicos das potências modernas ocidentais⁵. E é essa necessidade - de conciliar a profunda absorção de cultura e técnica estrangeiras com a crença numa unidade racial e cultural - que se impõe. Contudo, pode-se estabelecer ainda um outro ponto de tensão entre a doutrina de pureza racial e as propostas de modernidade.

A Era Meiji representa e enfatiza uma reconfiguração territorial ao absorver as ilhas Hokkaido (ou país dos Ainu) e anexar as Ryukyu por meio da criação da prefeitura de Okinawa (ORTIZ, 2000). Sendo um território dominado pelo clã Shimazu ainda na lógica do Japão “feudal”, Okinawa foi anexada pelo novo governo em forma de uma prefeitura (ou província). Teoricamente, o Japão tornava-se maior tendo Okinawa como parte de si, mas na prática o ultranacionalismo japonês tendeu a tratar os okinawanos como japoneses inferiores (ou como não japoneses) (SOUZA, 2009. BARCLAY, 2006). Esse ultranacionalismo pressupunha a existência da nação japonesa antes da modernização, de uma unidade racial, social e nacional antiquíssima que impulsionava e justificava essa tentativa de preservação da pureza. (ORTIZ, 2000). Contudo, Ortiz sustenta que a nação só se estabelece de fato com a modernidade. Apenas no momento da modernidade no Japão, as condições para o nascimento da nação se reúnem, como unidade linguística,

⁵ Ortiz aponta o mimetismo japonês como uma necessidade estabelecida pela busca da industrialização. As técnicas vinham de diferentes locais: modelo de bancos da Bélgica, exército da Alemanha, escola primária dos Estados Unidos... um mimetismo onde o Japão absorve e depois adapta a técnica as suas necessidades. Ortiz chama isso de “japonização” (p. 54, 57)

unidade territorial e governo central⁶. Seguindo essa linha de interpretação, entendemos que há uma reconfiguração do passado por parte dos ultranacionalistas ao estabelecer a existência da nação japonesa antes que essa de fato viesse a se formar. O governo instalado em Meiji também faria parte dessa reconfiguração passadista: “Como bem aponta Robert Smith, Meiji ‘cria’ outra tradição. O passado convenientemente lido pela ótica do presente, se apresenta como um *continuum* que teria sempre existido. A memória nacional ‘inventa’ seus mitos” (ORTIZ, 2000. P. 52).

Conforme citado anteriormente, o novo governo se legitima através da figura do imperador. A crise social que precedeu Meiji levou muitos japoneses a várias peregrinações a locais sacralizados que se referiam à antiga linhagem imperial. Acreditava-se que na lendária linhagem imperial residia a salvação para a situação crítica que a esfera sociopolítica enfrentava (WILSON, 1981).

Com o início da Era Meiji, temos assim o estabelecimento da nação moderna japonesa, unificada em termos de mercado, política, linguística e articulada com os países estrangeiros. (ORTIZ, 2000; WILSON, 1981). As doutrinas da Escola de Aprendizado Nacional (*kokugaku*) que propagaram o discurso nacionalista e essencialista foi um esforço em busca dessa unidade ideológica em torno da nação. Em nome dessa unidade, buscou-se adaptar (ou japonizar) os vários traços culturais, técnicos e modelos de gestão aprendidos de nações estrangeiras bem como adaptar as práticas antigas às necessidades modernas do país. (ORTIZ, 2000). Nesse contexto, as artes marciais e toda a cultura samurai tiveram que ser reconfiguradas para o “novo” Japão onde as armas de fogo e um exército nacional detinham agora o monopólio do uso da força. A cultura samurai (*bushidô*) e suas técnicas de combate foram então realocados do campo prático para o campo cultural. Assim temos a transfiguração do *bujutsu* (武術) para o *budô* (武道). Como afirmam Carlos Martins e Cláudia Kanashiro:

O Budô grafado pelos caracteres 武道 significa caminho ou via marcial. Trata-se das artes ou caminhos marciais de origem japonesa considerados

⁶ ‘Diferentemente do Estado, no qual a coesão se estabelece por meio da força e da coerção administrativa, a nação se funda em vínculos sociais de outra natureza. Nesse sentido, não há ‘nação’ japonesa antes da Revolução Meiji; para falarmos como Hobsbawm, ela é uma “novidade histórica” (ORTIZ, 2000, P. 47).

como a versão moderna do antigo Bujutsu 武術 (técnica marcial), denominadas artes marciais clássicas, ou, tradicionais (2009, p. 9).

Bujutsu pode ser entendido como o conjunto de técnicas de combate dos samurai, envolvendo várias habilidades como o uso de diversas armas (e não somente a famosa katana ou espada samurai), combate desarmado, uso de cordas, etc. Compreendendo todo um universo de estilos diferentes (havendo inclusive vários estilos diferentes para uma mesma arma), o *bujutsu* fazia do samurai um verdadeiro guerreiro de elite do Japão pré-Meiji. O objetivo fundamental da prática do *bujutsu* era, obviamente, a eficiência em batalha. Com a Revolução Meiji houve o fim da casta samurai, mas sendo Meiji uma rearticulação nacional a partir de uma narrativa tradicionalista, a cultura samurai (ou seja, o *bushidô*) foi adaptado. Agora o conjunto de técnicas antes exclusivas aos guerreiros nobres vai passar a ser ensinadas em escolas, universidades e *dojo*, tentando garantir assim a preservação da cultura samurai como expressão de japonidade. (MARTINS, KANASHIRO, 2009; GOMES, 2008).

Parte dessa adaptação está na substituição do sufixo *jutsu* pelo sufixo *do*. Isso significa que as artes marciais que antes eram vistas apenas como uma técnica (como o termo *jutsu* sugere) agora são vistas como um “caminho espiritual” onde o objetivo final da prática da arte marcial em questão não era mais a aniquilação do oponente em um combate, mas sim o cultivo de valores éticos e morais, de civilidade e honra. (GOMES, 2008). Na prática, utilizou-se uma expressão cultural do “antigo” Japão que de certa forma poderia servir de empecilho para a modernização (desde empecilhos retóricos até mesmo a possíveis resistências armadas contra o novo regime) e transformou-a numa aliada do “novo” Japão ao reafirmar a identidade nacional e ainda reforçar o trabalho educacional. A contribuição do *budô* para o Estado japonês de fins do século XIX e início do XX foi considerável inclusive no esforço das guerras imperialistas empreendidas pelo Japão na Ásia. O *budô* então se torna o herdeiro oficial do antigo *bujutsu* que era a expressão técnica do *bushidô* ou cultura samurai. (MARTINS, KANASHIRO, 2009).

De um modo geral muitos estilos e artes marciais tiveram seus métodos padronizados, modernizando o ensino agora adaptado às escolas e padronizando também as licenças para ensinar, por exemplo. O mais emblemático caso dessa adaptação de *jutsu* para *do* é o exemplo do judô. (KANO, 2015).

Um dos métodos de luta desarmada praticada por samurais era o *ju jutsu*, que consiste em torções, quedas, imobilizações e pancadas no corpo. Diante das novas mudanças, o erudito educador e praticante de *ju jutsu* Jigoro Kano (1860 – 1938) empreendeu um grandioso trabalho de adaptação do *ju jutsu* para o ensino escolar e depois para a esportivização. Essa adaptação transformou *ju jutsu* em judô, onde o sufixo *do* corresponde à elevação ética e moral dos praticantes. O sucesso de Kano foi enorme pois suas mudanças preservavam o “espírito” marcial dos samurais ao mesmo tempo que o colocava a serviço das novas aspirações nacionais seja na escola, no treinamento dos exércitos ou das polícias. Kano também teve sucesso em desenvolver um sistema de pontuação para competições de judô, padronização dos uniformes de treino (os *dogi*) e o uso das faixas coloridas para indicar a graduação dos praticantes. Seu *dojo*, o Kodokan, ainda é uma das mais respeitadas escolas de artes marciais do mundo (KANO, 2015).

Kano teve grande importância na japonização do karatê, que teve como principal representante aquele que se tornaria próximo de Kano: Gichin Funakoshi⁷. Funakoshi deu continuidade ao processo de modernização do *tode* okinawano iniciado principalmente pelo seu mestre Anko Itosu (o primeiro a ensinar *tode* nas escolas okinawanas e criador de métodos que facilitavam a compreensão da arte pelos iniciantes). Acabou então partindo para o Japão com a dura missão de ensinar *tode* aos japoneses, receber deles uma aceitação e ver o *tode* sendo considerado uma verdadeira arte marcial japonesa. Entre as mudanças estabelecidas por Funakoshi temos a célebre transformação no nome da arte. Assim como Kano criou o termo judô para seu método de *ju jutsu*, Funakoshi vai estabelecer o termo “Karatê-Dô” para a arte que inicialmente era chamada *tode* ou às vezes *tode jutsu*.

⁷ Essa amizade levou Kano a apresentar Funakoshi a pessoas de grande prestígio político e social ajudando a estabelecer o karatê no Japão. Sobre o interesse de Kano no karatê, Funakoshi narra em sua autobiografia os momentos seguintes à sua primeira demonstração de karatê no Japão: “Eu havia planejado voltar à minha ilha nativa imediatamente depois da demonstração, mas adieei quando Jigoro Kano, presidente da Kodokan Judo, me pediu para proferir uma palestra sobre a arte do karatê. Hesitei inicialmente, não me sentindo suficientemente preparado, mas devido ao favor de Kano concordei em demonstrar-lhe alguns katas. O lugar seria a própria Kodokan, e eu tinha pensado que apenas um grupo muito pequeno, provavelmente constituído pela equipe de instrutores seniors, estaria presente na apresentação. Para meu grande espanto, havia mais de cem espectadores esperando quando cheguei.

(...) Kano me perguntou quanto tempo seria necessário para dominar os katas que estivemos demonstrando. ‘Um ano pelo menos’ respondi. ‘Ah isso é muito tempo’ disse ele. ‘Você poderia ensinar-me apenas alguns dos mais básicos?’.

Simple professor de província, senti-me muito honrado por esse pedido de um grande mestre de judô como Kano, e, assim, é claro que concordei” (FUNAKOSHI, Gichin. Karatê-Do. O meu modo de vida. P. 81, 82. 2014).

Em um panfleto datado de 1926 apresenta-se sete pontos para o treinamento do *tode*. Nesse panfleto o nome da arte é grafado como *tode jutsu* e é atribuído ao mestre contemporâneo de Funakoshi, Choki Motobu. (ENKAMP. Disponível em: Karate by Jesse)⁸. Motobu usa o termo *jutsu* também no título do seu livro *Watashi No Karate Jutsu* publicado em 1932.

Em seu esforço por divulgar o karatê no Japão, Funakoshi articulou um intricado discurso onde adere à modernidade japonesa iniciada em 1867 na Revolução Meiji. Seu karatê, o chamado Karatê-Dô, estava em consonância com vários aspectos dessa modernidade seja na questão da unidade territorial com Okinawa, seja no olhar que se lança ao futuro, conforme veremos a seguir.

O terceiro livro de Funakoshi, *Karate-Do Kyohan*, foi um notável esforço para compilar seu projeto de karate, de apresentá-lo ao japonês urbano e de torná-lo “aceitável”. Escrito em 1936 esse foi o terceiro livro de Funakoshi, mas talvez tenha sido o mais importante pois apresenta mudanças irreversíveis no processo de incursão do karate no Japão. É nessa obra que ele apresenta a mudança conceitual de *tode* ou karatê⁹ 唐手 (Mãos Chinesas) para *Karatê-Dô* 空手道 (Caminho das Mãos do Vazio):

O Karate-Do é uma arte marcial própria de Okinawa, onde teve sua origem. (...) nos últimos mil anos, ele foi aperfeiçoado mediante o estudo e prática de mestres e especialistas de Okinawa. Portanto não há nenhuma distorção em apresentá-lo como uma arte marcial de Okinawa. (...) para seguir a tradição, o autor continuou no passado utilizando o ideograma 唐. Entretanto, em consequência das frequentes confusões com o boxe chinês e pelo fato de a arte marcial de Okinawa agora ser uma arte marcial japonesa, é inapropriado e, em certo sentido, degradante continuar utilizando o 唐 no nome. Por essa razão, apesar de muitos protestos, abandoamos o uso do 唐 e o substituímos por 空 (FUNAKOSHI, 2000, p. 21, 22).

⁸ Disponível em: <https://www.karatebyjesse.com/7-points-of-karatejutsu-by-motobu-choki/>, acesso em 24 out. 2015.

⁹ A fonética “kara” tem tanto o significado de “vazio” e de “China”. A arte marcial de Okinawa era chamada *tode* em uchinaguchi, o idioma local, e pode ser traduzida como “mão da China” (唐手). Em nihongo, o idioma japonês o *tode*/mão da china é lido *karate*. Mas antes mesmo de Funakoshi havia alguns praticantes de *tode* que o chamavam *karate* e escrevia o nome da arte como “mãos do vazio” (空手). O “vazio” (空) nesse caso é um importante conceito filosófico budista de vacuidade. Funakoshi então se empenha para oficializar a mudança do nome da arte como parte da sua japonização. O que era “mãos da China” agora é “mãos do vazio”.

Enfatiza, pois, a união territorial de Okinawa ao Japão ao expor: “(...) a arte marcial de Okinawa agora ser uma arte marcial japonesa (...)” (FUNAKOSHI, 2000, p. 22). Mais uma vez observamos a aderência de Funakoshi às mudanças trazidas pela Era Meiji, nesse caso, no que diz respeito à unidade territorial e cultural do Japão. Se a Okinawa do passado era um reino à parte do Japão e da China, a Okinawa do presente era japonesa, ou ao menos deveria se tornar.

Mesmo não sendo uma arte marcial de origem samurai, mesmo tendo a origem estrangeira e okinawana (portanto, “inferior”) Funakoshi insiste em chamar sua forma de interpretação do karatê como Karatê-Dô. Enfatiza aspectos moralmente elevados atrelados ao karatê através da sua concepção como um tipo de *do*:

Aquele que treina verdadeiramente esse *dô* e realmente compreende o Karate-Dô, nunca irá facilmente envolver-se numa briga. Um ataque ou um simples chute pode determinar a vida ou a morte. A devida aplicação do karate ocorre apenas naquelas raras situações em que se deve derrubar alguém ou ser derrubado por ele. Uma situação dessas é vivenciada por uma pessoa comum possivelmente uma vez na vida; portanto, uma oportunidade para se usar as técnicas do karate pode ocorrer apenas uma vez na vida (Funakoshi, 2000, p. 23).

Além de modificar o nome da arte, Funakoshi empenha uma série de outras adaptações das quais trataremos algumas no decorrer desse trabalho. Seu intuito de japonizar o *tode* obteve sucesso principalmente quando a Dai Nippon Butokukai (órgão máximo que gerencia as artes marciais “tradicionais” do Japão, fundado em 1895) reconheceu o karatê Shotokan (estilo desenvolvido por Funakoshi) como uma arte marcial japonesa. Para isso, no entanto, a Butokukai impôs que o karatê aplicasse uma padronização análoga à do judô com o uso dos *dogi*, das faixas coloridas para indicar o grau e documentação comprobatória que permitisse a um praticante lecionar. (McCARTHY, 1995).

Com a formação da JKA (Japan Karate Association) em 1949 por alunos mais velhos de Funakoshi, as novas gerações de praticantes japoneses são reunidas oriundas principalmente das universidades. A entidade então será a primeira a estabelecer um curso intensivo para instrutores (o *kenshusei*) e a enviar muitos desses instrutores para outros países iniciando assim a internacionalização

sistemática do karatê japonês. Após a morte de Funakoshi (1957) os primeiros campeonatos de karatê são realizados dando início assim a etapa de esportivização da arte. (JKA. Disponível em site JKA - History)¹⁰.

Ao mesmo tempo que a japonização do karate acontecia, o karatê de Okinawa também se adaptava aderindo ao uso do dogi e das faixas, no entanto sem aderir à proposta de Funakoshi de unificar todas as linhas de *tode* em um só estilo de karatê japonês. Interpretamos que Funakoshi era partidário da nação unificada e, em certo nível, do discurso de homogeneidade. Um dos vários indícios que apontam isso está na passagem citada anteriormente sobre a mudança no ideograma da arte. Quando Funakoshi afirma “*a arte marcial de Okinawa agora ser uma arte marcial japonesa*” ele sugere uma aderência à unidade cultural. Mesmo em idade avançada e mesmo após as experiências que o país sofreu na II Guerra, ele expressava simpatia com o símbolo maior da unidade nacional: o imperador¹¹ (ORTIZ, 2000). Conforme ele mesmo cita:

Logo ao levantar, espano a poeira que pode ter se depositado sobre o retrato do imperador Meiji em trajes de corte, um retrato que me foi dado por meus filhos, ou sobre o de Takamori Saigô, o estadista e soldado de Meiji. Este último me foi presenteado por seu neto Kichinosuke Saigô. ” (FUNAKOSHI, 2014, p, 106).

Ainda sobre a relação de Funakoshi com a figura do imperador, seu aluno Genshin Hironishi escreve no prefácio do *Karatê-Dô, o Meu Modo de Vida - a autobiografia do mestre*:

No decorrer do livro, Funakoshi descreve alguns dos seus hábitos diários. Por exemplo, a primeira coisa que fazia ao se levantar pela manhã era escovar e pentear o cabelo, um processo que às vezes ocupava uma hora inteira. Ele costumava dizer que um samurai deve estar sempre limpo. Depois de tornar-se apresentável, voltava-se na direção do Palácio Imperial e inclinava-se profundamente; em seguida, voltava-se na direção de Okinawa e fazia inclinação semelhante. Só depois de concluir esses ritos todos é que tomava seu chá matinal (p. 10).

Outro indício que reforça a ideia de que Funakoshi não só não se opunha à ideia de unidade territorial japonesa, mas, inclusive, era favorável a ela, está em outra passagem da sua autobiografia, onde Funakoshi narra suas diferenças com a

¹⁰Disponível em: <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/history/#:~:text=The%20JKA%20was%20founded%20in,greatest%20heroes%20of%20Meiji%20Japan,> acesso em 25 jan. 2020.

¹¹ Conforme dito anteriormente sobre a importância da figura do imperador na Revolução Meiji.

geração anterior. Ilustrada pelo conflito em torno do nó no cabelo, adereço tradicional que o regime Meiji se esforçou para abolir, a adesão de Funakoshi ao novo regime acaba sendo declarada:

Entre as muitas reformas instituídas pelo novo governo Meiji durante os primeiros vinte anos de sua existência estava a abolição do birote, um estilo de cabelo masculino que fora elemento tradicional da vida japonesa por tão longo tempo que ninguém poderia imaginar. De modo particular em Okinawa, o birote era considerado um símbolo não simplesmente de maturidade e virilidade, mas de masculinidade propriamente dita. Como o decreto que baniu o cultuado birote abrangia o país todo, houve oposição a ele em todo o território, mas em nenhum lugar, penso, as linhas de batalha foram tão impetuosamente estabelecidas quanto em Okinawa (...).

Visto que tanto meu avô como Azato [um dos mestres de Funakoshi] haviam me ensinado os clássicos chineses desde a infância, decidi fazer uso desse conhecimento tornando-me professor (...). Minha primeira experiência como responsável por uma sala de aula aconteceu em 1888, com a idade de vinte e um anos.

Mas o birote ainda me importunava pois, antes de ser autorizado a assumir minhas funções, fui solicitado a livrar-me dele. Isso me pareceu plenamente razoável. O Japão vivia então um momento de grande efervescência, mudanças importantes ocorriam em todas as partes, afetando cada faceta da vida. Como professor, senti que tinha a obrigação de ajudar a geração mais jovem, que um dia forjaria o destino da nossa nação, a preencher as enormes lacunas que se escancaravam entre o Japão velho e o novo (FUNAKOSHI, 2014, p. 17-20).

Porém em Okinawa continuará a haver resistência contra a unidade territorial e parte dessa resistência cultural virá através do karatê de Okinawa.

2.2 Dominação sobre Ryukyu

Segundo diversos autores, como Barclay (2006), Hook & Siddle (2003) e Kanashiro (2009), durante séculos o arquipélago de Ryukyu foi o cenário de intensas e ricas trocas comerciais entre China e outras regiões da Ásia, o que explica parcialmente sua complexa cultura. Muito antes de sofrer a dominação e posterior anexação pelo Estado japonês, o arquipélago de Ryukyu passou por conflitos internos e ataques externos (o que muito provavelmente influenciou no desenvolvimento e aprendizado de artes marciais).

Antes de unificar-se como um reino, o arquipélago era dividido em três reinos com governos próprios, Hokuzan no Norte, Chuzan no centro e Nanzan no Sul que ocasionalmente entravam em conflitos entre si. Houve então uma guerra aberta entre os três reinos pelo controle total do arquipélago. O grupo que conquistasse a ilha central de Okinawa provavelmente teria vantagem em conquistar o restante do

arquipélago e foi o que aconteceu quando o líder militar Sho Hashi depôs o rei de Chuzan e unificou os três reinos através de campanha militar em 1429, criando o reino de Ryukyu e estabelecendo sua capital na ilha de Okinawa (TURNBULL, 2009, P. 7,8).

A partir de então, o povo das Ryukyu, que compartilhavam entre si traços culturais, passa a compartilhar também um mesmo sistema político unificado. Como prova da amizade e reconhecimento da China, Sho Hashi foi presenteado com sua famosa coroa pelo imperador chinês Ming Xuande (KANASHIRO, 2007). Já em relação ao Japão, o reino de Ryukyu será reivindicado antes mesmo da Revolução Meiji.

A ilha de Okinawa foi anexada pelo clã Shimazu no ano de 1609. Esse processo foi levado a cabo por Idehisha Shimazu (1576 - 1638), o *daimyo* de Satsuma. Findada uma longa guerra civil e com a vitória de Ieyasu Tokugawa em 1603, estabelece-se um novo *bakufu* ou xogunato¹², que durará até o início da Revolução Meiji. Portanto Satsuma era um *han*. (TURNBULL, p. 10). Localizado na parte sul do Japão, não muito distante do arquipélago de Ryukyu, Satsuma, sob o comando de Idehisha Shimazu, invadiu o reino e submeteu o território ao seu domínio como cumprimento de um antigo título concedido a Tadahisha Shimazu, ancestral de Idehisha (p. 07).

A crença gira em torno de um personagem histórico, um samurai chamado Minamoto Tametomo (1139 – 1170) que teria lutado numa contenda política. No fim da contenda Tametomo foi exilado e samurais teriam sido enviados para matá-lo. Tametomo teria fugido e por fim praticado o *seppuku*, suicídio ritualístico samurai. Mas uma lenda alternativa conta sobre ele ter fugido para Okinawa se tornando o ancestral dos reis de Ryukyu (TURNBULL, 2009). Para Turnbull a importância

¹² Muitos textos consideram o xogunato um tipo de sistema feudal japonês. É comum encontrar textos em que se lê termos como “Japão Feudal”. Mas há teóricos que enfatizam o caráter específico do xogunato e rejeitam o uso do termo “feudalismo”. Não nos interessa entrar nessa discussão agora, mas é preciso esclarecer que no caso japonês o que muitas vezes é chamado *feudo* é correlativo a um *han*. Han era um território controlado por um aristocrata guerreiro cujo termo é *daimyo*. Os *daimyo* por sua vez prestavam lealdade ao *xogum* que detinha poder político e certo poder militar. Esse sistema foi estabelecido em 1192 por Minamoto Yoritomo, que estabeleceu o *Kamakura Bakufu* ou Xogunato de Kamakura. Também é importante ressaltar que um *han* era um território que tinha pouco contato com outro, havia um controle sobre quem saía e entrava em um *han*. Por isso não havia unidade territorial no Japão dos xoguns. (ORTIZ, 2000).

política dessa lenda é grande pois liga a formação da Casa Real de Ryukyu ao Japão insinuando que o arquipélago sempre foi de direito do Império Japonês e legitimando a invasão e posterior anexação pelos japoneses. A primeira insinuação de posse foi datada de 1206 quando Tadahisha Shimazu (filho ilegítimo do primeiro shogun Minamoto Yoritomo e que recebeu as terras do sul bem longe da então capital Kamakura - mas próximas das Ryukyu) garantiu a si o título de “Senhor das Doze Ilhas” numa imprecisa alusão às Ryukyu. O pai de Tadahisha – o xogun Minamoto Yoritomo – era sobrinho do distante Tametomo (TURNBULL, 2009). Mas apenas em 1609 ocorre a invasão como forma de exercer um suposto direito da família Shimazu reclamado por séculos antes. A Revolução Meiji reafirma então a invasão de Satsuma e anexa as Ryukyu no território do Estado japonês sob a configuração de uma prefeitura (província).

Essa anexação pelo Estado japonês (amparada também por essa antiga lenda, mas principalmente pelo ideário de unidade territorial nacional) reforçou uma visão de superioridade dos japoneses em relação aos okinawanos e uma busca por homogeneizar a cultura por meio da imposição (HOOK, SIDDLE. 2003).

Conforme Yoko Souza nos apresenta:

Na construção do imaginário nacional japonês impera a ideologia da homogeneidade. Assim a imagem Oficial que o Estado Nacional japonês apresenta com relação ao quadro étnico demográfico do país é de uma nação sem diversidade étnica. O posicionamento dos japoneses com relação às minúcias de pertencimento identitário diferenciado se constitui em uma tentativa de invisibilizar toda e qualquer diferença étnica, social e cultural. (SOUZA, 2009, p., 27).

Essa tendência à imposição cultural sobre as minorias é um elemento a mais que reforça a especificidade da cultura okinawana e seus esforços para afirmar sua identidade, principalmente em relação aos japoneses, em dizer que “Okinawa não é Japão” (SOUZA, 2009) e muitas vezes essa afirmação é feita através do Karatê Tradicional de Okinawa.

Kate Barclay aponta que no Japão de forte influência confuciana a relação dominador/dominado era orientada pela noção de “civilizado/bárbaro” (BARCLAY, 2006). Estabelecia-se o nível de civilização através da distância que determinada região ficava de um centro específico. Assim o fator geográfico era o grande

determinante¹³. Com a Revolução Meiji o Japão se volta ao Ocidente e o conceito espacial de civilizado/bárbaro é substituído pelo conceito moderno e cronológico de “atrasado/avançado” (2006, p. 120). Num primeiro momento considerada bárbara pela sua distância em relação ao Japão e, num segundo momento sendo considerada atrasada em relação à grande marcha moderna, Okinawa teria que sofrer intervenções para seu próprio avanço segundo esse ideário. Barclay aponta detalhes sobre o *Ryukyu Shobun* – o processo de incorporação de Okinawa pela nova nação japonesa (BARCLAY, 2006). Esse processo, entre outras coisas, preconizava uma série de adaptações que os okinawanos deveriam sofrer para tornar-se “civilizados”. Assim o *Ryukyu Shobun* era guiado pela interpretação de okinawanos como atrasados, preguiçosos e pouco higiênicos em comparação aos japoneses, trabalhadores, racionais e limpos. Mudanças como tentativa de controle linguístico da região (proibindo o uso do *uchinaguchi*, o idioma de Ryukyu) além de mudanças no tratamento médico e a proibição de pés descalços foram ações tomadas para “modernizar” Okinawa (BARCLAY, 2006). Algo análogo talvez possamos encontrar no Brasil do início do século XX com as teorias de branqueamento e a inferiorização do interior/sertão em relação às capitais/litoral.¹⁴

Esse estigma de bárbaros ou atrasados foi parcialmente comprado por okinawanos. Barclay cita as análises do japonólogo Tomyama Ichiro que analisou as ideias do antropólogo okinawano Iha Fuyû. Fuyû atuou no final do século XIX e início do XX e as ideias modernas acerca do sujeito okinawano influenciaram suas interpretações. Nessa época os nativos de Taiwan, povos do norte das Filipinas e demais povos asiáticos não totalmente alinhados às prerrogativas modernas eram chamados *seiban* (bárbaros). Iha e o antropólogo japonês Tori Ryuzo – do qual Iha

¹³ Sobre o assunto Ortiz infere: “Teresa Morris-Suzuki nos mostra que nos antigos mapas, inspirados na tradição chinesa, o mundo era representado a partir de um centro (ka) em torno do qual um conjunto de círculos (i) indicava um afastamento em relação a seu núcleo. Essa perspectiva topográfica ka-i, ilustrada nas enciclopédias do século XVIII, mostrava o Japão como um centro circundado por ‘países estrangeiros’ (China, Coreia) em que se escrevia com caracteres chineses e se comia com palitos, e, mais distante, pelos ‘longínquos bárbaros’ (Java, Holanda, etc.) lugares em que se escrevia de forma horizontal e comia-se com as mãos. Nessa divisão geográfica as ilhas Ryukyu (futura Okinawa) e o país dos ainos (futura Hokkaido) eram ‘países estrangeiros’ “ (2000. P 51).

¹⁴ Uma interessante publicação que exprime essas características é a publicação *Jeca Tatuzinho* de Monteiro Lobato para divulgação de fortificantes dos Laboratórios Fontoura. No almanaque ilustrado, o personagem (Jeca Tatu) vivia fraco, doente e sem ânimo para trabalhar pois andava descalço. O “caipira” era pobre devido às más condições de saúde e higiene sendo curado por orientações médicas que envolvia o uso de calçados. Por fim o personagem enriquece se tornando um grande fazendeiro civilizado. (1973)

era assistente – se dedicaram a estudar e definir a cultura okinawana. Tori e Iha não vinculam os okinawanos aos *seiban*, mas também não se esforçam para diferenciá-los. Mesmo tendo uma cultura notadamente peculiar os okinawanos são forçosamente vinculados aos japoneses, provavelmente por compartilharem agora uma mesma nação. (BARCLAY, 2006).

Ao analisar as questões identitárias relativas às diferenciações entre sérvios e croatas Kathryn Woodward afirma:

(...) por um lado, a asserção da diferença entre sérvios e croatas envolve a negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos. O sérvio nega aquilo que ele percebe como sendo a pretensa superioridade ou vantagem dos croatas, os quais são, todos, reunidos sob o guarda-chuva da identidade nacional croata, constituindo-os assim como “estranhos” e como “outros”. A diferença é sustentada pela exclusão: se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa. Por outro lado, essa afirmação da diferença é problemática também para o soldado sérvio. No nível pessoal, ele está certo de que os croatas não são melhores que os sérvios; na verdade, ele diz que eles são a mesma coisa. Ignatieff [o escritor que narra a entrevista com soldados sérvios] observa que essa “mesmidade” é o produto da experiência vivida e das coisas da vida cotidiana que os sérvios e os croatas têm em comum. Essa disjunção entre a unidade da identidade nacional (que enfatiza o coletivo “nós somos todos sérvios”) e a vida cotidiana cria confusão para o soldado que parece se contradizer ao afirmar uma grande diferença entre os sérvios e os croatas e, ao mesmo tempo, uma grande similaridade – “somos todos lixo dos Balcãs” (WOODWARD, 2000, p. 9.).

Esse exemplo coloca em conflito a narrativa nacional e o cotidiano para estabelecer um discurso de diferenciação. Por sua vez o caso de Okinawa e sua diferenciação com o Japão também desafia uma narrativa geral (a narrativa de unidade territorial e cultural do Estado japonês), mas com aspectos bem específicos que vão desde a proximidade da cultura okinawana com a chinesa até o histórico de dominação japonesa sobre as Ryukyu (passando inclusive pela organização política “fechada” do Japão durante a Era Tokugawa – 1603 a 1868 - enquanto o reino de Ryukyu exercia ampla troca comercial e cultural com outras partes da Ásia). Por isso o karatê é uma expressão cultural que exemplifica tão bem essa diferenciação e o esforço pela afirmação da cultura okinawana dentro do contexto do Estado nacional moderno e unificado.

Como vimos, Gichin Funakoshi aderiu ao pensamento de unidade nacional. Seus esforços para japonizar o karatê demonstram não só sua preocupação com a sobrevivência do karatê nos novos tempos que se iniciavam como também sugere

que, para ele, essa sobrevivência poderia ser garantida quando os japoneses reconhecessem no karatê uma legítima expressão cultural do país (e não somente de Okinawa). Por isso (e obviamente pela honestidade intelectual) Funakoshi não tem o interesse em esconder as origens okinawanas e chinesas do karatê, pois assim como outros elementos da cultura chinesa foram absorvidos e adaptados pelos japoneses como a caligrafia, budismo, arquitetura, etc., o karatê também poderia ser. Então, mesmo aderindo ao ideário de unidade nacional, ele expõe em seus escritos as origens chinesas do karatê. Ele destaca que o karate em si nasce em Okinawa, se fez necessário um esforço para enfatizar o momento histórico da clivagem, ou seja, o período em que os okinawanos realmente desenvolvem uma luta local a partir dos métodos chineses. Para isso, Funakoshi remonta acontecimentos que vão desde a partida do lendário monge indiano Bodhidharma da Índia para a China, uma espécie de marco fundador do kung fu praticado no templo Shaolin:

O *shaolin chuan fa* chega a Okinawa onde é pronunciado *shorinjin kempo*. Tempos depois, após o ensinamento desse método proposto por Daruma (Bodhidharma), ele se espalhou para muitos outros lugares, chegou a levar o nome do seu local de origem, o Shorijin Kempo. Foi esse método que finalmente chegou às ilhas Ryukyu e se desenvolveu como Okinawa-te, o precursor do atual karate. (...) acredita-se que o karate deva ter chegado a Okinawa muito cedo. E, ainda, esse kempo tornou-se conhecido como uma arte marcial **exclusiva de Okinawa**. (FUNAKOSHI, 2013, P. 25) (grifo nosso).

Separar o karate da China e enfatizar que ele é de Okinawa unindo Okinawa ao Japão pode ser um meio para defender essa unicidade cultural proposta pela Era Meiji. Mas observando a narrativa histórica do seu livro *Karate-Do Kyohan*, notamos ainda que o autor vincula Okinawa ao Japão mesmo quando narra eventos anteriores a Meiji, como ao citar que muitos japoneses iam à China aprender artes e ciência assim como muitos okinawanos iam aprender lutas chinesas: “(...) Acredito que no período em que a cultura chinesa estava no auge **no Japão**, muitos especialistas em artes marciais viajaram para a China para praticar o boxe chinês” (p.21). (Grifo nosso).

Sobre as tentativas de tecer uma narrativa japonesa essencialista – a despeito das influências culturais chinesas – Renato Ortiz escreve sobre a *nihonjinron*:

Trata-se de um conjunto de textos, romances, poesias, análises sociológicas, escritos de marketing, com o intuito de discutir a japonidade. A preocupação central desse tipo de trabalho gira em torno da questão nacional e da identidade nipônica. (...). Assume-se primeiro que o Japão constituiria uma sociedade social e racialmente homogênea cuja essência teria permanecido a mesma ao longo dos séculos. Decorre desse postulado que a cultura japonesa seria radicalmente distinta de todas as outras, sua identidade demarcando de forma indiscutível a excepcionalidade de um povo. As raízes do pensamento nihonjinron são antigas, odem ser encontradas nos séculos XVII e XVIII com o surgimento da escola kokugaku (“Aprendizado Nacional”). Neste momento, um grupo de intelectuais se insurge contra o formalismo confucionista e, valorizando o estudo do passado, rompe com a tradição vigente. A vida no antigo Japão torna-se matéria de reflexão e de inspiração de um saer autóctone. A leitura do *Kojiki*, e, por conseguinte, a redescoberta do xintoísmo, permite que o Japão se afirme enquanto entidade autônoma em relação ao estrangeiro. Não se pode esquecer que na história japonesa, a China é simultaneamente fonte de referência e presença incômoda. (2000, p. 25, 26).

Aliado a tudo isso temos ainda uma economia menos diversa e dinâmica em Okinawa que em outras partes do Japão havendo assim ondas migratórias de okinawanos para os grandes centros urbanos principalmente após a Revolução Meiji e a expansão do capitalismo japonês (BARCLAY, 2006). Além disso, muitas famílias okinawanas imigraram para outros países e muitas ainda vieram para o Brasil junto com o movimento de imigração japonesa.

Yoko Nitahara Souza nos aponta que as diferenças mútuas entre okinawanos e japoneses foram transportadas para o Brasil junto com a imigração. Seu importante estudo aborda famílias de imigrantes japoneses e okinawanos e os esforços da comunidade *uchinanchu* (okinawana) para manter suas práticas culturais mesmo após o processo de migração. Como afirma Souza:

Expressões como “os japoneses são como água e óleo, não se misturam” para se referir ao comportamento da maioria dos japoneses em relação aos “de fora”, se aplica também entre os próprios japoneses. Segundo as falas dos *dekassegui* brasileiros, as redes sociais do Japão constituem pequenos círculos de amizade e dificilmente incluem pessoas consideradas hierarquicamente inferiores. As diferenças marcantes são delineadas pela oposição entre “moderno” e “atrasado” que distingue as vilas montanhosas ao norte e as cidades industriais do centro do Japão. Outra distinção fortemente operante no quadro identitário japonês e percebida claramente por quem vive no arquipélago vai além das diferenças regionais entre os próprios japoneses. Trata-se das diferenças étnicas entre os habitantes de Okinawa e os demais japoneses. A afirmação “*okinawajin* não é japonês” tem também a sua recíproca por parte dos próprios *uchinanchu*, que afirmam, como vimos, não serem japoneses. (SOUZA, 2000 P. 21,22)

Ainda sobre essa diferenciação mútua entre os imigrantes do Japão e Okinawa Souza afirma:

No departamento de Sociologia da Universidade do Hawai em Manoa há um importante núcleo do grupo de pesquisadores *uchinanchu* na área de ciências sociais que se dedicou a pesquisas sobre a comunidade transnacional *uchinanchu*, publicadas no nº 42 da revista *Social Process in Hawai'i* sob o título *Uchinaanchu Diaspora: Memories, Continuities and constructions*. Nos vinte artigos contidos no volume organizado por Joyce N. Chinen se fala sobre os *uchinanchu* sob os mais variados aspectos. Indo da temática de gênero e casamentos, a guerra e campos de concentração, da língua *uchinaguchi* a minorias identitárias internamente à comunidade *uchinanchu*, da questão política envolvendo o controle administrativo do arquipélago pelos Estados Unidos até os grupos de dança que difundem a cultura okinawana nas comunidades. Os artigos são escritos sob perspectiva de participantes internos à comunidade *uchinanchu*. A emoção com que os autores dos artigos do livro escrevem se torna um tanto reveladora das características do *ethos uchinanchu*. A comoção com que se fala sobre o período de guerra (e a penúria do pós-guerra) ressalta as minúcias e peculiaridades identitárias *uchinanchu* que se baseiam na paz, na amizade e na solidariedade. Segundo o livro, a peculiaridade da cultura e identidade *uchinanchu* desempenhou um papel fundamental na reestruturação global da comunidade *uchinanchu*. A relevância que os escritos conferem ao fato de os *uchinanchu* terem mantido aspectos como bom humor, musicalidade, festividades e solidariedade mesmo em narrativas relatando dolorosos acontecimentos revelam que a comunidade *uchinanchu* adotou uma postura bastante positiva diante das adversidades. Esta postura levou a comunidade *uchinanchu* a buscar relacionar-se com as sociedades onde se fixaram ao mesmo tempo em que permanecem articuladas enquanto uma comunidade global.

O *ethos*, identidade e cultura *uchinanchu* são marcados por aspectos bastante distintos daqueles amplamente conferidos à colônia *nikkey* [japoneses]. A valorização extrema da imagem de homogeneidade, bem como a valorização da imagem do *samurai* com suas *katana* (espadas) e *shyuriken* (armas em forma de estrela que são lançadas giratoriamente contra o opositor) como símbolos nacionais japoneses não se encontram na comunidade *uchinanchu*. Em minhas conversas e entrevistas com membros da comunidade a referência ao contraste entre a cultura japonesa e a *uchinanchu* sendo representado pelas imagens do *sanshin* e da *katana* apareceu em pelo menos três ocasiões distintas. Em uma conversa com Hélio e Irene o contraste entre as comunidades *naichi* e *uchinanchu* foi visualmente posta na oposição simbólica entre o *sanshin* e a *katana* – um instrumento musical típico, símbolo de Okinawa, e as espadas *samurai* do Japão. (pp. 136-137).

Esse esforço na diferenciação mútua pode ser visto como uma constante resistência à anexação sofrida com o início da Era Meiji. Por meio das expressões culturais os imigrantes okinawanos tentam se afirmar enquanto membros de uma comunidade diferente da japonesa. Ainda como resultado da anexação das Ryukyu pelo Estado japonês, teremos a participação de Okinawa no palco da II Guerra Mundial e uma segunda anexação do arquipélago, agora pelos EUA a partir de 1945. (SOUZA, 2015).

A reversão ao Japão só vai acontecer em 1972 e durante esse período o arquipélago foi considerado um território não-vinculado ao Japão e sob o controle dos EUA (SOUZA, 2015). É possível que tenha sido grande a expectativa de parte

da população okinawana de que os EUA não devolvessem o arquipélago ao Japão, mas sim a um governo local e independente, acabando assim com um período de dominação que começou em 1609 com o clã Shimazu de Satsuma. Em todo caso isso não aconteceu e as memórias da Guerra do Pacífico e da presença militar estadunidense no arquipélago assombram os okinawanos como algo presente. Talvez a famosa e terrível Batalha de Okinawa tenha sido um acontecimento mais traumático que a invasão de Shimazu. Observemos esse sério episódio da Guerra do Pacífico que acabou por reafirmar as diferenças entre okinawanos e japoneses.

2.3 Memória e diferenciação, os traumas da Batalha de Okinawa

As consequências da II Guerra Mundial estão presentes até os dias de hoje entre japoneses e okinawanos, mas é preciso considerar que ambos os territórios sofreram a experiência da guerra de forma diferente.

Em Okinawa a especificidade da experiência traumática de guerra está ligada à inferiorização sofrida pelos okinawanos em relação aos japoneses, à famosa e sangrenta Batalha de Okinawa e à posterior ocupação e controle do arquipélago de Ryukyu pelos estadunidenses.

“A batalha de Okinawa realmente terminou?” Essa é a pergunta feita por Yoko Souza no título do seu artigo. Sendo uma das mais sangrentas batalhas da Segunda Guerra Mundial esse episódio deixou marcas profundas entre as partes envolvidas que lidam com suas dores e com as consequências até os dias atuais (SOUZA, 2015).

Diante dos traumas dessa batalha vemos reverberando na memória das populações locais as fissuras do projeto de unidade territorial que é próprio do Estado moderno Japonês. Nesse sentido nos interessa observar as repercussões dessa memória coletiva traumática e talvez sondar a possibilidade de produzir-se, a partir dessas memórias, um elemento constituidor de identidade coletiva que acaba por contribuir para a delimitação da cultura okinawana frente a japonesa.

Entre os elementos desse trauma por parte dos okinawanos encontramos ainda monumentos que enfatizam o caráter específico dessa batalha e frequentemente encarnam a memória coletiva dessas comunidades. Sobre a importância do espaço para a memória coletiva, Maurice Halbwachs escreve:

Quando um grupo está inserido em uma parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem (1990, p. 133).

Assim segundo o autor:

“Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. (...). Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial (1990, pp. 133, 143).

Tendo em vista essa relação íntima entre a memória coletiva e o espaço, os locais onde ocorreram combates cruciais ou eventos de grande impacto da Batalha de Okinawa ganharam monumentos e continuam a elaborar uma narrativa que ajuda a delinear uma imagem do povo okinawano.

A Batalha de Okinawa foi consequência dos esforços de guerra dos EUA em conquistar o Japão por meio de um avanço terrestre após o avanço marítimo. Durante a intensa campanha militar na Guerra do Pacífico (contenda entre EUA e Japão que talvez possa ser observada como um conflito à parte dentro da II Guerra Mundial) os EUA fizeram uso da sua poderosa marinha para saltar de ilha em ilha. Os dois lados sofreram grande quantidade de mortes e mesmo depois de alcançarem as primeiras ilhas do território japonês os estadunidenses continuaram sofrendo forte oposição. O movimento de avançar ilha a ilha dos estadunidenses se mostrava cada vez mais danoso para ambos os lados¹⁵.

No ano de 1945 as tropas estadunidenses desembarcaram em Okinawa, que foi defendida pelo Exército Japonês muitas vezes alocados em cavernas. A população civil de Okinawa viu-se em vários momentos no meio do fogo cruzado ou tendo que dividir essas cavernas com as tropas japonesas (PIRES, 2013, p, 191).

Entre a população civil havia o temor de possíveis atrocidades que os soldados estadunidenses supostamente fariam caso viessem a adentrar ainda mais a ilha principal do Arquipélago de Ryukyu. Sobre a dramática e terrível passagem Ricardo Sorgon Pires escreve:

¹⁵ A Batalha de Okinawa, ocorrida já na fase final da segunda guerra mundial, se estendeu por cerca de três meses, ao fim do qual jaziam entre 220,000 a 300,000 mortos (os números variam consideravelmente entre as várias estatísticas realizadas) dos quais cerca de 14.000 militares americanos, 100.000 militares japoneses, e uma terrível cifra variável entre 120.000 a 150.000 civis okinawanos de uma população, na época, de cerca de 450.000 pessoas. Ou seja, as estimativas mostram que entre um terço a um quarto da população nativa pereceu diretamente nos combates. (PIRES, 2013. p. 189).

Na medida em que a batalha tornava-se desesperadora para os japoneses, os soldados imperiais que recuavam em busca de abrigo, muitas vezes, expulsavam os civis, refugiados nas cavernas, 'à ponta de baioneta' (YAMASHIRO, 1997, p. 227). Nesses casos, muitas famílias inteiras eram dizimadas pelo fogo de artilharia (americana e japonesa), as quais ficavam expostas fora dos abrigos. Em outras situações, segundo as denúncias do escritor japonês Oe Kenzaburo, os soldados japoneses obrigavam os civis escondidos a se suicidarem com granadas para não prejudicar os soldados japoneses, garantindo o abastecimento regular de alimentos para as tropas.

Muitos cidadãos da ilha suicidaram-se devido às pressões e à intensa propaganda realizada pelo exército japonês ao longo de meses, a qual afirmava que os americanos eram bárbaros que estupravam indiscriminadamente meninas e mulheres e torturavam os homens de várias maneiras.

Desse modo, muitos civis da ilha convenceram-se de que era preferível o suicídio à captura. Muitas pessoas decidiam se matar com toda a família usando as granadas de mão distribuídas pelo exército japonês unicamente para esse fim, ou se jogar dos penhascos nas partes altas da ilha. Todavia, além dessas pressões por parte do exército, muitos civis foram obrigados a matar a si e aos seus familiares sob a mira dos fuzis do exército imperial. (2013,p. 191).

O número de civis okinawanos mortos na Batalha de Okinawa foi realmente assustador¹⁶. Num dos momentos mais dramáticos da batalha, soldados japoneses cometem suicídio coletivo saltando do penhasco Giizabanta enquanto as tropas estadunidenses os acuava contra o vazio. Como esse ato pode ser interpretado hoje em dia? Seria apresentada uma narrativa de resistência ao invasor estadunidense ou de desespero? Como a memória sobre o trauma se estabelece para as gerações seguintes?

As memórias da batalha estão presentes e são constantemente atualizadas devido a presença estadunidense na ilha através das bases aéreas militares. Elas são um elemento dessa continuidade. Como afirma Yoko Souza:

A percepção de que a presença massiva das bases militares americanas mesmo após a reversão administrativa ao governo japonês em 1972, mantendo um diversificado e numeroso aparato de guerra é tido por muitos okinawanos como o prolongamento da Batalha de Okinawa. (2015, p.2)

A questão sobre a base de Futenma é um novo capítulo dessa história. Inicialmente localizada próximo à cidade de Ginowan em Okinawa, essa base militar

¹⁶ Ricardo Pires aponta ainda outras causas para a quantidade de mortes entre os civis, desde os bombardeios aéreos perpetrados pelos EUA quanto mortes causadas pelos próprios soldados japoneses. Isso se dava pela tentativa de aplicação do código samurai (bushidô) compartilhado pelos soldados japoneses que sustentavam a realização de sacrifícios chegando ao suicídio para evitar rendição. E ainda, muitos militares japoneses invadiam casas para usar civis como barricadas expondo assim os moradores. Tudo isso contribuiu para o elevado número de civis mortos. (p. 193)

tem se mostrado altamente perigosa para a população civil devido a acidentes. Além desses perigos existe ainda toda sorte de desconforto e problemas inerentes que essa proximidade traz. Então desde a década de 1990 era prevista uma transferência da base estadunidense para a região de Henoko, também em Okinawa, o que demandaria uma grande adaptação da nova região causando impactos sociais e ambientais (visto a necessidade de aterrar parte da região costeira da área) (SOUZA, 2015, pp. 06-07). Essas dificuldades e mobilizações da comunidade local conseguiram adiar a construção, mas com a eleição de Donald Trump em 2016 e o apoio do primeiro ministro japonês Shinzo Abe as construções recomeçaram, chamando a atenção de ativistas do mundo todo para a questão dessas bases e dos traumas da Batalha de Okinawa.

Na complexa dinâmica de transmissão e narrativa sobre um trauma se estabelece o problema do testemunho. Quando pensamos na dimensão coletiva dessas memórias a complexidade fica ainda maior pois ele, o trauma, se torna agora um elemento de construção da identidade de um povo através da memória.

A palavra “catástrofe” vem do grego, e significa, literalmente, “virada para baixo”. Outra tradução possível é “desabamento” ou “desastre”; ou mesmo o hebraico *Shoah*, especialmente apto ao contexto. A catástrofe é, por definição, um evento que provoca um *trauma*. “Trauma” deriva de uma raiz indo-europeia com dois sentidos: “friccionar, triturar, perfurar”, mas também “suplantar”, “passar através”. Nessa contradição, uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas simples de narrativa. (NETROVSKI, SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 08.).

Essa complexidade acerca do problema do trauma, sua narrativa e suas características fugidias podem ser vistas no caso da Batalha de Okinawa e dos testemunhos de tantos sobreviventes. Para Yoko Souza, que entrevistou alguns okinawanos e descendentes, a Batalha de Okinawa não terminou, é algo contínuo e presente, se atualizando constantemente pela presença militar estadunidense através das bases (SOUZA, 2015). Sobre a relação e convivência com as bases militares, Souza afirma:

No entanto os posicionamentos políticos quanto à presença das bases militares americanas em Okinawa apresenta altos e baixos. A cada caso de crimes, acidentes e violência contra mulheres os ânimos se exaltam. O mais recente caso, da jovem Rina, de 20 anos, desaparecida no final de abril de 2016 cujo corpo foi encontrado com sinais de violência sexual e estrangulamento. Tal crime foi motivo de repreensão no encontro do primeiro ministro Shinzo Abe ao presidente americano Barack Obama em visita ao Japão. Apesar do tom rígido do discurso de Abe, um amigo,

cidadão americano residente em Honolulu, alertou-me, via comentários do facebook, que tais palavras não se reverteriam em diminuição da presença militar americana efetiva em Okinawa. De modo semelhante a outro acontecimento trágico, o estupro e assassinato de uma garota de 12 anos ocorrido em setembro de 1995, mobilizou milhares de pessoas em um enorme protesto, seguido de falas de autoridades que não representam uma mudança real na pesada carga que representa hospedar 15 das 17 bases militares americanas, localizadas no Japão. Shun Medoruna, o pseudônimo de um professor, foi ganhador do prêmio Akutagawa em 1997, por seu conto *Droplets*, onde descreve como ficção o assassinato de uma criança americana em Okinawa reportando-se a este crime de 1995. Em sua narrativa ficcional, descreve-se como um dos participantes do imenso protesto que de modo espontâneo aglomerou milhares de pessoas em frente à base militar americana de Kadena. O autor também critica a extrema passividade dos okinawanos, que considera viverem espremidos entre as bases e sobrevivendo de migalhas dos dólares que ali circulam. (2015, p. 03)

Assim, temos essas memórias traumáticas contínuas e elementares da memória coletiva do povo okinawano. Nesse sentido, há monumentos e memoriais sobre a Batalha de Okinawa em vários locais da ilha principal. Esses “lugares de memória” (NORA, 1993) expressam, em si mesmos, narrativas sobre a catástrofe trazendo à tona a questão dos testemunhos.

Uma das primeiras características do trauma é o paradoxo inerente à sua narrativa: por um lado o trauma impele a ser exposto por meio da recorrência quando emerge das sombras para lembrar o sujeito sobre sua existência. Por outro lado, o trauma dificulta sua narrativa aberta levando muitas vezes o sujeito a revestir-se de silêncio ou negação. Sobre os impulsos de trazer à consciência uma experiência traumática Freud escreve:

Ora, os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, numa situação do qual acorda em outro susto. Isso espanta bem pouco as pessoas. Pensam que o fato de a experiência traumática estar-se continuamente impondo ao paciente, mesmo no sono, se encontra, conforme se poderia dizer, fixado em seu trauma. (...) Breuer e Freud declararam em 1893 que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”. Nas neuroses de guerra, também observadores como Ferenczi e Simmel puderam explicar certos sintomas motores pela fixação no momento em que o trauma ocorreu (1969, p. 16).

Esse caráter de reminiscência dos traumas pode encontrar nas artes e monumentos uma forma de linguagem para expressar-se. Principalmente quando é levado em conta o aspecto do deslocamento temporal e do discurso memorialístico, temos esses lugares de memória como formas de chamar atenção para algo que não deve ser esquecido, para algo que ainda está presente e ainda gera

consequências, e que, no caso de Okinawa principalmente, algo que ainda está ocorrendo. Portanto, um fenômeno vivo sob vários aspectos.

Uma das principais entrevistadas de Yoko Souza em seu artigo é a pesquisadora Karina Matsumoto¹⁷, responsável pelo blog *Okinawando* com a colaboração de Vitor Hideki Higajo¹⁸. No ar desde 2014 através do endereço okinawando.wordpress.com, o blog apresenta matérias e textos relativos à cultura okinawana em língua portuguesa e sempre dialogando com questões sociais e políticas do arquipélago bem como as experiências dos autores enquanto bolsistas e pesquisadores.

Karina expressa nos seus textos a diversidade de monumentos e museus sobre a Batalha de Okinawa. Em uma de suas postagens Matsumoto analisa dois monumentos: o Heiwa no Ishiji localizado no penhasco Giizabanta, e o monumento Konpaku no Tô. Numa comparação entre os dois monumentos Matsumoto afirma:

A província de Okinawa foi a única do território japonês onde houve batalha terrestre, o que explica o elevado número de vítimas. Além disso, morreram mais civis que soldados, ainda mais se forem contabilizadas as mortes por desnutrição, malária e suicídios, por exemplo. Considerando esses casos também, pesquisadores estimam que mais de 150.000 civis tenham sido vítimas da guerra. Olhando o número de mortos no total, chega-se a uma óbvia conclusão: é bastante.

É o que nos mostra o famoso monumento “Heiwa no Ishiji”, com os milhares de nomes dos mortos gravados nas pedras. O Heiwa no Ishiji, que pode ser traduzido como “pilares da paz” foi inaugurado no dia 23 de junho de 1995, na ocasião dos 50 anos da Batalha de Okinawa. Ele se localiza no extremo sul da ilha principal de Okinawa, em Mabuni (cidade de Itoman), perto do precipício onde, acudados pelo exército norte-americano e sem ter para onde fugir, muitas pessoas pularam, perdendo suas vidas. O precipício se chama “Giizabanta”, mas os norte-americanos o apelidaram de “Suicide Cliff”.

Quase na ponta do precipício há o “Heiwa no Hi”, (“fogo/chama da paz”), e atrás dele estão dispostos muros e mais muros com os nomes de todos os mortos da Batalha de Okinawa, independentemente da nacionalidade e sem diferenciações entre civil/militar e vítima/agressor. O objetivo é mostrar que cada vida tem seu valor, ou melhor, que toda vida tem seu valor. Como dizem os okinawanos – “nuchi du takara”, a vida é um tesouro.

¹⁷ Karina Matsumoto é Graduada em Ciências Sociais pela FFLCH – USP. Ex-bolsista da cidade de Kadena (2008). Ex-bolsista kenpi ryugaku (Okinawa International University – 2013). Ex-presidente do Urizun – Círculo de Ex-Bolsistas de Okinawa (2016) e ex-membro da diretoria da Associação Okinawa Kenjin do Brasil – Centro Cultural Okinawa do Brasil. Representante da Próxima Geração no 6º Festival Mundial Uchinanchu (2016). (OKINAWANDO. 2019)

¹⁸ Graduado em Design pela UNESP – Bauru. Ex-bolsista da cidade de Uruma (2009). Ex-bolsista kenpi ryugaku (Okinawa Prefectural University of Arts – 2014). Ex-presidente da Associação Okinawa de Suzano.

(2015. Disponível em:
<https://okinawando.wordpress.com/2015/10/15/dois-monumentos-pelas-vitimas-da-guerra-konpaku-no-to-e-heiwa-no-ishiji/>).

Ainda na mesma postagem Matsumoto analisa outro monumento:

Outro monumento que tem relação com a quantidade de mortos na batalha é o Konpaku no Tō, que é bem diferente do Heiwa no Ishiji. Também localizado em Itoman (no bairro de Komesu), ele é rudimentar – basicamente é uma pequena montanha envolta por pedras. No topo, há uma pequena pedra, onde está inscrito “Konpaku no Tō”, que pode ser traduzido como “torre (monumento) dos espíritos”. Por que ele tem esse formato?

Como foi dito, a guerra havia deixado milhares de mortos. Alguma vez vocês já se perguntaram o que aconteceu com os corpos das vítimas? Logo após a Batalha, os okinawanos se viram rodeados por corpos. Grande parte das pessoas morreram durante fugas e deslocamentos para outras partes da ilha, ou seja, longe de suas casas e separados de seus familiares. Assim, saber se a pessoa tinha morrido e em que local, e reconhecer os corpos não era tarefa fácil. Além do mais, os sobreviventes haviam sido levados aos acampamentos/campos de concentração norte-americanos, o que atrasou a tarefa de busca pelos corpos dos familiares.

Alguns meses após o término da guerra, em janeiro de 1946, moradores de Mawashi (Naha) migraram para Komesu (Itoman), pois os terrenos da região haviam sido confiscados para uso do exército norte-americano. Era preciso recomeçar a vida em Komesu, mas antes seria necessário enterrar os corpos em decomposição que estavam por todos os lados.

Inicialmente, o exército norte-americano não permitiu, pois considerou como “ato hostil” (“ato contra os norte-americanos”) e como “devoção ao imperador”, mas como haviam muitos corpos, atrapalhando as construções, o exército norte-americano cedeu a permissão. Sem condições para identificar os corpos, cavaram um buraco e os enterraram, cobrindo com pedras dos arredores, dando forma ao Konpaku no Tō, inaugurado em 27 de fevereiro de 1946. Conforme mais restos mortais iam sendo encontrados, eram levados para lá, alcançando a quantidade de 35 a 40 mil pessoas ali enterradas.

Assim, as pessoas que haviam perdido familiares na guerra e não haviam encontrado os corpos, sem túmulo, passaram a rezar no Konpaku no Tō. Em 1978, após a reversão de Okinawa para o Japão, os ossos que descansavam no Konpaku no Tō foram transferidos para o cemitério nacional em Mabuni. Porém, ainda hoje, no Irei no Hi, muitas pessoas visitam o monumento, deixando flores e acendendo senkō (MATSUMOTO, 2015).

Ao comparar os dois monumentos de forma bastante inteligente, Karina Matsumoto, segundo Souza, reforça a ideia de que a Batalha de Okinawa ainda continua para os okinawanos. (SOUZA, 2015). As narrativas sobre os traumas expressas pelos dois monumentos, a partir da leitura de Matsumoto, sugere talvez abordagens quase antagônicas para o mesmo acontecimento histórico. Enquanto

um monumento apela para a paz, o outro parece causar inquietação; enquanto um é solene e limpo, o outro é rústico e severo; enquanto um coloca os nomes de soldados mortos dos dois lados do conflito nas mesmas placas, outro apela para a ausência de identificação dos corpos okinawanos. De certa forma poderíamos até considerar um monumento como uma tentativa de tratar os traumas através de uma sublimação e uma mensagem alentadora e talvez até agradável de paz (ou ao menos de cessação do conflito e das diferenças), enquanto o outro nos sugere uma inquietação provinda não somente da batalha e da morte em si mas da impossibilidade de identificação total dos corpos ali enterrados e mesmo das restrições impostas pelos conquistadores (que inicialmente impediam os sobreviventes de honrarem seus mortos ali). Não haveria no primeiro monumento citado um esforço por tornar o absurdo da guerra algo sublime para que assim pudesse ser “digerido”? Propor uma narrativa de paz não seria buscar um sentido para a guerra num tipo de moral da história? Quais das duas narrativas ou monumentos expressam melhor os traumas do povo okinawano? Traumas esses alimentados e reforçados por anos de dominação japonesa e estadunidense. Traumas que não se limitam apenas aos eventos ocorridos no Giizabanta.

Esses relatos e esses monumentos obviamente não têm a capacidade de transmitir um trauma, muito menos de narrar os acontecimentos “tal como aconteceram”. Sua função está mais no sentido de lembrar da existência desses traumas e chamar atenção para esse passado presente e contínuo. Nesse sentido, as narrativas propostas pelos museus e monumentos de Okinawa desempenham uma função política primordial ao chamar a atenção da comunidade internacional para os vários problemas referentes ao arquipélago. Por isso as mídias têm um papel tão importante na elaboração e disseminação de uma narrativa engajada.

Pensando nesses monumentos como elementos de testemunhos sobre o trauma coletivo dos okinawanos nos vem à tona o problema dos testemunhos. Para Shoshana Felman vivemos uma verdadeira “era do testemunho”: as obras de arte como um instrumento de testemunho pessoal ou coletivo (FELMAN, 2000). Sabendo que falar sobre o trauma é uma forma de lidar com o mesmo, os testemunhos sobre as atrocidades cometidas nas duas Grandes Guerras fazem parte de todo um universo complexo e intricado de narrativas que ajudam a denunciar e fazer conhecer-se essas feridas abertas.

O testemunho, no entanto, não encerra o problema do trauma. Seu caráter fragmentado não nos permite tecer uma narrativa totalizante que abarque toda a extensão de um trauma. Nesse sentido ao olharmos o caso de Okinawa temos mais um elemento de permanência da Batalha de Okinawa. Assim como a transferência dos corpos outrora enterrados no Konpaku No Tô não apaga ou anula o trauma imposto pela situação de ter que orar para parentes enterrados em valas comuns e sem identificação.

Mas, uma vez que tantos sobreviventes da Batalha de Okinawa já não estão vivos para continuar a tecer suas narrativas sobre o que viveram, cabe à literatura dar continuidade aos testemunhos e denúncias sobre a continuidade da Batalha. Nesse sentido a literatura jornalística talvez tenha uma posição privilegiada devido à sua dinâmica também contínua e fluída. É o caso do testemunho de Karina. É também o caso do jornal okinawano Ryukyu Sihmpo.

Sua parte impressa possui uma versão online e em inglês e muitas das suas matérias chamam atenção para as questões inerentes às diferenças entre okinawanos e japoneses. Não é à toa que o jornal acompanha de perto as polêmicas acerca da construção da base de Futenma.

O fato de o Ryukyu Shimpo ter uma edição virtual bilíngue nos leva a pensar ainda sobre a quem o testemunho ou a narrativa é endereçada.

O elemento internacional está presente entre os okinawanos desde muito antes da anexação pelo feudo japonês de Satsuma no século XVI. Como citamos, as intensas trocas comerciais com várias partes da Ásia tornavam o antigo reino de Ryukyu um lugar bastante dinâmico e culturalmente intenso (KANASHIRO, 2010). Já nos séculos XIX e principalmente XX a emigração okinawana foi bastante intensa. Esses okinawanos e filhos nascidos no estrangeiro também herdaram muito dos traumas da Batalha de Okinawa e suas consequências. Uma interessante passagem do artigo de Souza pode ilustrar tanto o caráter internacional do trauma quanto a influência do internacional no modo de ser dos okinawanos:

Wesley Iwao Uenten (2007) relata que nos campos de concentração de japoneses nos Estados Unidos (para onde foram levados – sequestrados – inclusive japoneses que estavam na América Latina), os uchinaanchu improvisavam sanshin de lata (instrumento de corda, originalmente de madeira e revestido com pele de cobra) apelidado de kankara sanshin e se reuniam para tocar, cantar e conversar a despeito da terrível situação em que se encontravam. A forma mais descontraída e flexível com que

encaravam a situação é creditada ao espírito uchinaanchu e era motivo de conflitos entre japoneses e okinawanos que conviviam internados forçadamente nestes locais. Tantas referências na bibliografia sobre Okinawa bem como na fala cotidiana dos uchinaanchu e seus descendentes sobre os horrores e consequências da guerra faz com que a temática seja contundentemente posta em questão. Mesmo com o ranço e amargura com relação ao bastante recente passado histórico de dominação japonesa americana em Okinawa os uchinaanchu encaram a vida e a reconfiguração de sua comunidade guiada por valores caros ao espírito uchinaanchu, como a abertura, o calor humano, o pacifismo, a informalidade, a flexibilidade e a solidariedade. (2015, p.06,)

O intenso hibridismo cultural dos okinawanos e seu caráter internacional nos reforça a ideia da importância do sujeito estrangeiro como receptor das narrativas sobre os traumas. Muitos dos autores dessas narrativas são descendentes de okinawanos como a própria Karina Matsumoto. Nesse sentido, entendemos que os testemunhos expressos sobre os traumas da Batalha de Okinawa, as várias denúncias sobre a continuidade da Batalha até os dias atuais e mesmo a elaboração dessas narrativas, têm como elemento fundamental o sujeito estrangeiro e o caráter internacional.

Assim, por meio da narrativa, os traumas da Batalha de Okinawa ganham espaço e podem ser olhados a fim de uma construção memorialística que seja de alguma forma benéfica. Tendo o elemento estrangeiro como um elemento proeminente, as narrativas sobre os traumas ajudam a construir uma identidade okinawana, mas não de forma reducionista e estigmatizada como um povo que apenas, e principalmente, sofre com inferiorizações históricas e contínuas ocupações. A identidade okinawana construída com as narrativas memorialísticas sobre a Batalha de Okinawa evoca, sim, um povo de profunda e intensa articulação cultural com o outro, que se hibridiza sem os mesmos entraves que os vizinhos japoneses e que reivindica, também numa esfera internacional, sua posição como um povo de identidade autônoma e a autonomia sobre seu próprio espaço de ocupação.

Ainda como saldo da II Guerra Mundial e como mais um elemento de diferenciação entre Okinawa e Japão, temos a já citada anexação das Ilhas Ryukyu que passam a ser controladas pelo governo estadunidense e onde se tem início a construção das bases militares no arquipélago (SOUZA, 2015). Todo o desconforto e problemas causados pela presença das bases militares estadunidenses no

arquipélago são aspectos não resolvidos da Batalha de Okinawa, que acentua o caráter de especificidade da identidade okinawana frente a japonesa.

Essas experiências traumáticas se configuram de forma tão específica que podem ser vistas como um elemento da identidade okinawana. São traumas que se dão na esfera coletiva, traumas “exclusivos” daquela comunidade e não necessariamente de toda a nação japonesa. Como se vissem a si mesmos no meio de um conflito onde não se identificam nem totalmente com o Império Japonês, nem com os EUA; esse povo carrega as marcas desses traumas – enquanto até mesmo o arquipélago ostenta suas próprias cicatrizes como o Konpaku No Tô. Assim a construção da memória coletiva apontada por Halbwachs em sua relação com o espaço, tem no caso de Okinawa um grande exemplo. A batalha que deixou cicatrizes na paisagem do arquipélago pode ser percebida como um evento contínuo e presente, renovando-se pela imagem e implicações da permanência das bases estadunidenses (SOUZA, 2015).

As Ilhas Ryukyu só foram revertidas ao controle japonês em 1972 após intensa campanha dos okinawanos que acreditavam que ao devolver o controle das ilhas para o Japão, os EUA desativariam suas bases. Fruto do acordo de rendição, a presença das bases gera uma série de problemas sociais e mesmo culturais como dissemos anteriormente. Para muitos, Okinawa foi o “peão sacrificado¹⁹” pelo Japão aos EUA.

3 KARATÊ “TRADICIONAL” DE OKINAWA

3.1. As nuances do estudo de identidades

Estudar identidades geralmente nos coloca diante de questões dinâmicas e até fugidias. No nosso trabalho procuramos lidar com a afirmação de identidade, nesse caso a identidade okinawana por meio do karatê. Uma identidade coletiva se organiza e se reconhece como tal a partir da alteridade. Um grupo ao eleger o que ele *não* é, pode definir o que ele *é* (HALL 2006, WOODWARD 2010). No caso da identidade okinawana, e dentro do contexto que aqui abordamos, entendemos que a alteridade em questão é a japonesa.

¹⁹ Yamashiro apud. Pires. (2013)

Todo o esforço de organizações do Karatê Tradicional de Okinawa em dizer que o karatê teve sua origem nas ilhas Ryukyu, que ele continuou se desenvolvendo por lá, mesmo depois da anexação e da japonização do karatê, pode ser entendido como uma afirmação: Okinawa tem um karatê diferente do Japão, pois a identidade okinawana é diferente da japonesa. Nossas análises vão no sentido de observar essa diferenciação como forma de afirmação por meio do karatê, sempre considerando o aspecto da alteridade para a construção da identidade cultural de um grupo.

Stuart Hall sugere que uma possível identidade fixa dos sujeitos tem sido cada vez mais rara e que isso demonstra uma *crise de identidade*²⁰ onde o sujeito torna-se fragmentado. Nessa atual realidade então:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas. (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (2006. P. 13).

Esse aspecto múltiplo sugerido por Hall nos leva a pensar no aspecto internacional do karatê. Não só o karatê japonês se internacionalizou (sendo o mais praticado do mundo) como também o karatê de Okinawa. Sem dúvidas podemos encarar o Karatê Tradicional de Okinawa como um fenômeno ao mesmo tempo local e global. A exposição de Hall sobre a multiplicidade das identidades nos ajuda a entender como sujeitos nascidos em culturas aparentemente tão distintas da cultura okinawana abraçam o Karatê Tradicional de Okinawa, o praticam e o ensinam.

Nesse sentido, é possível observar que ao mesmo tempo em que há um movimento de afirmação da identidade okinawana frente ao Japão através do karatê, há também uma internacionalização do Karatê Tradicional de Okinawa e mesmo dessa afirmação. Assim quando falamos em "identidade" okinawana levamos em consideração esses aspectos de alteridade em relação aos japoneses

²⁰ Como o próprio Hall afirma, a existência de uma crise de identidade é passiva de discussões e debates não devendo ser vista como uma verdade estabelecida. Uma vez que não há um consenso final sobre o próprio conceito de identidade, não haveria também sobre a existência ou não de uma crise de identidade. Em todo caso não é nossa intenção entrar nesse debate nem nas questões acerca da chamada pós-modernidade ou da modernidade tardia. No entanto nos interessa observar o diálogo de identidades dentro de um contexto internacional, já que o karatê também é um fenômeno internacional. (2006)

e de articulação com o global. Essa afirmação identitária através do karatê abrange negociações, demandas por patrimonialização entre outros aspectos que trataremos mais à frente nesse trabalho, mas todos eles passam pelo elemento discursivo da “tradição”. Definir e divulgar o que é sua “tradição” tem sido uma grande estratégia de afirmação da cultura okinawana.

Assim nos interessa observar os elementos discursivos do chamado Karatê Tradicional de Okinawa e tentar localizá-lo dentro do esforço por construção e afirmação da identidade okinawana.

3.2 Karatê tradicional

Sendo as identidades algo construído geralmente em contato com a alteridade e levando em consideração uma possível descentralização do sujeito, o karatê se coloca como um instrumento de articulação e construção da identidade okinawana frente à japonesa. Entendemos que a identidade japonesa é a principal alteridade à qual a identidade okinawana busca se afirmar. Essa afirmação de identidade através do karatê gira em torno da ideia de “tradicional”, ou *dento* em japonês.

Conforme nos afirma Woodward:

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades (...).

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados (WOODWARD, 2010, p.18, 19).

Assim sendo, o karatê se apresenta como uma expressão da cultura okinawana que passa a ser utilizada para a afirmação da identidade okinawana – principalmente na esfera do global. Daí a importância de expressar esse karatê como algo *tradicional*.

O apelo ao tradicional, como algo que é cronologicamente anterior ou que segue uma linhagem ininterrupta de continuidade com o período “original” (ou seja, aquele período em que o karatê estaria se formando), é um poderoso elemento discursivo. É esse Karatê Tradicional de Okinawa ou *Okinawa Dento Karate-Do* que

busca se preservar e divulgar nesse contexto de afirmação identitária. Mas o que seria para os okinawanos ou para a Okinawa Dento Karatedo Shinkokai (órgão máximo gerenciador do karatê em Okinawa) o Karatê Tradicional de Okinawa? Como definem que determinado estilo ou linhagem de karatê pode ser considerado *tradicional*?

Entendemos que é um karatê legitimamente e reconhecidamente okinawano, que possui os aspectos estéticos e técnicos em comum com a visão de mundo e modo de vida que os okinawanos consideram seus e principalmente reconhecido pelo Okinawa Dento Karatedo Shinkokai.

Mas antes de adentrarmos mais na questão sobre o que é o Karate Tradicional de Okinawa, lembremos que o karatê japonês também possui um discurso de tradicional. Ele também é revestido de um tradicionalismo, mas esse está ligado à figura do samurai e não necessariamente à Okinawa. O karatê japonês, portanto, é revestido de tradicionalidade quando associado à um tipo de *budô* (FUNAKOSHI, 2013; McCARTHY, 1995) e considerado de certa forma equivalente às artes marciais de origem samurai como o kendô ou o judô (oriundo do ju jutsu).

Segundo o Okinawa Dento Karatedo Shinkokai, a entidade surgiu a partir da confluência de outras associações e federações okinawanas. Pode ser entendido como “Associação do Karatê-Dô Tradicional de Okinawa”, teve sua fundação em 2008 e seu presidente atual é o próprio governador da prefeitura de Okinawa, Denny Temaki (ODKS, 2017)²¹ A organização mais antiga da qual a ODKS seria herdeira era a extinta Okinawa Karatedo Renmei (criada em 1959), que fora dissolvida para a fundação da Zen Okinawa Karatedo Renmei em 1967 (ou *Federação de Karatê-Dô de Toda Okinawa*). Outras três organizações foram fundadas ao longo das décadas e as quatro entidades fundiram-se formando a ODKS (ODKS.History)²²

Na composição do seu quadro de representantes e conselheiros estão pessoas não ligadas diretamente à prática do karatê ou do kobudô (como o já citado governador de Okinawa Denny Temaki). Isso sugere por um lado a íntima aliança e envolvimento do governo local com a expansão e gerenciamento do Karatê

²¹ Disponível em: <http://www.odks.jp/en/aboutus/officers/>. Acesso em 21 ago. 2019).

²² Disponível em: <http://www.odks.jp/en/aboutus/history/>. Acesso em 21 ago. 2019).

Tradicional de Okinawa, considerando-o uma expressão cultural que necessita desse tipo de gerenciamento. E por outro pode sugerir ainda o envolvimento de outros setores da comunidade no gerenciamento do Karatê Tradicional de Okinawa²³.

Com exceção dos conselheiros e presidente, todos os oficiais executivos da ODKS são mestres em um estilo de karatê de Okinawa e muitos renomados internacionalmente como diretores das suas próprias entidades. Definir o que seria então o Karatê Tradicional de Okinawa passa pela ideia do que a ODKS considera ser um estilo (*ryu*) de karatê de Okinawa.

Em Okinawa costuma-se dividir o *tode* em três linhas básicas: *shuri-te*, *tomari-te* e *naha-te* sendo uma referência às três locais da ilha central de Okinawa no reino de Ryukyu (Shuri, Tomari e Naha). (FUNAKOSHI, 2014; MCCARTHY, 1995). Cada uma das três linhas teria características técnicas e estéticas diferentes e genericamente eram chamadas de *tode* (*mão chinesa*)²⁴ (FUNAKOSHI, 2014; MCCARTHY, 1995). À medida que o *tode* vai saindo da clandestinidade (principalmente depois da Revolução Meiji em 1867 e depois da icônica carta de Anko Itosu sugerindo o ensino de *tode* nas escolas públicas no ano de 1908) (FUNAKOSHI, 2014), torna-se possível notar que muitos mestres tiveram contato com várias características de diferentes linhas, não se atendo somente a uma.

No entanto, não podemos afirmar que foi a partir da divisão dessas três linhas que nascem as divisões dos estilos (*ryu*) de karatê. Ainda que costumava-se dizer que determinado mestre era especialista em *shuri-te* ou *naha-te* ou ambas. Um caso emblemático da questão é o próprio Gichin Funakoshi.

Vindo de uma geração posterior à Anko Itosu, ele teve Itosu como mestre (e também Anko Azato) (FUNAKOSHI, 2014; BUENO, TORRES, 2016). Os dois

²³ Segundo a ODKS três dos quatro conselheiros são ex-presidentes da entidade e estão ligados ao governo local; à Okinawa International University; à Prefecture University of Arts e apenas um dos conselheiros está ligado à própria entidade por ter sido ex-presidente do quadro de diretores.

²⁴ Segundo o Okinawa Karate Information Center: “Nos documentos contemporâneos, é frequentemente mencionado que, até que os estilos fossem formulados, o karatê era dividido em Shurite, Tomarite e Nahate. No entanto, a terminologia referente a esses 3 “Ti” apareceu pela primeira vez em 1927. Neste ano, o presidente do Kōdōkan, Kanō Jigorō, foi convidado a visitar Okinawa pela associação de faixas preta de judō da prefeitura de Okinawa. Como parte dos eventos de boas-vindas, uma demonstração de karatê foi organizada. Os organizadores foram Miyagi Chōjun e Mabuni Kenwa do “Okinawa Karate Club”. Naquela época, os nomes “Shurite, Nahate e Tomarite” eram usados por uma questão de conveniência. Os participantes foram Hanashiro Chōmo, Kuba Kōsaku, Kyan Chōtoku, Miyagi Chōjun, Mabuni Kenwa, etc”. (OKIC. Disponível em <http://okic.okinawa/en/okinawa-karate-and-kobudo>. Acesso em 25/12/19). (Tradução nossa).

mestres de Funakoshi eram especialistas em duas formas diferentes de *tode*, o *shuri-te* e o *naha-te* e Funakoshi absorveu elementos de ambas sem, no entanto, demonstrar a intenção inicial de criar um estilo novo (FUNAKOSHI. 2014). Outro caso emblemático é o do contemporâneo e amigo de Funakoshi, Kenwa Mabuni (1889 – 1952).

A narrativa mais facilmente encontrada sobre Mabuni descreve uma trajetória marcial bem diversificada. Nascido em Naha, Okinawa, Mabuni começou a aprender *tode* também sob os cuidados de Anko Itosu e a partir da linha *naha-te*, mas logo buscou aprender *shuri-te* com o mestre Kanryu Higaonna e ainda trocou experiência e conhecimentos com outros mestres contemporâneos ou de geração anterior à sua (SHITORYU BRASIL, 2019)²⁵. Mas de um modo geral, assim como Funakoshi, Mabuni teve como pilares centrais as linhas *shuri-te* e *naha-te* e também como Funakoshi ele não teria demonstrado interesse em criar um estilo (*ryu*) novo, mas sim ensinar as duas linhas aprendidas. (SHITORYU BRASIL, 2019)²⁶ A necessidade (ou imposição) em nomear seus métodos como estilos novos só parece ter surgido após a japonização do karatê. Primeiro Funakoshi em 1914 e depois Mabuni em 1929 se mudaram para o Japão (Tóquio e Osaka respectivamente) e participaram ativamente desse processo de japonização. Acreditamos que somente depois das exigências da Dai Nippon Butokukai (entidade que reconhecia as artes marciais japonesas), que incluía uma padronização nos uniformes de treino e do sistema de graduação inspirados no judô (McCARTHY, 1995) teremos a divisão dos estilos no karatê²⁷. O método de Funakoshi passa a ser conhecido como Shotokan e o de Mabuni por alguns nomes até ser fixado como Shito Ryu²⁸ (SHITORYU BRASIL. 2019)²⁹

²⁵ Disponível em: <http://shitoryubrasil.com.br/Site/historia-do-shitoryu-karatedo/>, acesso em: 12 dez.19

²⁶ Idem.

²⁷ Lembrando que nossas investigações levam a crer que o mestre Funakoshi não demonstrava inicialmente o interesse em criar um estilo específico justamente porque sua intenção parecia ser a de unificar os métodos de Okinawa, modernizá-los (ou seja, japonizá-los) e assim criar um estilo único e japonês. Seu trabalho é direcionado pela sua visão de aderência à unidade territorial japonesa. Ou seja, para ele, Okinawa era Japão como dissemos anteriormente. Nesse sentido o que hoje é chamado estilo Shotokan é o resultado dos esforços de Funakoshi pela modernização e unificação do karatê. Ele parecia ser, portanto, contrário à divisão de estilos.

²⁸ *Shito* é formado pelas iniciais dos seus dois principais mestres Higaonna e Itosu fazendo uma referência às duas linhas principais do estilo: *shuri-te* e *naha-te*.

²⁹. Disponível em <http://shitoryubrasil.com.br/Site/historia-do-shitoryu-karatedo/>, Acesso em 02 jan. 2020.

Um terceiro caso também emblemático reforça nossa ideia sobre as divisões em estilos dentro do karatê ter começado como uma consequência da japonização. É o icônico caso de Chojun Miyagi e o Goju Ryu. Miyagi foi contemporâneo de Funakoshi e Mabuni, era amigo de Mabuni e o levou a treinar shuri-te (SHITORYU BRASIL. 2019). Conta-se que quando foi fazer sua primeira demonstração no Japão, dentro do ginásio Budokan, Miyagi foi levado pela organização do evento a nomear seu estilo de karatê. Nesse momento teria nomeado de Goju Ryu (estilo duro e suave) em homenagem a escritos atribuídos ao lendário monge Bodhidharma, um patriarca das artes marciais chinesas e também reverenciado em Okinawa (OKIC. 2019).³⁰

Tudo isso nos leva a considerar a importância da japonização para a divisão do karatê okinawano em estilos. A ODKS exibe uma lista de estilos considerados estilos de Karatê Tradicional de Okinawa.

Nesse sentido o uso do termo *dento* ou “tradicional” para definir o karatê de Okinawa por parte dos próprios okinawanos, através do órgão unificado de promoção do karatê em Okinawa, nos leva a reforçar a função dessa expressão cultural na construção e afirmação da identidade okinawana (principalmente frente ao Japão). Uma vez que interessa aos okinawanos dizer “não somos japoneses” isso pode ser dito através do Karatê Tradicional de Okinawa e da busca pela preservação e divulgação do mesmo.

O quadro de oficiais da ODKS é composto por muitos mestres de Karatê Tradicional de Okinawa. Segue abaixo uma tabela com a composição dos seus membros e o estilo que representam³¹:

Tabela 1

Diretores executivos da Okinawa Dento Karate-Do Shinkokai		
Cargo ou função	Nome	Estilo a que representa

³⁰ Disponível em: em <http://okic.okinawa/en/okinawa-karate-and-kobudo>. Acesso em 15 dez. 2019. Outras fontes afirmam que Chojun Miyagi teria escolhido o nome do estilo após um dos seus alunos ter visitado o Japão e ter sido questionado sobre o nome do estilo que praticava. Como *Naha-te* não era necessariamente um estilo esse aluno não teria sabido responder. Ao relatar para Miyagi o mestre decidiu adotar um nome para seu estilo (GOJUDOJO. Disponível em <http://karategojudojo.com/>. Acesso em 12 dez 2020). Independente de qual narrativa esteja correta entendemos que a influência do Japão na divisão do karatê em estilos fica sugerida no exemplo do Goju Ryu.

³¹ Optamos por transcrever os nomes dos mestres da forma como está descrita na página da organização, ou seja, com o sobrenome escrito antes do nome.

Assessores	Wakugata Kosei	Goju Ryu
	Ueara Takenobu	Uechi Ryu
	Higaonna Morio	Goju Ryu
	Nakamoto Masahiro	Kobudô
Conselheiros	Asato Masatoshi	-
	Miyagi Tokumassa	-
	Tomikawa Moritake	-
	Kiyuna Choko	-
Presidente	Temaki Denny	-
Vice-presidentes	Sakugawa Masanobu	Shorinji Ryu
	Taira Keiko	Matsubayashi Ryu
	Ahagon Naonobu	Shorin Ryu
	Shimabukuro Zenpo	Sukunai-hayashi Ryu
Diretor do conselho de administração	Arakaki Kunio	Uechi Ryu
Vice-diretores do conselho	Hanasiro Kiyonari	Shorinji Ryu
	Takahara Seigo	Goju Ryu
	Iraha Satoshi	Shorin Ryu
	Uezato Kazuo	Goju Ryu
Líder do secretariado	Ikemiyagi Masaki	Goju Ryu
Diretores do conselho	Shimabukuro Haruyoshi	Uechi Ryu
	Taira Sadayuki	Goju Ryu
	Takushi Seiki	Goju Ryu
	Gaja Takehiro	Uechi Ryu
	Shimabukuro Akio	Matsubayashi Ryu
	Tsuha Kyioshi	Shorin Ryu
	Shinjo Kiyohide	Uechi Ryu
	Maeshiro Morinobu	Shorin Ryu
	Kakazu Yoshimasa	Shorin Ryu
	Akamine Hiroshi	Shorin Ryu
	Yagi Meitatsu	Goju Ryu
	Okuma Takashi	Goju Ryu
Kuba Yoshio	Goju Ryu	

	Nakazato Eisho	Shorin Ryu
	Nakazato Minoru	Shorin Ryu
	Arakaki Takeshi	Uechi Ryu
Auditores	Kawakami Tetsushi	Goju Ryu
	Yamashiro Hirokuni	Uechi Ryu

(OKINAWA DENTO KARATEDO SHINKOKAI, 2017)³².

São considerados pela ODKS como estilos do Karatê Tradicional de Okinawa:

Tabela 2

Estilos de Karatê Tradicional de Okinawa
Ishimine Ryu;
Isshin Ryu;
Uechi Ryu;
Okinawa Kenpo
Kushin Ryu; Goju Ryu
Konan Ryu
Goju Ryu
Kobu Ryu
Kojo Ryu
Shorin Ryu
Shorin Ryu/ Sukunai – Hayashi Ryu
Matsuayashi Ryu; Shorinji Ryu
Chobu Shorin Ryu
Tozan Ryu
Motobu Ryu
Motobu Udundi
Ryuei Ryu

(OKINAWA DENTO KARATEDO SHINKOKAI, 2017)³³

De acordo com essas informações, assim estão distribuídos os oficiais da ODKS conforme seus estilos:

³² Disponível em: <http://www.odks.jp/en/aboutus/officers/>. Acesso em 21 ago. 2019.

³³ Disponível em: <http://www.odks.jp/en/>. Acesso em 20 ago 2019.

Tabela 3

Quantidade de oficiais da ODKS por cada estilo	
Estilo	Número de membros
Ishimine Ryu;	0
Isshin Ryu;	0
Uechi Ryu;	7
Okinawa Kenpo	0
Kushin Ryu; Goju Ryu	0
Konan Ryu	0
Goju Ryu	11
Kobu Ryu	0
Kojo Ryu	0
Shorin Ryu	8
Shorin Ryu/ Sukunai – Hayashi Ryu	1
Matsuayashi Ryu; Shorinji Ryu	4 (2 Matsuayashi Ryu; 2 Shorinji Ryu)
Chobu Shorin Ryu	0
Tozan Ryu	0
Motobu Ryu	0
Motobu Udundi	0
Ryuei Ryu	0

É possível observar que nem todos os estilos do Karatê Tradicional de Okinawa possuem representantes no quadro de diretores executivos da ODKS e é possível ver também uma proeminência dos estilos Goju Ryu e Shorin Ryu. Podemos ainda levantar a hipótese de que esses dois sejam os estilos mais influentes do karatê em Okinawa. Uma das razões para essa possível influência pode estar no histórico dos dois estilos. Esses dois estilos são oriundos diretos as duas linhas principais do *tode*: Shorin Ryu herdou a velocidade e expansão do *naha-te* e o Goju Ryu é herdeiro das características do *shuri-te*, ou seja, contração, circularidade e curta distância. Apesar de não nos ser possível dentro do espaço desse trabalho fazer um levantamento sobre os estilos mais populares do karatê okinawano tanto em Okinawa quanto no mundo, podemos observar uma maior representatividade desses dois estilos no quadro administrativo da ODKS.

Apesar da divisão entre estilos ser uma realidade no Karatê Tradicional de Okinawa, existem elementos culturais dos quais a grande maioria dos estilos de Okinawa compartilham entre si, demonstrando assim um senso de coesão que nos permite observar esse karatê como expressão da identidade okinawana. Em outras palavras, o Karatê Tradicional de Okinawa possui um conjunto de elementos que os difere do karatê japonês, que são compartilhados por todos os estilos do karatê okinawano e que reforça o importante lugar do karatê na afirmação da identidade okinawana. (Em outra parte do nosso trabalho trataremos desses aspectos).

Mas como dissemos o karatê japonês também possui um discurso ligado à ideia de tradição, mas essa “tradição” está de acordo com a ideia de *budô* e do estabelecimento do moderno Estado nacional japonês.

Conforme afirma Fábio José Córdias Gomes:

A palavra *budô* significa caminho marcial, ou seja, um conjunto de ideias filosóficas, sociológicas, psicológicas e corporais implicadas no desenvolvimento da personalidade dos praticantes e da sociedade (CARDIAS, 2003; DREAGER, 1969; KODOKAN 2000) (2008).

Em outras palavras:

Budô [caminho marcial] termo geral para os vários caminhos marciais relativos ao guerreiro **tradicional** japonês, geralmente envolvendo algum tipo de sistema de combate ou técnicas combinadas com o estudo dos preceitos do *bushidô* [caminho do guerreiro]. A palavra *budô* tornou-se um termo geral aplicado com o estabelecimento da Academia de *budô* Dai Nihon Butokukai [Alta Sociedade das Virtudes Marciais do Japão], em 1919, e continua a ser usado como um termo geral para caminhos marciais como *judô*, *kendô*, *kyudô* e outros (KODOKAN, 2000. p. 66 apud. GOMES). (Grifo nosso).

Os esforços de Funakoshi para o sucesso da japonização do karatê passou, como dissemos anteriormente, por um esforço para que sua arte marcial fosse reconhecida como um tipo legítimo de *budô* deixando assim de ser considerada uma expressão cultural estrangeira para ser considerada uma arte marcial genuinamente japonesa.

A importância do sufixo *do* está atrelada à figura do samurai. Um aspecto importante trazido no título da terceira obra de Funakoshi está nesse sufixo. Seguindo um movimento que perpassava todas as artes marciais do Japão que visavam aderência aos princípios da modernidade, Funakoshi não só modificou o ideograma *kara* como também acrescentou o sufixo *do* em substituição ao *jutsu* utilizado no título do seu livro anterior (de *karate-jutsu* para *Karate-Do*). Sua busca

então passa pela tentativa de incluir o karatê no círculo fechado das artes marciais moralmente nobres, ou seja, no *budô*.

Quando devidamente concebida, ensinada e praticada com o verdadeiro espírito do Karate-Do, essa arte não é apenas a antítese de um perigo iminente, mas de fato é, como poucas, uma arte marcial integralmente nobre. (Budô). (FUNAKOSHI, 2014, p. 23).

O karatê de Funakoshi se liga às demandas civilizacionais da Modernidade-Meiji, por tanto ele adere à essa modernidade tanto no caráter do discurso de unidade territorial quanto no discurso civilizacional. Essa é a importância de o karatê ser considerado uma arte marcial do tipo budô. Ser aceita pela Butoku Kai (entidade para o fomento das artes marciais japonesas) significa ser aceito oficialmente nas estruturas educacionais do Japão moderno. E o karatê de Funakoshi conseguiu, o que faz dele talvez o principal responsável pela japonização do karatê³⁴. Por isso a entidade que melhor se organizou para representar seu estilo e que se posiciona como principal guardião do seu karatê é a reconhecida pelo Ministério da Educação³⁵ do Japão: a JKA (Japan Karate Association fundada em 1949).³⁶

O aspecto de tradicionalismo do karatê japonês então está mais ligado à aderência de Funakoshi aos preceitos do moderno Estado Nacional Japonês do que necessariamente sua origem okinawana. Por isso ao longo desse trabalho

³⁴ As ações de Funakoshi nesse sentido configuram um projeto, ou seja, uma série de ações e ajustes para japonizar e modernizar o karatê. No entanto seu projeto, como vimos, não renega as origens okinawanas e chinesas da arte. Pudemos crer que seu ideal era unificar as várias linhas e estilos de Okinawa diluindo-os, talvez em um karatê japonês único sendo esse um reflexo de uma ideal unidade cultural nacional.

³⁵ O fator educacional foi fundamental no processo da modernidade no Japão como afirma Renato Ortiz. A escola tem a função de “*Moldar as próprias categorias de interpretação do real*” (p. 63) e nela se expressa também as categorias de *uchi* e *soto*, ou seja, “dentro” e “fora” relativas ao pertencimento a um grupo seja ele uma família (ie), a uma empresa e a um grupo escolar. (ORTIZ, 2000).

³⁶ Reconhecimento esse ostentado com orgulho inclusive pela página oficial da entidade no Brasil: “A JKA é a única entidade juridicamente independente de Karatê e reconhecida oficialmente pelo governo japonês como uma associação de membros (Shodan Hojin) para a promoção do Karatê”. (JKA BRASIL, 2019. Disponível em: <http://www.jkabrasil.com.br/karate-jka/historia/>. Acesso em 28/04/19). Na página oficial da matriz japonesa esse reconhecimento também é narrado: “Em 10 de abril de 1957, a JKA se tornou uma entidade legal quando o Ministério da Educação do Japão (atualmente Ministério da Educação, Ciência, Esportes e Cultura) reconheceu oficialmente a JKA como uma associação de membros para a promoção do karatê e a disseminação e enriquecimento de prática real de karatê. Doze anos depois, outra organização de karatê também recebeu status legal, baseado não na associação, mas na contribuição de uma fundação individual, principalmente com o objetivo de organizar disputas de karatê.” (JKA. Disponível em: <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/history/>. Acesso em: 08 jan. 2020). (Tradução nossa).

utilizamos o termo Karatê Tradicional de Okinawa para designar aquilo que os okinawanos consideram como sendo seu karate e sua expressão cultural.

4 O KARATÊ E A IDENTIDADE OKINAWANA

4.1 Afirmação de identidade okinawana frente ao Japão por meio do karatê e do kobudô de Okinawa

A cultura okinawana muitas vezes é relacionada ao campesinato e à pesca. Essas atividades podem ter sido de grande importância cultural e econômica desde os tempos do Reino de Ryukyu. E essa influência camponesa e pesqueira pode ser vista claramente no kobudô de Okinawa.

Kobudô (caminho das antigas artes marciais) (SHINZATO, 2014), é uma arte marcial que se utiliza de armas diversas como bastões, lanças, alabardas, correntes, etc. Esse termo é utilizado tanto para o uso de armas japonesas quanto em Okinawa. Existe pouca literatura sobre o kobudô de Okinawa e as narrativas sobre sua origem quase sempre são transmitidas oralmente nos *dojo*, criando uma espécie de lugar comum. Nossa intenção não é apresentar um estudo aprofundado e metódico sobre as origens do kobudô de Okinawa, mas sim apresentar algumas das narrativas mais recorrentes sobre essa arte marcial.

Uma narrativa recorrente nos *dojo* de karatê afirma que as origens do kobudô de Okinawa são provavelmente camponesas e isso dialoga intimamente com as origens do karatê. De certa forma karatê de Okinawa e kobudô de Okinawa se complementam como artes irmãs e muitos mestres de karatê okinawanos são também mestres de kobudô.

Em muitos *dojo* de karatê costuma-se narrar que no kobudô de Okinawa as armas são originárias de ferramentas rurais e pesqueiras como o remo, a foice, bastões, manivelas, etc. e que os camponeses de Ryukyu teriam se valido delas para autodefesa durante as duas proibições de porte de armas (a de Sho Hashi e a de Shimazu). Essa interpretação transmitida oralmente associa intimamente a origem do karatê à do Kobudô de Okinawa (SHINSHUKAN. 2019)³⁷. Mas existem outras hipóteses para o surgimento do Kobudô de Okinawa que contestam a suposta origem camponesa da arte.

³⁷ Disponível em <http://shinshukan.com.br/shorin/pag/2/kobu-do.html>. Acesso em 28 dez. 2019.

Segundo o Instituto Shinshukan³⁸

O kobudo de Okinawa foi transmitido como arte marcial tradicional desde os tempos mais antigos. Embora seja comum pensar que com o nascimento do karate veio o nascimento do kobudo, alguns pesquisadores e historiadores acreditam que o kobudo tem uma história mais antiga do que o karate. Embora originalmente tendo uma relação de irmão com o karate, o kobudo se tornou de certa forma negligenciado. Ainda hoje o kobudo de Okinawa é em grande parte desconhecido do mundo. Apenas uma minoria, sobrecarregada, de mestres de kobudo de Okinawa herdaram quase todos os katas e técnicas de kobudo. Em Okinawa, o kobudo experimentou uma guerra real durante o período Sanzan, tempo de confusão quando a nação Ryukyu foi separada em três reinos em guerra uns com os outros. Devido ao fato do rei da região sul (Osato Aji), do rei da região norte (Nakijin Aji) e do rei da região central (Rei Tamagusuku) estarem constantemente em hostilidades, foram desenvolvidos métodos de construção de fortalezas e utilização de armas. Durante este período, e quase por um século, uma época em que o comércio entre a China e o Japão ainda era pequeno, o kobudo específico de Okinawa foi colocado em aplicação nos campos de batalha. Nota-se que os katas de karate que ainda são amplamente praticados hoje em Okinawa são quase todos chamados pelos seus nomes Chineses. Ao contrário, quase todos os nomes dos katas de kobudo derivam de nomes de Okinawa, apelidos ou denominações de regiões. Por isso, é claro que muitas técnicas de kobudo nasceram e foram criadas em Okinawa, e são um legado deixado pelas mãos de Okinawanos, através de guerras reais (SHINSHUKAN, disponível em <http://shinshukan.com.br/shorin/pag/2/kobu-do.html>. Acesso em 28 dez. 2019).

Essa narrativa contesta tanto a interpretação de que o kobudô de Okinawa tenha surgido com a proibição das armas quanto diminui o possível peso da cultura chinesa para a origem da arte. Isso pois o kobudô de Okinawa teria se desenvolvido antes inclusive da unificação do reino de Ryukyu por Sho Hashi em 1429. Outra contestação que essa narrativa faz em relação à participação dos camponeses na criação do kobudô de Okinawa é a proeminência de uma classe nobre de guerreiros na prática do kobudô e mesmo do *tode*. Essa classe nobre era os *peichin*.

Peichin era o termo designado a membros de famílias nobres ligadas à Família Real de Ryukyu (MCCARTHY, 1995). Podem ser entendidos como uma classe social aristocrática composta por guerreiros de prestígio e altos funcionários reais. O prestígio dos *peichin* em Okinawa perdurou mesmo após a Revolução Meiji.

³⁸ O Instituto Shinshukan foi fundado pelo mestre Yoshihide Shinzato (1927 – 2008) em Santos, SP no ano de 1962. Imigrante de Okinawa, o mestre Shinzato foi um dos maiores responsáveis pela divulgação e aprimoramento do karatê de Okinawa através do estilo Shorin Ryu e do kobudô de Okinawa. Mestre Shinzato era 10º dan de karatê Shorin Ryu (gradação máxima) e 9º dan em kobudô de Okinawa.

A mesma narrativa que contesta a criação camponesa do kobudô de Okinawa enfatiza a participação dos *peichin* nesse processo:

As técnicas de Karate e Kobudo eram, por sua natureza, mantidas fora do alcance de não iniciados. Assim, existem poucos registros históricos e as artes eram ensinadas quase exclusivamente através da transmissão oral de mestre para discípulo. O folclore (equivocado) nos faz acreditar que o legado de combate civil de Okinawa foi desenvolvido pela classe subjugada de camponeses “pré-Meiji”. Descritos como tiranizados pelos Senhores Feudais, os camponeses, num esforço para libertarem-se das cadeias de opressão, supostamente conceberam uma tradição de combate onipotente. Algumas pessoas têm a hipótese adicional que os utensílios utilizados na vida diária foram, de alguma maneira, aplicados aos princípios de combate. Também foi postulado que, envolvido em um manto de segredo devido ao medo de represálias, se descobertos, os camponeses não só estabeleceram este fenômeno cultural, mas também tiveram sucesso na sua transmissão por gerações, sem o conhecimento das autoridades locais. Apoiada por simples linhas de testemunho historicamente inexato, a suposição da “Classe Camponesa pré-Meiji” não é merecedora de séria consideração. Todavia, alguns pesquisadores têm erroneamente creditado à classe camponesa o desenvolvimento de tradições combativas de mãos armadas e desarmadas. Porém, um estudo adicional do Reino de Ryukyu revela achados que sugerem uma explicação mais plausível.

Em Shuri e Naha, era comum o sistema privado de aula entre mestre e aluno. Os especialistas marciais de Shuri e Naha eram selecionados e ensinados desde bem jovens, os quais tinham vocação para os treinamentos em artes marciais. Devido aos métodos de ensino privados, a relação de confiança entre professor e aluno era tão profunda quanto uma relação entre pai e filho, se não até mais profunda. Durante a era do reinado muitos bujin [guerreiros] surgiram em Shuri, Naha e Tomari, atingindo extrema prosperidade. Os jovens eram escolhidos por sua aptidão e instruídos completamente. Comportamento adequado, modo de caminhar e costumes da vida diária foram induzidos pelo sistema. Eles foram educados com uma atenção meticulosa necessária para os bujin, para que eles pudessem desenvolver uma cultura e uma atitude mental apropriadas. Claro que a qualificação requerida é que eles tivessem origem nobre, condição a qual mesmo um agricultor rico não poderia comprar (SHINSHUKAN, Disponível em <http://shinshukan.com.br/shorin/pag/2/kobu-do.html>.)³⁹

De fato, alguns mestres de *tode* e kobudô de Okinawa eram pertencentes a famílias de prestígio e ligadas à Família Real de Ryukyu⁴⁰ (FUNAKOSHI, 2013). Em todo caso não é nosso objetivo aqui contrapor as duas narrativas ou fazer um estudo minucioso sobre a origem camponesa do kobudô de Okinawa ou sobre a presença dos *peichin* na sua criação. Entretanto é inevitável pensar na influência da

³⁹ Acesso em 28 dez. 2019.

⁴⁰ Funakoshi por exemplo descreve um dos seus mestres Anko Itosu e o mestre de Itosu, Sokon Matsumura, como guerreiros nobres equivalentes a samurais. Além disso Funakoshi exalta a erudição dos seus mestres. Ter uma boa instrução e erudição parecia ser uma forte característica dos membros dessa classe. Ao associar seus mestres como guerreiros nobres entendemos que Funakoshi queria dizer que eles eram da classe *peichin*. (FUNAKOSHI, 2013)

insularidade no kobudô de Okinawa. As armas, tão semelhantes às ferramentas de camponeses e pescadores, nos atraem para a importância do aspecto insular na tradição marcial das Ryukyu. Sobre a relação entre espaço e tradição local Halbwachs, em *A Memória Coletiva* afirma:

Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores (...). Sem dúvida essa disposição anterior foi outrora a obra de um grupo. O que um grupo fez outro pode desfazê-lo. Mas o desígnio dos antigos homens tomou corpo dentro de um arranjo material, quer dizer dentro de uma coisa, e a força da tradição local veio da coisa, da qual era imagem. Tanto é verdade que, para toda uma parte de deles mesmos, os grupos imitam a passividade da matéria inerte (1990, pp. 136-137).

O aspecto da insularidade (insularidade essa que propiciou não só uma forte ligação com as atividades pesqueiras e de navegação, mas também uma íntima ligação comercial com a China) (KANASHIRO, 2010) se torna um importante elemento para a construção e afirmação da identidade okinawana a partir da memória. Estabelece-se assim traços do que se chama *dento* (tradicional), como o *Okinawa Dento Karate* e principalmente como o kobudô de Okinawa. No caso do kobudô de Okinawa sua relação com a insularidade se faz materialmente presente nas armas como o *eku* adaptado dos remos e o *rochin*, um tipo de arpão por exemplo (SHINZATO, 2011). No karatê a insularidade se reflete na divisão entre as linhas originais do *tode*. Essas linhas levam os nomes das ilhas onde foram desenvolvidas, assim a linha de *tode* desenvolvida em Tomari recebe o nome *tomari-te*, em Shuri e em Naha as linhas recebem respectivamente os nomes de *shuri-te* e *naha-te* conforme citamos anteriormente em nosso trabalho (McCARTHY, 1995; FUNAKOSHI, 2014). As diferenças entre essas linhas não se limitam apenas às ilhas onde foram desenvolvidas, mas passa também por diferenças técnicas entre elas. Trataremos melhor dessas linhas um pouco mais à frente. Em todo caso podemos considerar a importância do elemento espacial para a construção de uma narrativa memorialística e afirmação da identidade okinawana através do kobudô de Okinawa e do karatê.

Por ser uma arte marcial vinculada ao karatê e ao mesmo tempo diferente dele, o kobudô de Okinawa contribui ainda para aproximar os estilos de Okinawa pois as divisões dos estilos de kobudô não acompanham necessariamente as mesmas divisões nos estilos de karatê. O kobudô de Okinawa então se torna um

dos elementos que contribuem para que haja um aspecto de ligação e comunhão entre os vários estilos do karatê de Okinawa e que ajuda a estabelecer uma identidade coesa e comum ao karatê de Okinawa.

O karatê japonês não estabeleceu no Japão uma associação com o kobudô de Okinawa e nem mesmo com o kobudô japonês. Inclusive muitas narrativas ocidentais associam o termo *mãos vazias* para karatê como relativo ao não uso de armas⁴¹ dissociando totalmente as duas artes. Tudo isso acentua ainda mais a especificidade do karatê de Okinawa.

Uma das possíveis explicações para a dissociação entre karatê japonês e kobudô talvez esteja no seu processo de japonização.

Nos primeiros momentos da implantação do karatê no Japão, Gichin Funakoshi talvez tenha levado a diante a prática e ensino do kobudô de Okinawa, mas durante a adaptação ao modo de vida do japonês urbano a prática com armas foi deixada de lado. Não sabemos se isso ocorreu devido à uma ênfase maior dada à parte física (ou seja, ao “corpo como arma”) ou se foi uma escolha deliberada e consciente dele por ver que o kobudô de Okinawa poderia não ser bem aceito no Japão. Essa segunda hipótese parece bem concisa principalmente quando consideramos que a tradição marcial japonesa é bastante diferente da okinawana⁴².

Outros artefatos ligados ao karatê também foram dissociados do karatê japonês como por exemplo os *nigiri gami*. São potes ou vasos de barro usados num conjunto de exercícios hoje chamados em alguns estilos de *hojo undo* (exercícios complementares que têm a finalidade de fortalecer e condicionar o corpo). Esses

⁴¹ Como descrito nessa passagem: “Como diz seu nome: Kara – (vazio) te – (mãos) essa arte marcial é um meio de luta sem armas” (TAGNIN, 1975. P, 1). No entanto conforme expomos nesse trabalho, Funakoshi defende que o sufixo *kara* 空 tem um significado espiritual de esvaziamento, algo mais próximo do conceito budista de vacuidade (2014).

Apesar disso, Funakoshi também apresenta uma explicação que dá o significado de “vazio” ao fato de não haverem armas no karatê: “O *kara* que significa ‘vazio’ é definitivamente o mais apropriado. Em primeiro lugar, ele simboliza o fato evidente de que essa arte de autodefesa não usa armas, somente pés desguarnecidos e mãos vazias. Além disso, os estudantes de karatê-dô têm como meta não só aperfeiçoar a arte de sua escolha, mas também esvaziar o coração e a mente de todo o desejo e vaidade terrenos” (2014, p. 47).

⁴² Como apontamos anteriormente, a tradição marcial japonesa está ligada ao *budô* e à figura do samurai. É provável que o karatê estaria mais perto de ser aceito como um tipo de *budô* japonês se não viesse associado ao kobudô de Okinawa, pois as armas de Okinawa poderiam ser consideradas inferiores e rústicas se comparadas às armas samurai consideradas nobres. Entretanto são apenas suposições e não pudemos aprofundar mais no assunto dentro do espaço deste trabalho.

potes são usados para o fortalecimento principalmente dos dedos, onde o praticante segura seu bocal com os dedos e faz alguns movimentos. Associado com a postura e respiração corretas, os exercícios com os *nigiri gami* ajudam a fortalecer bastante as pontas dos dedos tornando possíveis aplicações de muitas técnicas. No livro Karatê-Do Nyumon, Funakoshi faz uma referência aos *gami* como método de treinamento, mas não o promove nem se aprofunda muito no assunto:

De novo existem instrutores que iludem as pessoas com explicações como esta: “no karatê, é muito importante pegar com força. Para desenvolver essa capacidade, você precisa treinar pegando dois jarros de boca larga, de modo que você mal possa segurá-los com as pontas dos dedos. Encha-os com areia, segure um jarro em cada mão e balance-os para frente e para trás. Uma pessoa que tenha desenvolvido suficientemente a força de pegar através do treinamento pode cortar a pele do braço ou da perna do adversário”

Embora essa explicação seja parcialmente verdadeira, a parte que se refere a “cortar a pele” de um homem é ridícula, porque é exatamente disso que estamos falando – de carne humana, não de massa sovada. Ela não pode ser retalhada com tanta facilidade. (2014, p. 16, 17)

Desde 1987 artefatos ligados ao karatê de Okinawa como os *nigiri gami* e as armas do kobudô de Okinawa receberam um local para preservação e exposição. O primeiro museu do karatê foi inaugurado pelo hanshi⁴³ Tetsuhiro Hokama em Nishihara, Okinawa. Chamado de Okinawa Prefecture Karatedo wa Kobudo Museum, tem seu funcionamento no andar de cima do *dojo* do sensei Hokama e recebe visitantes do mundo inteiro.

Hanshi Tetsuhiro Hokama é 10º dan (graduação máxima) em karatê estilo Goju Ryu, presidente do Okinawa GojuRyu Kenshi Kai Karatedo Kobudo Association (HOKAMA. 2019)⁴⁴. Em seu museu estão expostos exemplares históricos de armas do kobudô de Okinawa e materiais de treinamento como placas com caligrafia, quadros e um enorme acervo de fotografias e documentos históricos, todos ligados ao karatê e kobudô de Okinawa. Além de manter seu museu particular aberto, hanshi Hokama ainda dá aulas particulares agendadas, inclusive para estrangeiros e seminários fora de Okinawa. Os *karateka* visitantes têm então um duplo privilégio, além de treinar com um dos maiores mestres de karatê, ainda podem visitar o museu na parte superior do *dojo*.

⁴³ Hanshi é um termo geralmente designado a um praticante que tenha alcançado o 10º dan, graduação máxima na maioria dos estilos de karatê e koudô de Okinawa.

⁴⁴ Disponível em: http://www.tetsuhirohokama.net/Home_Page.html. Acesso em 21 out. 2019.

Além da acessibilidade, o Museu do Karatê e Kobudô ainda possui uma interessante característica de interação com os visitantes. Eles podem deixar patches, emblemas e brasões das suas associações, federações e *dojo*, que ficam expostos em uma sessão específica. Como se fosse um tipo de livro de visitas, o painel com os emblemas acaba por se tornar uma peça a mais de exposição e apreço ao karatê conforme atesta uma matéria de 2012 sobre o museu no jornal Ryukyu Shimpo:

Museu do Karatê mostra-se popular,

19 de abril 2012. Ryukyu Shimpo.

Vinte e cinco anos se passaram desde que Tetsuhiro Hokama, presidente da Okinawa Gojuryu Kenshi Kai Karatedo Association, abriu um museu particular do karatê em Nishihara. O museu exhibe mais de 400 itens relativos ao karatê de Okinawa. Hokama coletou diligentemente esses itens para evitar que seu significado se perdesse na sociedade. Exponentes do karatê que vem estudar a arte marcial em Okinawa, onde ela teve origem, tem visitado o museu vindos de 140 países e regiões diferentes e o número total de visitantes passou de 3000 pessoas. Hokama promete continuar seus esforços para apoiar a tradição global do karatê de Okinawa.

Hokama começou a aprender karatê com oito anos de idade. Quando ele estava na universidade, ele percebeu que os materiais relacionados ao karatê de Okinawa não haviam sido sistematicamente coletados, desde então ele coletou esses materiais enquanto trabalhava como professor em uma escola de ensino médio comercial. Em janeiro de 1987, ele abriu um museu na área de Yonashiro, em Nishihara, e há 18 anos se mudou para Uehara, ainda em Nishihara, onde ele construiu um dojo no primeiro andar de sua casa com o museu acima no segundo andar. Os materiais relacionados ao karatê em exibição incluem fotografias de expoentes do passado, equipamentos e documentos de kobudo além de pôsteres. Hokama disse: 'Isso é importante para apreciar a posição que o karatê tem ocupado na história da sociedade de Ryukyu'. O museu exhibe modelos explicando aspectos da vida das pessoas na antiga Okinawa, ferramentas agrícolas e *geta* (um tipo de sandália tradicional japonesa feita de pedra. Hokama guarda cuidadosamente patches de karatê que os visitantes de outros países deixaram no local e tickets de admissão para concursos de karatê realizados em Okinawa, o que tornam o museu único" (RYUKYU SHIMPO, 2012)⁴⁵ (tradução nossa)⁴⁶

⁴⁵ Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/2012/04/26/6847/>. Acesso em 12 set. 2018.

⁴⁶ Karate museum proves popular

April 19, 2012 Ryukyu Shimpo

Twenty-five years have passed since Tetsuhiro Hokama, president of the Okinawa Gojuryu Kenshi Kai Karatedo Kobudo Association, opened a private karate museum in Nishihara. The museum exhibits more than 400 items related to Okinawan karate. Hokama diligently collected these items to avoid their significance being lost upon society. Exponents of karate who came to study the martial art in Okinawa, where it originates, have visited the museum from about 140 different countries and regions and the total number of visitors has now exceeded 3000 people. Hokama pledges to continue his efforts to support the global tradition of Okinawan karate.

A fala do hanshi Hokama na matéria demonstra um aspecto bastante interessante do Karatê Tradicional de Okinawa. Pela já citada facilidade em articular com os estrangeiros desde os tempos das intensas trocas comerciais de Ryukyu e tendo no turismo um importante meio econômico do arquipélago, o Karatê Tradicional de Okinawa assume cada vez mais um caráter, nas palavras de Hokama, “global”. Nesse sentido a necessidade da afirmação da identidade okinawana por meio do karatê é também uma afirmação ao estrangeiro, ao visitante, ao mundo.

Isso talvez ajude a compreender o apoio dado pelas entidades do Karatê Tradicional de Okinawa (especialmente a ODKS) à campanha pela entrada do karatê nas Olimpíadas. Trataremos desse aspecto mais à diante.

Hokama started to learn karate at the age of eight. When he was at university he realized that materials related to Okinawan karate had not been systematically collected, so ever since he has collected such materials while working as a teacher in commercial high schools. In January 1987 he went on to open a museum in the Yonashiro area of Nishihara and 18 years ago he moved to Uehara, still in Nishihara, where he built a dojo on the first floor of his house with the museum above it on the second floor.

Materials related to karate on display include photographs of past exponents, kobudo gear and documents as well as posters. Hokama said, “It is important to appreciate the position karate has occupied in the history of the Ryukyuan society.” The museum exhibits models explaining aspects of the lives of people in ancient Okinawa, agricultural tools and *geta* (a form of traditional Japanese footwear) made of stone. Hokama carefully stores patches of karate jackets that the visitors from other countries left behind, and admission tickets of karate contests held in Okinawa, which make the museum unique.

Figura 2 - Fachada do dojo do hanshi Tetsuhiro Hokama e do Museu do Karatê de Okinawa.



Fonte: Tetsuhiro Hokama, 2006⁴⁷.

Figura 3 - Uma parte do acervo do Museu do Karatê de Tetsuhiro Hokama



Fonte: Voyagin, 2016.⁴⁸

⁴⁷ Disponível em: www.tetsuhirohokama.net/Home_Page.html. Acesso em 21 out. 2019

⁴⁸ Disponível em: <https://www.govoyagin.com/activities/japan-okinawa-visit-a-karate-museum-in-okinawa/6515>. Acesso em: 22 dez. 2019.

Acima (figura 3), podemos observar as armas do kobudô de Okinawa expostas no Museu do Karatê de Tetsuhiro Hokama.

Figura 4 - Outra parte do museu com fotografias, algumas armas e periódicos



Fonte: Voyagin, 2016.⁴⁹

Figura 5 - Hanshi Hokama no seu Museu do Karatê.



Fonte: Voyagin, 2016.⁵⁰

⁴⁹ Disponível em: <https://www.govoyagin.com/activities/japan-okinawa-visit-a-karate-museum-in-okinawa/6515>. Acesso em: 22 dez. 2019.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.govoyagin.com/activities/japan-okinawa-visit-a-karate-museum-in-okinawa/6515>. Acesso em: 23 dez. 2019.

Figura 6 - Hanshi Hokama recebe visitantes em seu museu



Fonte: Voyagin, 2016.

Na figura 6, observa-se à direita o painel onde os visitantes podem deixar os patches e brasões das suas organizações e *dojo* de karatê. Esses patches além de registrar a visita passam a compor o acervo do museu.

Mas o museu do hanshi Hokama não é mais o único em Okinawa. Desde 01 de maio de 2017 funciona o Okinawa Karate Kaikan e o Okinawa Karate Information Center (OKIC). O OKIC funciona dentro do Kaikan e tem a função de acolher praticantes estrangeiros, conduzi-los até um *dojo* previamente escolhido pelo estrangeiro onde ele terá uma ou mais aulas com um mestre do karatê tradicional de Okinawa. No Kaikan ainda funciona um *dojo* interno que pode ser alugado para seminários e um *dojo* externo em arquitetura tradicional que pode ser usado para eventos mais solenes como seminários e exames de faixa. Além de toda essa estrutura o Okinawa Karate Kaikan possui ainda um local de exposição de materiais ligados ao karatê (OKIC, disponível em: <http://okic.okinawa/es/>).

Toda essa estrutura do Okinawa Karate Kaikan é gerida pela Okinawa Dento Karatedo Shinkokai e pelo governo local com o apoio do Governo Japonês. A criação do Kaikan indica uma série de aspectos da realidade atual do karatê de Okinawa. Primeiro reforça mais uma vez o aspecto internacional dessa expressão cultural que poderíamos também chamar de local. Teríamos aqui o exemplo de uma internacionalização de uma cultura local (HALL, 2006). Assim como o museu do mestre Hokama é voltado para o estrangeiro, o Kaikan, por meio do Okinawa Karate

Information Center principalmente, representa um notável esforço para a divulgação do karatê de Okinawa.

A fundação de entidades como o Okinawa Dento Karatedo Shinkokai, do Okinawa Karate Information Center e iniciativas como o Okinawa Prefecture Karatedo wa Kobudo Museum de Tetsuhiro Hokama demonstram um esforço pela divulgação do Karatê Tradicional de Okinawa e também pela sua preservação. Nesse sentido o movimento de preservação parece estar associado com o movimento de divulgação e exposição cultural.

4.2 Preservação e patrimonialização

O reconhecimento do Karatê Tradicional de Okinawa como uma legítima expressão cultural da comunidade okinawana ocorre também dentro de demandas pela sua patrimonialização.

A prática sistemática de proteção aos bens culturais japoneses teve início ainda no começo da Era Meiji com a criação da Lei de Preservação de Templos e Santuários Antigos no ano de 1897. Já no ano de 1929 a Lei de Preservação de Tesouros Nacionais foi criada, ambas para amparo e preservação do patrimônio material (MIYATA, 2012). A terrível experiência da II Guerra Mundial e a grande destruição de locais históricos pelos bombardeios aéreos levou o governo japonês a intensificar as discussões acerca da preservação do patrimônio. Um dos resultados desse esforço foi o estabelecimento da Lei de Proteção à Propriedades Culturais no ano de 1950. Com essa lei se expressa a necessidade de salvaguardar elementos da cultura imaterial fazendo uma distinção entre patrimônio material e imaterial. Em 1954 foi adicionada à lei a designação de Propriedades Culturais Imateriais Importantes e o reconhecimento de pessoas com habilidades artísticas. Um dos aspectos que motivaram o olhar para a cultura imaterial do Japão naquele período foi a intensa “ocidentalização” do Japão (MIYATA, 2012). Nesse sentido o estabelecimento dessa lei principal de gerenciamento da preservação do patrimônio cultural japonês está de acordo com a ideia de preservação da identidade nacional e dos costumes tradicionais frente a um período de intensa e inevitável influência cultural externa.

A Lei de Proteção à Propriedades Culturais então abrange para a propriedade cultural imaterial as categorias: Propriedades Culturais Imateriais

Importantes; Propriedades da Cultura Popular Imaterial e Técnicas de Conservação de Propriedades Culturais (MIYATA, 2012).

A categoria de Propriedades Culturais Imateriais Importantes abrange performances artísticas e artesanato. Com a intenção de preservação essa categoria ampara os mestres capazes de transmitir a técnica reconhecendo-os como Tesouros Vivos (detentores de ativos culturais imateriais). Existem três formas desse reconhecimento: a coletiva, a de grupo e a individual. Quando há o reconhecimento individual esse passa a ser considerado um “Tesouro Vivo” (HIYOKI, s.d.). A técnica a ser ensinada a partir do conhecimento que esses mestres possuem os tornam passíveis desse título. Assim essa categoria busca dar apoio para a contínua transmissão da técnica e do saber cultural.

A Prefeitura de Okinawa dispõe de uma lista onde reconhece alguns mestres de karatê como detentores de ativos culturais imateriais da província. O karatê também é reconhecido pelo governo local como um Ativo Cultural Imaterial desde 1997. O Okinawa Tradicional Karate Laison Bureau⁵¹ nos apresenta a lista enquanto celebra o reconhecimento de mais cinco mestres em 2013:

Tabela 4

Mestres reconhecidos como Detentores de Ativos Culturais Intangíveis pela prefeitura de Okinawa até 2013⁵²	
Nome	Ano de reconhecimento
Nagamine Shoshin	1997
Yagi Meitoku	1997
Itokazu Seiki	1997
Iha Koshin	2000
Tomoyose Ryuko	2000
Nakazato Shoguro	2000
Nakazato Shoen	2000
Miyahira Katsuya	2000

⁵¹ Esse departamento funciona sob os auspícios da Okinawa Dento Karatedo Shinkokai e antes da criação do Okinawa Karate Information Center, ele tinha a função de agendar visitas de estrangeiros aos *dojo* da ilha e promover o karate para a comunidade internacional.

⁵² Optamos por colocar o sobrenome na frente do nome como é de costume no Japão.

Wakugawa Kosei	2000
Ishikawa Seitoku	2013
Uehara Takenobu	2013
Hichiya Yoshio	2013
Nakamoto Masahiro	2013
Higaonna Morio	2013

Fonte: (OKINAWA TRADITIONAL KARATE LAISON BUREAU, 2013)⁵³

Existem duas formas para uma expressão artística ser considerada uma Propriedade Cultural Imaterial: por meio de uma “designação” e por meio de uma “seleção”. Para a designação a expressão artística precisa ser considerada de especial importância para a nação, já a seleção exige “documentação e outras medidas” (HIYOKI, s.d.). Apesar do reconhecimento pelo Governo de Okinawa como Ativo Cultural Imaterial e da lista de mestres reconhecidos como Detentores de Ativos Culturais Imateriais, o karatê não detém esse reconhecimento a nível mundial.

No entanto a demanda pelo reconhecimento do Karatê Tradicional de Okinawa como Patrimônio Imaterial da Humanidade tem levado a reuniões e articulações dos órgãos gerenciadores do karatê de Okinawa⁵⁴. Esta demanda, mais um esforço pela afirmação da cultura okinawana, é um dos combustíveis para a realização do Dia do Karatê.

O Dia do Karatê em Okinawa é um evento onde se reúnem anualmente a maior quantidade de karatekas possível em um único lugar, onde realizam o mesmo *kata* diversas vezes e demais apresentações. Em outras partes do mundo vários karateka também se reúnem no mesmo dia, em *dojo* ou locais públicos, assim como em Okinawa.⁵⁵

O Dia do Karatê foi criado em 2005 pela Prefeitura de Okinawa e pela Okinawa Dento Karatedo Shinkokai. A data escolhida foi 25/10 por representar um

⁵³ Disponível em: <http://okkb.org/2319>. Acesso em 22 abr. 2019.

⁵⁴ Trataremos dessas reuniões no capítulo sobre a internet. Por meio da internet a campanha pela patrimonialização é divulgada e essas reuniões locais noticiadas.

⁵⁵ Conforme a ODKS, no ano de 2016 o evento entrou no Livro dos Records como “o maior número de pessoas reunidas fazendo kata” (ODKS, 2017)

Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/newstopics/536>. Acesso: 12 out. 2018).

marco na história do karatê. Foi nesse dia no ano de 1936 que uma reunião de grandes mestres de Okinawa ocorreu com a presença de várias autoridades civis sob a organização do jornal Ryukyu Shimpō. Esses mestres deliberaram sobre as mudanças recentes na arte especialmente a adoção do sufixo “kara” (空) em substituição ao “kara” ou “to” (唐)⁵⁶ (FUNAKOSHI, 2014). De um modo geral esse conselho aprovou boa parte das mudanças e endossou a adaptação do karatê às novas condições.

A resolução do Governo de Okinawa para o lançamento do Dia do Karatê traz um discurso simpático à ideia de mundialização do karatê e apela para a sua popularidade ao redor do mundo:

Resolução sobre a declaração do dia do Karatê.

(Traduzido [do japonês para o inglês] por Okinawa Karate Information Center)

(...) Como se sabe, a população mundial do karatê é estimada em cerca de 50 milhões de pessoas. Costuma-se dizer que o karatê vai além das fronteiras de idioma, religião, regime e barreiras raciais e é popular em 150 países. Em apenas meio século após a guerra, o karatê se espalhou incansavelmente por todos os cantos do mundo. A partir disso, é inegável que o karatê tem um incrível charme e esplendor. É desnecessário dizer que não há outra cultura de Okinawa que se espalhou tão amplamente, influenciou tantas pessoas e se tornou tão familiar em todo o mundo.

Além disso, no karatê existe o princípio fundamental da ‘arte marcial da paz’ que se baseia na grande filosofia do karate ‘karate ni sente nashi – não há ofensa no karatê’ e no respeito à ideologia da vida encontrada em ‘Nuchi du takara – a vida é um tesouro’. Esse princípio é algo que a comunidade internacional de hoje está buscando muito e acreditamos que podemos contribuir nesse sentido.

Portanto, orando pelo desenvolvimento futuro do karatê tradicional de Okinawa, desejando contribuir ainda mais para a paz mundial e a felicidade da humanidade, nós, nesta assembleia da prefeitura, declaramos ‘25 de outubro’ como o “Karate no Hi – o dia do karatê” (OKIC, 2017) (tradução nossa)⁵⁷

⁵⁶ Aspecto que já abordamos no capítulo sobre a japonização do karatê.

⁵⁷ Resolution on the declaration of the day of Karate

(translated by Okinawa Karate Information Center)

(...) As it is well known, the world’s karate population is estimated to be around 50 million people. Karate is said to go beyond borders, language, religion, regime and race barriers, and popular in 150

Esse texto não trata diretamente da intenção de patrimonializar mundialmente o karatê, mas seu discurso enfatiza a importância do karatê num nível internacional e exalta suas qualidades humanistas.

A demanda pelo reconhecimento do karatê como Patrimônio Imaterial da Humanidade acabou se unindo com uma outra demanda que não provém inicialmente da comunidade okinawana: a entrada do karatê nas Olimpíadas. Trataremos da campanha pela entrada do karatê nas Olimpíadas e do apoio prestado a ela por lideranças do karatê de Okinawa no capítulo seguinte. Em todo caso o apoio dado por entidades de Okinawa à essa campanha é um elemento a mais na discussão sobre a esportivização do karatê e sobre tradicionalismos.

Estima-se que os primeiros campeonatos oficiais de karatê tenham começado na década de 1950 quando a JKA (Japan Karate Association) realizou um torneio reunindo vários clubes universitários de karatê em Tóquio. Desde então o All Japan Karate Championships se configurou uma competição das mais disputadas do karatê japonês até os dias atuais. No decorrer dos anos e com a maior internacionalização do karatê, outras entidades e federações foram criadas ao redor do mundo e outras competições foram se estabelecendo. Há indícios que Funakoshi era contrário à esportivização do karatê.

Esportivizar o karatê poderia de certa forma desvirtuá-lo de acordo com algumas linhas de opinião mais ligadas a um “tradicionalismo”. Isso porque a

countries. In just half a century after the war, karate has spread intensively to all corners of the world. From this, it is undeniable that karate has an incredible charm and splendor.

Needless to say, there is no other Okinawan culture that has spread so widely, influenced so many people and become so familiar around the world.

Furthermore, in karate exists a foundational principle of “Martial art of Peace” that is based of the great philosophy of “*Karate ni sente nashi* – there is no offense in karate” and the respect of life ideology found in “*Nuchi du takara* – Life is a Treasure”. This principle is something today’s international community is highly looking for and we believe that we can contribute in this sense.

Therefore, praying for the future development of Okinawa traditional karate while wishing to contribute furthermore to world peace and the happiness of the humanity, we, this prefectural assembly, declare “October 25” to be “*Karate no hi* – the Day of Karate. (...)”.

(OKINAWA, Prefecture Assembly. ODKS trad. Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/newsttopics/536>. Acesso em: 12 out. 2018).

proibição de muitos golpes mais traumáticos levaria os praticantes a negligenciarem certas técnicas e elementos do karatê que não cabem numa competição. Assim a excessiva esportivização do karatê poderia gerar um esvaziamento ou deslocamento do seu significado inicial⁵⁸. Esse é um argumento que genericamente permeia as discussões em fóruns e redes sociais. Há um tipo de tradicionalismo naqueles que se opõem à esportivização do karatê. Por outro lado, muitos que defendem a existência de competições também se afirmam tradicionalistas (como a própria JKA conforme veremos no capítulo sobre as disputas identitárias na internet) mas defendem que a parte esportiva é apenas um aspecto do karatê e não ele todo e que através das competições o karatê pode ser estimulado e divulgado pelo mundo (JKA BRASIL, 2018).⁵⁹

Com a criação de entidades como a WUKO (World Union of Karate-Do Organizations⁶⁰) a esportivização do karatê atingiu níveis cada vez mais intensos. Em 1992 a WUKO foi transformada na atual WKF (World Karate Federation) que surgiu com a missão de unificar o karatê esportivo e levá-lo ao rol das modalidades olímpicas. Segundo a narrativa oficial da própria WKF, sugere-se um tipo de padronização do karatê, tanto nas regras quanto na estética. Havendo uma grande quantidade de estilos, entidades e linhas diferentes, cada uma com suas próprias regras competitivas (pelo menos as que realizam competições) a WKF coloca-se como uma entidade unificadora de regras sob o reconhecimento do COI (Comitê Olímpico Internacional) para essa finalidade, conforme lemos no site da entidade:

Os diferentes estilos de karatê, a diversidade de regras e a falta de protocolos unificados que governam qualquer tipo de competição, indicaram a necessidade de criar um órgão governamental internacional composto por Federações Nacionais de Karatê unidas, que pudessem começar a abordar essas questões de uma perspectiva global unificada. Ryoichi Sasakawa, Presidente da Japan Karate Federation (JKF) e Jacques Delcourt, Presidente da European Karate Union (EKU) propuseram conjuntamente uma série de reuniões que produziram não apenas as primeiras regras internacionais amalgamadas para o Karatê esportivo, mas também o estabelecimento da World Union of Karate Do Organizations (WUKO) em 10 de outubro de 1970. Tóquio foi o local onde a WUKO foi inaugurada e do primeiro Campeonato Mundial da WUKO.

⁵⁸ Esse esvaziamento poderia se dar tanto pela redução considerável de golpes treinados (já que apenas alguns golpes são permitidos nas competições) quanto por um deslocamento no propósito do karatê (que passaria de uma prática física e filosófica por assim dizer, a uma prática esportiva).

⁵⁹ Disponível em: jkabrasil.com.br. Acesso em 08 ago. 2018.

⁶⁰ Fundada em 1970.

Portland, Oregon, sediou a primeira reunião do Comitê Diretor da WUKO, cujo objetivo era estabelecer as bases para o futuro do karatê esportivo unificado.

As Federações Nacionais de Karatê, reconhecidas por seus Comitês Olímpicos Nacionais e pelas Altas Autoridades Esportivas, logo se tornaram membros e, assim, a WUKO se tornou o órgão governante mundial mais importante para o Karatê.

A integração de várias novas organizações durante os anos 90 viu o número de membros da WUKO aumentar para 150 Federações Nacionais. Portanto, era necessário um novo nome que refletisse com mais precisão o tamanho e o escopo da organização. O nome da primeira organização internacional que representa o karatê esportivo foi então alterado para World Karate Federation (WKF) em 20 de dezembro de 1992. (tradução nossa)⁶¹

Talvez, a maior barreira para a entrada do karatê nas olimpíadas tenha sido a complexidade de linhas e estilos. À WKF ficou a missão de estabelecer um padrão de regras e arbitragem que tornasse possível o reconhecimento do COI e a entrada nas Olimpíadas. Isso incluiu o karatê esportivo em competições como Jogos Pan-americanos, Jogos Africanos, Jogos Europeus, além das competições organizadas pela própria WKF e suas confederações nacionais.

Em quase todos os campeonatos de karatê, as modalidades principais são as disputas de *kata* e de *kumite* (luta). Com a maior esportivização do karatê nota-se a padronização estética dos *kata*, dando ênfase à elementos como força e velocidade na execução, resultado estético do *kime*⁶². Com isso muitos “tradicionalistas” defendem que a entrada do karatê nas Olimpíadas, sob as regras

⁶¹ The different styles of karate, diversity of the rules and lack of unified protocols that govern any type of competition indicated a need to create an international governing body comprising united National Karate Federations that could start to address these issues from a unified global perspective. Ryoichi Sasakawa, President of the Japan Karate Federation (JKF) and Jacques Delcourt, President of the European Karate Union (EKU) jointly proposed a series of meetings that would produce not only the first amalgamated international rules for sport Karate, but also the establishment of the World Union of Karate Do Organizations (WUKO) on October 10, 1970.

Tokyo was the site where WUKO was inaugurated and where the first WUKO World Championships were held. Portland, Oregon hosted the first meeting of the fledgling WUKO Directing Committee, the objective of which was to lay the foundation for the future of unified sport Karate.

National Karate Federations recognized by their National Olympic Committees and Highest Sport Authorities soon became members and thus WUKO became the most important world governing body for Karate.

The integration of several new organizations during the 1990s saw WUKO membership increase to 150 National Federations. Therefore, a new name that would more accurately reflect the size and scope of the organization was needed. The name of the first International organization representing sport Karate was thus changed to World Karate Federation (WKF) on December 20, 1992. (WKF. Disponível em: <http://wuko.net/about-tbm/>. Acesso em: 16 jul. 2019).

⁶² *Kime* é uma forma de executar uma técnica e muitos o entendem como “foco” físico e mental. Envolve a contração muscular no momento do impacto e o posterior relaxamento com o fim do impacto. Sua intenção é a de gerar o máximo de explosão em um golpe só. O método do *kime* foi popularizado por Masatoshi Nakayama e pela JKA se tornando uma característica predominante dentro do karatê Shotokan. (NAKAYAMA, 2013). Isso enfatiza a predominância estética do Shotokan na WKF mesmo a entidade abrangendo *kata* de estilos de Okinawa em suas competições.

da WKF, leva também à perda da estética original de alguns *kata* (principalmente os *kata* dos estilos de Okinawa, uma vez que o *kime* está mais ligado a dinâmica corporal do estilo Shotokan).

Diante disso, o discurso “tradicionalista” se volta à Okinawa como uma “Meca” de onde poderia irradiar um “verdadeiro espírito do karatê”. Mas mesmo as entidades reguladoras do karatê em Okinawa realizam competições⁶³ e ainda apoiam de Okinawa a entrada do karatê nas Olimpíadas. Esse apoio dado por meio do Dia do Karatê visa principalmente o reconhecimento do karatê de Okinawa como Patrimônio Imaterial da Humanidade. De certa forma a campanha pelas Olimpíadas está sendo encarada como uma forma a mais de chamar atenção para demanda por patrimonialização e de apresentar o karatê como uma legítima expressão cultural okinawana.

Com a realização da Olimpíada de Tóquio em 2021, teremos a estreia do karatê como esporte olímpico de exibição, contudo ele não foi confirmado para a Olimpíada de Paris em 2024, frustrando novamente muitos atletas e defensores do karatê esportivo.

Apesar da participação do Governo Japonês, que lançou vídeos promocionais dos Jogos de Tóquio enfatizando a presença do karatê através da transmissão de uma imagem tradicionalista, as demandas pelo reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Humanidade e pela efetização como esporte olímpico devem prosseguir nos próximos anos.

4.3. Um estudo de caso: Uechi Ryu Karatê-Do

Como exemplo da especificidade do karatê de Okinawa e de como ele é uma expressão de elementos culturais okinawanos vamos analisar brevemente um estilo bastante popular em Okinawa o Uechi Ryu.

O Uechi Ryu possui uma história diferente da maioria dos estilos de Okinawa pois não veio diretamente dos componentes que formam as linhas *Shuri-te*, *Naha-te* ou *Tomari-te* (apesar de ter sofrido influências dessas linhas em momento

⁶³ A própria criação da ODKS foi celebrada com a realização de um campeonato, o Okinawa Traditional Karatedo World Tournament em 2009. Em 2019, o Okinawa Karate International Center realizou o 1st Okinawa Karate International Tournament.

posterior)⁶⁴. Assim como em outros casos relativos ao karatê, a história do estilo Uechi Ryu carece de registros escritos e fontes, imperando as narrativas orais. Essas narrativas muitas vezes passam de boca a boca nos *dojo*, e torna-se bastante difícil para nós apurarmos essas narrativas enquanto factuais. No entanto nos interessa apresentar algumas das narrativas que tecem uma espécie de lugar comum sobre a articulação do estilo. Essas narrativas compõem uma rede memorialística sobre o karatê, o que nos é bastante caro, uma vez que a memória se coloca como um elemento da construção da identidade (POULOT, 2009). E essa memória sobre o estabelecimento do Uechi Ryu aproxima estreitamente a cultura okinawana e a China.

Considera-se que o passo inicial para a criação do estilo foi a ida de Kanbun Uechi (1877-1948) para a província de Fukien na China no ano de 1897, lá ele aprendeu um estilo de luta chamado Pangai Noon⁶⁵ com o mestre Shu Shi Wa. Segundo a cultura oral, Kanbun ficou tão proficiente na arte que começou a ensinar Pangai Noon lá mesmo na China. Um de seus alunos se envolveu numa contenda que terminou em um combate corporal e nesse combate o aluno de Kanbun acabou matando seu oponente, o que teria deixado Kanbun desolado e com grande sentimento de culpa. Decide então parar de ensinar e voltar para casa. Ao retornar a Okinawa, Uechi teve que negar muitos pedidos de pessoas que queriam aprender com ele e acabou se mudando para o Japão em 1924. Foi lá, trabalhando como zelador, que um colega de trabalho (também okinawano) Ryuyu Tomoyose convenceu Kanbun a lhe ensinar depois de mentir que tinha sofrido agressões por bandidos na rua. Sendo a única forma que Tomoyose encontrou para convencer Uechi a lhe ensinar, a falsa agressão acabou tendo grande significado para o desenvolvimento do estilo. Então Kanbun, que provavelmente já estava ensinando seu filho Kanei, passa a ensinar também seu colega Tomoyose iniciando uma amizade que iria durar a vida toda. Começou então a ensinar esse estilo de luta para alguns poucos alunos e o denominava Pangai Noon Karate. Kanei, o filho de Kanbun, adaptou os ensinamentos do pai criando um método didático de

⁶⁴ Em alguns casos o Uechi Ryu é citado ao lado dos estilos que compõem o Naha-te pois suas características são bastante próximas (GUIMARÃES, GUIMARÃES. 2002).

⁶⁵ Segundo Mark Bishop, Shinko Matayoshi (um dos mais proeminentes mestres de kobudô de Okinawa) em uma das suas várias viagens aprendeu na China um estilo chamado *Kingai Noon* e seria um estilo “irmão” do Pangai Noon. A presença do *kata* Seisan pode sugerir uma proximidade entre os estilos. (2017).

aprendizado, estabeleceu outros *kata* além dos ensinados pelo pai e expandiu o estilo batizando-o de Uechi Ryu (estilo da família Uechi) (GUIMARÃES, GUIMARÃES. 2002).

De certa forma as ações de Kanei modernizaram o Pangai Noon Karate dando forma ao Uechi Ryu, tornando-o bastante didático e mais incrementado sem excluir os *kata* iniciais ensinados por Kanbun.

Originalmente o Pangai Noon abrange técnicas inspiradas nos movimentos de três animais: tigre, dragão e garça e aqui vemos uma grande singularidade do Karatê Tradicional de Okinawa em relação ao karatê japonês.

Se inspirar em movimentos dos animais para estabelecer um método de luta é comum na história das artes marciais chinesas. Vários estilos de *chuan fa* (kenpo em japonês) e kung fu se baseiam nos movimentos de animais, a maioria presentes no horóscopo chinês. Dragão, tigre, serpente, macaco etc. são utilizados como inspiração para esses estilos. Assim o movimento do corpo, a forma de abrir ou fechar as mãos e os golpes nesses estilos seguem uma estética baseada em determinado animal. “Garra do tigre”, “garra do dragão” etc. são exemplos de golpes comuns nesses estilos.

No Uechi Ryu geralmente usa-se os nós dos dedos para golpear como o *shoken* (golpe com o nó do dedo indicador que no Uechi Ryu representa o dente do tigre), *boshiken* (golpe com o nó do polegar e do indicador simbolizando a garra do dragão) e o *kakushiken* (golpe que utiliza as pontas dos dedos e se assemelha com o bico de uma garça num ataque para baixo) (DOLLAR, 1996). Além desses e de outros golpes de ataque existem ainda a posição das mãos para bloqueios inspiradas nos três animais.

Muitos desses golpes também existem em outros estilos, mas nem sempre com a mesma simbologia explícita dos animais⁶⁶. Ao explicar o formato do pé para alguns chutes do karatê no livro Karatê-Dô Nyumon, Funakoshi afirma: “A bola do pé também recebe o nome um tanto exótico e pomposo de ‘garra do tigre’”

⁶⁶ Como afirma Woodward: “A construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (p. 10. 2000). Nesse sentido a identidade okinawana se expressa no seu karatê através de detalhes que vão desde a forma de golpear e bloquear até nas posturas de luta. Enquanto no estilo Shhotokan japonês há uma primazia por técnicas em linha reta, no Uechi Ryu por exemplo há grande quantidade de técnicas circulares. Aqui o corpo exerce uma expressão simbólica.

(FUNAKOSHI, p. 64. 2000). Ao tratar por “exótico e pomposo” provavelmente Funakoshi entendesse que esse nome fosse inadequado para a região da bola do pé que em japonês se chama *koshi*. Em todo caso a ligação simbólica com os animais está pouco presente no karatê japonês mesmo havendo muitas técnicas cuja origem é atribuída ao estilo Garça Branca de kung fu⁶⁷

O conhecimento de um estilo é transmitido principalmente por meio do aprendizado dos *kata*. Segundo informações transmitidas nos *dojo* por meio da oralidade, originalmente Kanbun Uechi aprendeu apenas três *kata* a partir do estilo Pangai Noon, esse conjunto é chamado Ryu Ko Kaku (dragão, tigre, garça) e esses *kata* são o *Sanchin*, *Seisan* e *Sanseiryu*. Posteriormente foram somados mais cinco *kata*, resultando nos oito *kata* do Uechi Ryu: *Sanchin*, *Kanshiwa*, *Kanshu*, *Seichin*, *Seisan*, *Seiriu*, *Kanchin*, *Sanseiryu*. Nesse sentido os *kata* cumprem sua função de transmitir um tipo de memória e essa memória se apresenta através da expressão corporal. Ao aprender um *kata* o karateka aprende um conjunto de significados técnicos e estéticos contidos no estilo.

As expressões artísticas corporais trazem consigo toda uma quantidade de significados e conhecimentos que podem ser transmitidos a partir da observação de quem assiste à execução de uma performance. Outra forma de transmissão de saber a partir das práticas corporais está no próprio contato físico entre quem se propõe a ensinar e quem se propõe a aprender aquela expressão. Nesse caso existe uma relação íntima entre quem ensina e quem se propõe a aprender, havendo assim uma relação de continuidade, onde quem ensina pode deixar sua marca, sua mensagem, num fluxo cronológico para o futuro. Através dessas expressões corporais artísticas pode então estabelecer-se um encadeamento de saberes transmitidos do passado para o presente por meio do corpo.

O corpo como lugar de memória carrega uma série de elementos que podem ajudar a estabelecer uma narrativa memorialística sobre um povo ou uma comunidade. Sobre os lugares de memória, Pierre Nora afirma:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e

⁶⁷ Geralmente essas técnicas são utilizadas com a mão aberta ou a ponta dos dedos. No Shotokan e demais estilos de karatê tanto de Okinawa quanto do Japão existem grandes quantidades dessas técnicas, mas nem sempre (e no caso do Shotokan quase nunca) com a ligação explicitada à figura do animal.

artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.

São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. (...). Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto o conceito de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22)

Daí a importância dessas expressões corporais dentro do contexto da memória, uma vez que todos os sujeitos de uma comunidade fazem uso do próprio corpo. O corpo é provavelmente o primeiro lugar que o ser humano passa a explorar e conhecer; dele depende a exploração e conhecimento de todo o mundo ao redor. Talvez o corpo possa ser pensado como instrumento de aprendizado do sujeito sobre o mundo e sobre si mesmo. Nesse sentido podemos pensar a expressão corporal do karatê, através dos *kata*, como uma forma de transmissão de um saber antigo dentro de uma cadeia de relação mestre-discípulo.

Os *kata* do karatê, observados a partir dessa perspectiva, compõem um cabedal de informações e saberes que não são necessariamente genéricos pois representam uma linha específica ou um estilo específico. Em muitas ocasiões diferencia-se um estilo de karatê do outro a partir da execução de um *kata*, não só pelo fato de que em cada estilo geralmente varia-se a quantidade, ordem e até os nomes dos *kata* ensinados, mas também pelo fato de que as nuances técnicas de cada estilo estão explícitas e implícitas dentro dos *kata*. Inicialmente podemos supor que sua função principal talvez seja a de um catálogo de técnicas de defesa pessoal para as mais variadas situações. Porém, por não haver contato corporal no *kata*, sua realidade é diferente da “realidade” de um combate. Assim a execução de um *kata* exprime uma realidade própria, artística e poética. Se por um lado a fisiologia humana não se alterou desde os séculos em que as técnicas de luta foram catalogadas nos *kata* mais antigos, por outro lado as formas de lutar estão em constante mudança. Esse aparente paradoxo muitas vezes leva alguns mestres a se ver diante do dilema de interpretar as técnicas dos *kata* de acordo as novas condições de luta ou de preservar essas interpretações como um tesouro antigo que não se pode alterar.⁶⁸ Nesse sentido, o corpo como lugar de memória através

⁶⁸ Como citamos em outra parte do nosso trabalho, o próprio Funakoshi enfrentou esse dilema ao modernizar seu karatê.

dos *kata*, tem o potencial de transmissão e expressão de toda uma carga simbólica e significativa pois:

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física e história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. (...). Nesse sentido o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações. (NORA, 1993, p. 27).

A forma de transmissão dos *kata* desafia a modernidade não só por ser um método oriundo de uma época onde era proibido escrever sobre essas técnicas, mas também por não depender tão somente do saber intelectual, mas, principalmente, da intuição. Intuição nesse caso representa um tipo de sensibilidade dos praticantes em compreender a técnica e suas funções bem como suas aplicações. E sensibilidade dos mestres em transmitir esses saberes. Por serem saberes ancorados no corpo físico, somente a prática intuitiva pode promover uma transmissão desses conhecimentos relativos a cada estilo que os *kata* abrigam.

A World Uechi Ryu Karate-Do Hachiokai Organization (WUKKO) é uma entidade do estilo Uechi Ryu que busca promover o estilo nos moldes como foi articulado, ou seja, em torno dos oito *kata* iniciais do estilo. Daí o nome *hachiokai* que pode ser entendido como “encontro dos oito” (WUKKO, disponível em: wukko.org)⁶⁹.

A WUKKO foi fundada em 2009 pelo shihan Gustavo Gondra da Argentina sob o apadrinhamento do hanshi Shinyu Gushi (10º dan, graduação máxima). (WUKKO, disponível em: wukko.org). O fato do shihan Gondra ser argentino mas fundar uma entidade que se dedica a preservar e ensinar o Karatê Tradicional de Okinawa através do estilo Uechi Ryu e essa entidade ter um formato técnico mais próximo possível àquele que tinha o estilo quando foi criado (ou seja composto apenas por oito *kata*), demonstra o caráter internacional do Karatê Tradicional de Okinawa. Como afirma Hall as identidades contemporâneas tendem a ser cada vez mais descentralizadas e por isso é comum termos identidades múltiplas sob

⁶⁹ Acesso em: 22 dez. 2019.

influências internacionais diferentes (HALL, 2006). Yoko Souza também reitera a internacionalização da cultura okinawana através da imigração.

Ao tratar da imigração okinawana, Souza investiga aquilo que os imigrantes okinawanos chamam de *espírito uchinanchu* (ou seja espírito okinawano), algo que os okinawanos alegam trazer mesmo estando em outros países. Assim:

(...) O simbolismo do “espírito *uchinanchu*” marca a relação próxima e intensa da comunidade *uchinanchu* global, que determinou de forma positiva a cultura e identidade, formando elos de pertencimento em escala transnacional. Entre os *uchinanchu* há uma rede transnacional articulada, mobilizados pela identidade cultural (...) (SOUZA, 2011, p. 13).

O exemplo que Souza nos traz do “espírito uchinanchu” é um tanto diferente do caso que exemplificamos. No caso do “espírito uchinanchu” o ponto alto é a relação entre os imigrantes de Okinawa e a forma como suas práticas culturais permanecem em uma configuração “em uma escala transnacional”. No caso que exemplificamos temos pessoas não-okinawanas se dedicando não só a aprender, mas também a ensinar e preservar uma expressão da cultura okinawana, ou seja, o Karatê Tradicional de Okinawa/Uechi Ryu. Os dois exemplos, mesmo sendo diferentes, têm em comum o aspecto do internacional e da permanência. Entendemos então que a dimensão internacional do Karatê Tradicional de Okinawa é, em muitos casos, um fator de preservação. Preservação dos aspectos “tradicionais” como, no nosso exemplo, a prática exclusiva dos oito kata originais do estilo e a permanência do termo *hachiokai*.

Figura 7 - Encontro nas comemorações do aniversário do Okinawa Karate Museu do sensei Hokama



Fonte: Uechikan Magazine⁷⁰

Na figura 7, observa-se Hanshi Tetsuhiro Hokama (à esquerda) e Shihan Gustavo Gondra. O símbolo da WUKKO traz toda uma carga imagética que corresponde ao estilo Uechi Ryu: traz consigo os três animais (tigre, dragão e garça) e um formato octogonal. No centro do símbolo o *kanji* (letra) representativo da família Uechi:

Figura 8 - Símbolo da WUKKO



Fonte: WUKKO⁷¹

A WUKKO, assim como várias entidades e organizações do Karatê Tradicional de Okinawa, possui representação em vários países inclusive no Brasil. Algumas dessas entidades foram fundadas ainda por imigrantes okinawanos como dojos e organizações maiores como a Shinshukan fundada por Yoshihide Shinzato em Santos, São Paulo. Em Goiás a representação da WUKKO fica ao cargo do sensei Yurghanes Rodrigues, presidente da WUKKO Goiás e aluno do shihan Gustavo Gondra.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.uechikan.com.ar/>. Acesso em: 09 set. 2019

⁷¹ Disponível em: <http://www.wukko.org/inicio.html>. Acesso em: 22 dez. 2019

Figura 9 - Sensei Yurghanes Rodrigues



Sensei Yurghanes Rodrigues (WUKKO – Goiás) executa um bloqueio com a mão aberta e ataca hiji tsuki (cotovelo). A mão aberta remete à garça e a posição da mão fechada faz referência à pata de um tigre. Movimento do kata Seisan. Abaixo a execução do boshiken. Com os ganchos do polegar e dedo indicador remete à garra de um dragão. Movimento do kata Sanchin. Fotografia: Flávia Bosso.

Figura 10 - Sensei Yurghanes Rodrigues (II)



Figura 11 - Sensei Yurghanes Rodrigues (III)



Sensei Yurghanes Rodrigues executando o kata Seisan. Nesse movimento a postura remete à garça. Fotografia: Flávia Bosso.

Além das referências aos animais, os kata do Uechi Ryu ainda são compostos por uma forma peculiar de respiração que contribui para a rigidez muscular. Essa respiração é própria do karatê de Okinawa especialmente dos estilos oriundos da linha Naha-te. Junto ao exercício constante do *kote kitae* (exercício onde um praticante golpeia o outro que contrai os músculos absorvendo os golpes), a forma específica de respiração do Uechi Ryu nos kata contribui para o fortalecimento do corpo.

Figura 12 - Sensei Yurghanes Rodrigues (IV)



O sensei Yurghanes Rodrigues aplica um golpe com ippon ken, utilizando o nó do dedo indicador. Esse golpe remete ao dente do tigre. Movimento do kata Seisan. Abaixo a sensei Ângela Rodrigues ataca o sensei Yurghanes com mawashi geri na costela. Uma parte do kote kitae. Tanto nos kata quanto no kote kitae a respiração correta e específica do karatê de Okinawa é fundamental. Fotografia: Flávia Bosso.

Figura 13 - Sensei Yurghanes Rodrigues e Sensei Ângela Rodrigues



Figura 14 - Sensei Yurghanes Rodrigues (V)



O bo é uma das armas mais conhecidas do kobudô de Okinawa. Nesse movimento o sensei Yurghanes executa um bloqueio com o bo. Fotografia: Flávia Bosso.

Figura 15 - Sensei Yurghanes Rodrigues (VI)



Acima o sensei Yurghanes em kamae (guarda) portando um par de sai, abaixo movimento com a tonfa, arma do kobudô de Okinawa mundialmente utilizada por forças policiais do mundo inteiro. À direita sensei Ângela Rodrigues bloqueia com a tonfa um ataque de bo. Fotografia: Flávia Bosso.

Figura 16 - Sensei Yurghanes Rodrigues (VII)



Figura 17 - Sensei Yurghanes Rodrigues e Sensei Ângela Rodrigues (II)



5 A INTERNET COMO PALCO DAS REIVINDICAÇÕES

5.1 O karatê nas Olimpíadas

A data era 07 de setembro de 2013. O COI (Comitê Olímpico Internacional) inicia o sorteio, em Buenos Aires, da cidade sede das Olimpíadas de 2020. A disputa

se acirra quando a cidade mais bem votada não conseguiu maioria mais um dos votos, o que forçaria a um desempate contra as outras duas candidatas ainda no páreo. Istambul e Madri disputam voto a voto o direito de tentar derrotar a cidade mais bem votada. São como atletas disputando entre si as semifinais sem olhar para a favorita que espera uma delas na final. Istambul vence Madri e encara agora a favorita enquanto o COI parece afirmar a intenção de uma Olimpíada no Oriente. Assim depois do desempate a votação final, Istambul é derrotada pela favorita. As Olimpíadas de 2020 serão em Tóquio, Japão.

Começaria então uma saga. Os Jogos Olímpicos voltavam a visitar a capital japonesa desde sua última estada por lá em 1964, mas o país agora enfrentava obstáculos inéditos. Apenas dois anos antes da votação e anúncio do COI o Japão se deparava com a maior tragédia radioativa da sua história e uma das maiores desde Chernobyl. Após um forte abalo sísmico, um tsunami atingiu várias cidades costeiras do país, entre as áreas afetadas estava o Nordeste onde se localiza a usina nuclear Fukushima Daiichi. O dano causado pelo tsunami no sistema de resfriamento dos reatores levou a uma progressiva contaminação das águas do Pacífico e a uma igualmente progressiva evacuação de moradores locais (BERNARDO, CORDEIRO, 2020)⁷². Nos dias seguintes a ameaça de uma nuvem radioativa que mudava de direção ao sabor do vento causava temor aos japoneses, especialmente nas regiões mais próximas de Fukushima como Tóquio, mais ao sul.

O primeiro ministro Shinzo Abe tratou de tranquilizar a imprensa nacional e mundial sobre o empenho dos japoneses em resolver o problema e garantir a segurança nos jogos. Soma-se a isso a crise econômica mundial que eclodiu em 2008 e afetou também ao Japão. É nesse contexto de complicações e dificuldades que o Japão recorrerá aos seus atributos midiáticos, colocando na ativa qualquer ferramenta atrativa ao país e que possa ajudá-lo na realização dos jogos. Seja a tecnologia capaz de atrair jovens ao esporte ou mesmo a imagem de exótico que o Ocidente insiste em atribuir ao Oriente.

Vamos então para uma outra data/momento: Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2016. Uma reunião do COI ao término dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro trata de votar e anunciar as novas modalidades para 2020. Esportes como surf e beisebol

⁷² Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/radiacao-a-solta/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

foram incluídos, todos ligados à cultura japonesa (lembrando que o beisebol talvez seja o esporte coletivo mais popular no país e sua insularidade incentiva a prática do surf). Mas a grande estrela desse momento foi o karatê. Nenhuma modalidade representa melhor o Japão nesse momento, nenhuma que já não fosse aceita nas Olimpíadas, e talvez nenhuma tivesse mais condições de representá-la. Por isso, o esforço do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio, das entidades ligadas ao karatê esportivo e do próprio governo do país. Dado o número de praticantes mundo à fora e o lugar já cativo no imaginário coletivo, o karatê se coloca como atrativo ideal para os Jogos de Tóquio (MOTA, SEDA, 2016)⁷³

A campanha pela entrada do karatê nas Olimpíadas não é recente. Pelo menos ao longo de quase toda a década de 1990 viu-se esforços de entidades ligadas ao karatê esportivo para que ele se tornasse esporte olímpico. A fundação da WKF (World Karate Federation) é um elemento desse esforço. É notável ainda que esse esforço parecia partir principalmente dos países ocidentais, especialmente europeus, potências olímpicas em esportes marciais como judô e tae-kwon-do.

Um passo importante para a entrada do karatê nas Olimpíadas foi o reconhecimento da WKF pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) no ano de 1993 como única entidade reguladora oficial do que viria a ser o karatê olímpico (WKF,2019)⁷⁴. Caberia à entidade estabelecer regras, pontuações, ranking e tudo o mais que fosse necessário para a profissionalização dos praticantes-atletas à despeito de uma miríade de entidades e regras que já haviam no karatê mundo a fora. Mas mesmo com esse reconhecimento pelo COI a estreia do karatê esportivo em alguma olimpíada ainda demoraria muitos anos para acontecer. Nesse meio tempo, entre o reconhecimento da WKF pelo COI e a decisão do Comitê pela entrada do karatê, o panorama da insistente campanha mudou ganhando a adesão mais forte das entidades okinawanas.

De certa forma há um discurso recorrente tanto no karatê okinawano quanto no karatê japonês que coloca a esportivização como algo nocivo e oposto a um tipo de karatê tradicional. Esses discursos apresentam a ideia de que um verdadeiro karatê “tradicional” e “legítimo” seria algo como um modo de vida (FUNAKOSHI,

⁷³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/jogos-de-toquio-2020-terao-escalada-surfe-skate-carate-e-beisebolsoftbol.html>. Acesso em: 13 set. 2019.

⁷⁴ Disponível em: <http://wuko.net/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

2014), e que esse seria totalmente oposto a um karatê focado em competições esportivas. Ainda que entidades com fortíssimo apelo tradicionalista do karatê japonês como a JKA (Japan Karate Association) realize suas competições, elas têm regras diferentes das regras oficiais da WKF e se esforçam para propagar um discurso que afirma o karatê como um modo de vida e não um esporte. Trataremos da posição da JKA mais a frente. Em todo caso esse discurso tradicionalista de oposição ao karatê-esporte poderia ser ainda mais forte em Okinawa. Mas como citamos anteriormente, houve uma aderência de Okinawa pela entrada do karatê nas Olimpíadas. Seu interesse maior, no entanto, parece mais ligado ao reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Essa adesão teve reflexo nas mídias especialmente na internet. Não foram poucas as notícias da versão online do jornal okinawano Ryukyu Shimpō que noticiaram reuniões, eventos e conferências para a entrada do karatê nas olimpíadas e seu reconhecimento pela UNESCO.

O Ryukyu Shimpō é um jornal de grande influência em Okinawa e de grande importância para a história do karatê. Foi sob a organização do jornal que se deu a famosa reunião de mestres em 25 de outubro de 1936 (data que foi escolhida, como já vimos, como o dia do karatê). Nessa importante reunião os mestres deliberaram entre outras coisas sobre a mudança do nome da arte.

Foi o primeiro jornal de Okinawa, fundado por Jun Sho da Casa Real de Ryukyu, teve sua primeira publicação em 1893. Em 1940 por pressão do Governo Japonês o jornal teve que mudar de nome passando a se chamar Okinawa Shimpō (uma forma de reforçar a dominação japonesa na região). Só em 1950 o jornal voltaria a ser chamado Ryukyu. Em 1990 o jornal patrocinou a realização do Festival Mundial de Karatedo e kobudô e ainda tem se posicionado duramente contra a transferência da base de Funtenma para Henoko, além de várias questões relativas à cultura okinawana (RYUKYU SHIMPO, 2019)⁷⁵.

Em uma das várias matérias divulgadas na versão online do jornal a respeito da demanda pelo reconhecimento do karatê como Patrimônio Imaterial da Humanidade e pela sua entrada nas Olimpíadas, podemos destacar uma matéria

⁷⁵ Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/ryukyu-shimpo-company-history/> . Acesso em 13 fev. 2020.

de 2014. Na ocasião de uma reunião ocorrida no dia 25 de outubro cujo foco era o reconhecimento do karatê como Patrimônio Imaterial da Humanidade, o jornal destacou a presença de figuras do karatê esportivo/WKF e do Okinawa Dento Karate Do Shinkokai:

O ex-produtor de TV Kiyoshi Ono, que fez um trabalho intitulado *The World Heritage Relaxing* no programa TBS, fez o discurso principal. Ele destacou o significado do patrimônio cultural intangível da UNESCO. Ono disse: 'No decorrer das campanhas para o patrimônio cultural imaterial, é importante que tanto as pessoas envolvidas no karatê quanto os cidadãos comuns reconheçam o valor do karatê'.

Membros do conselho do Okinawa Dento Karatedo Shinkokai e da World Karate Federation e um praticante de karatê do Reino Unido participaram do painel de discussão. Eles discutiram as perspectivas futuras do karatê de Okinawa.

Zempo Shimabukuro, que presidiu o evento do Karate Day, disse: "Os iniciantes podem progredir no Karate em um curto período de tempo. Você, jovem e velho, pode praticar em qualquer lugar e a qualquer momento. É o charme deste esporte. Estou feliz por ter feito karatê porque me deu apoio espiritual".

Choukou Kiyuna, o presidente do Shinkokai disse em seu discurso: "Nós, membros de organizações tradicionais de karatê e de karatê esportivo, reuniremos nossas mãos para realizar o objetivo da campanha de adicionar o karatê de Okinawa à lista do patrimônio cultural intangível. (tradução nossa).⁷⁶

Essa matéria nos chama atenção para vários detalhes importantes, especialmente as falas de Zempo Shimabukuro e Choukou Kiyuna. Por um lado,

⁷⁶ (...) Former TV producer Kiyoshi Ono, who made a work titled *The World Heritage Relaxing* in TBS program, gave the keynote speech. He highlighted the significance of UNESCO's intangible cultural heritage. Ono said, "In the course of the campaigns for intangible cultural heritage, it is important that both the people involving in karate and ordinary citizens recognize the value of karate."

Board members of the Okinawa Dento Karatedo Shinkokai and the World Karate Federation, and a karate practitioner from the United Kingdom took part in the panel discussion. They discussed the future prospects of Okinawan karate.

Zempo Shimabukuro, who chaired Karate Day's event, said, "Beginners can progress in Karate in a short period of time. You, both young and old, can practice anywhere and anytime. It's the charm of this sport. I am happy that I have been doing karate because it has provided spiritual support for me."

Choukou Kiyuna, the chairman of the Shinkokai said in his speech, "We, members of traditional karate and sports karate organizations, will take our hands together to carry out the campaign goal to add Okinawa karate to the list of intangible cultural heritage." (Ryuku Shimpo, English Version 26/10/2014. Disponível em <http://english.ryukyushimpo.jp/2014/11/04/15781/>. Acesso em 19 jul. 2020).

Shimabukuro, enquanto presidente do evento, chama o karatê de “esporte” e destaca que o seu aprendizado é rápido (narrativa que poderia ir contra uma possível narrativa tradicionalista que apresenta o treinamento do karatê como algo árduo e demorado). Interessante destacar também a facilidade em praticar os exercícios de karatê “em qualquer lugar e a qualquer momento”, articulação clara com a vida moderna e acelerada. Por outro lado, a fala de Kiyuna separa claramente o karatê “tradicional” do karatê esportivo ao enfatizar que a patrimonialização é objetivo de ambas as perspectivas. As duas falas, inicialmente, podem parecer opostas ou conflituosas, mas são complementares no sentido que ambas apontam para o futuro.

A fala de Shimabukuro se assemelha bastante com a posição de Funakoshi em seu livro *Karatê-Dô Kohan* na ocasião do seu esforço para apresentar o karatê ao japonês urbano e moderno na década de 1930:

Na maioria dos casos, apenas um ou dois minutos são necessários para executar um kata. (...) de maneira que se pode fazer um exercício abrangente em um período de tempo relativamente curto. Essa é, nos dias de hoje, a forma ideal de exercício para muitas pessoas eu reclamam que querem praticar exercícios, mas não têm tempo. (...).

Quase nenhuma outra forma de exercício – seja judô, kendô, arco e flecha, natação, equitação – pode ser realizada em qualquer horário e lugar com tanta facilidade como o karatê. A maioria dos esportes requer uma área grande, equipamentos ou um parceiro nesse aspecto, o karatê é o mais adaptável. Não são necessários uma área específica, equipamento ou parceiro, ele pode ser praticado no jardim, na sala, no saguão, a qualquer hora e em qualquer lugar que se queira praticar (p. 29. 2014)

Ao equipararmos a fala de Shimabukuro e Funakoshi podemos observar que ambos chamam o karatê de esporte mas fazem isso para destacar aspectos que o tornariam um esporte diferenciado. Parece haver inclusive algo de rústico (ou *tradicional*) na imagem pintada por Funakoshi em seu discurso, onde não se precisa de equipamentos caros e refinados para praticar karatê, nem área especialmente preparada para isso. Obviamente isso não condiz com os atletas modernos do karatê cujo alto rendimento envolve equipamentos caros cujas marcas precisam de homologação oficial (especialmente nas competições da WKF), dieta específica, etc. Logo há algo de bastante *tradicional* no karatê que torna possível sua prática

por qualquer pessoa, atleta de ponta ou não, um tradicional que tem seu lugar na modernidade acelerada justamente por ter esses aspectos tradicionais⁷⁷

Outra aproximação entre os pontos de Shimabukuro e Funakoshi é que em ambos os contextos essas inferências foram tecidas a partir de um projeto de futuro. No caso de Funakoshi, sua meta era a aceitação do karatê pelo japonês moderno; no caso de Shimabukuro, enquanto presidente do evento pelo reconhecimento do karatê como Patrimônio Imaterial da Humanidade, sua projeção obviamente está ligada à patrimonialização. A presença de representantes da WKF e a referência à campanha pela entrada nas Olimpíadas demonstram também que sua frase está voltada ao futuro enquanto projeto. Nesse sentido entendemos que a patrimonialização se constitui de um discurso acerca do passado, mas também de um projeto de futuro geralmente com vistas na sua preservação durante o tempo futuro e, no caso do karatê, ligado à ideia da sua divulgação e prática pelo maior número de pessoas possível.

Já ao colocarmos a inferência de Shimabukuro frente à de Kiyuna entendemos que são complementares no sentido em que Kiyuna separa o “karatê tradicional” do “karatê esportivo” e esse ponto é fundamental para entender o apoio que entidades ligadas ao Karatê Tradicional de Okinawa dão à campanha da WKF pelo karatê olímpico. Assim entidades do chamado karatê tradicional (especialmente a Okinawa Dento Karate Do Shinkokai) se colocam como a guardiãs desse karatê unindo forças com a parte esportiva em prol da divulgação dessa cultura okinawana. Fazem isso expondo a ideia de coexistência entre as duas perspectivas com apoio mútuo, mas também com diferenciação mútua.

Uma outra nota, agora no site do OKIC (Okinawa Karate International Center), também se somou aos esforços por divulgar a ideia do reconhecimento do karatê como patrimônio da humanidade:

Rumo ao registro do karatê tradicional de Okinawa pela UNESCO;

⁷⁷ Um ponto chave para ambos os discursos ligado à ideia de tradicionalismo é o kata. A especificidade do kata é que ele tem um aspecto de hereditariedade pois cada kata é padronizado e aprendido como elemento tradicional de um estilo não se tratando de técnicas aleatórias. Assim executar um kata (exclusividade do karatê ao menos em relação aos “esportes” citados por Funakoshi) seria algo tradicional do karatê que é mencionado como uma enorme vantagem dentro do contexto moderno.

A convite do encarregado da província de Okinawa para cultura intangível Higaonna Morio sensei, cerca de 50 mestres de karatê influentes e pessoas relacionadas se reuniram no Okinawa Karate Kaikan em 23 de setembro para ouvir palestras em vídeo e trocar opiniões sobre o registro da UNESCO do Karatê Tradicional de Okinawa. Os palestrantes foram Matsuura Koichiro e Nakahara Nobuyuki. O Sr. Matsuura (80 anos) é diplomata, ex-secretário geral da UNESCO e diretor da Japan Karate Association. O Sr. Nakahara (82 anos) é um ex-diretor da Japan Banking Association e ex-presidente da JKA.

Em seus discursos, eles enfatizaram a importância de incluir o karatê tradicional de Okinawa na lista de heranças culturais imateriais japonesas para obter o reconhecimento da UNESCO. Com isso em mente, o karatê tradicional de Okinawa deve ser promovido em toda Okinawa através de vários tipos de eventos.(...).

Na segunda parte, os participantes expressaram várias opiniões e idéias sobre o assunto. O presidente do conselho de administração do Shinkōkai, sensei Kiyuna Chōkō, destacou a necessidade de um movimento liderado pelo governador da província de Okinawa.

No final da reunião, a Sra. Teiko Yonaha-Tursi, uma Embaixadora da Boa Vontade apontada pelo Governo de Okinawa residente em Nova York, declarou seu provérbio favorito ‘Goetsu dōfū’ (inimigos amargos colocados pelo destino no mesmo barco)” e conclamou as pessoas do karatê de Okinawa a se esforçarem seriamente para o reconhecimento pela UNESCO dizendo: “Já está na hora!” (tradução nossa)⁷⁸

Aqui vemos mais uma vez um exemplo da aliança de várias perspectivas diferentes em nome da patrimonialização do karatê. Nesse caso podemos destacar a presença de um representante da JKA, ou seja, do karatê japonês. “Inimigos amargos colocados no mesmo barco” como cita Tonahara-Tursi nos remete a uma imagem um tanto dramática, mas importante sobre a forma como tem havido uma convergência de interesses pela entrada do karatê nas olimpíadas e pela

⁷⁸ Towards Okinawa traditional karate’s UNESCO registration

On the invitation of Okinawa Prefecture's designated intangible cultural asset holder Higaonna Morio sensei, some 50 influential karate masters and related people gathered at the Okinawa Karate Kaikan on September 23 to listen to video lectures and exchange opinions on the subject of the UNESCO registration of Okinawa Traditional Karate. Lecturers were Matsuura Koichiro and Nakahara Nobuyuki. Mr. Matsuura (80 years old) is a diplomat, former UNESCO secretary general and director of the Japan Karate Association. Mr. Nakahara (82 years old) is a former director of the Japan Banking Association and the former chairman of the JKA. In their speeches, they stressed the importance of having Okinawa traditional karate being included in the list of Japanese intangible cultural heritages in order to succeed in the UNESCO recognition. With this in mind, Okinawa traditional karate must be promoted in all Okinawa through various types of events. (...).In the second half, participants expressed various opinions and ideas on the matter. The chairman of the board of directors of the Shinkōkai, Kiyuna Chōkō sensei stressed the necessity of a movement headed by the Governor of Okinawa Prefecture. At the end of the meeting, Mrs. Teiko Yonaha-Tursi, a Goodwill Ambassador appointed by the Okinawan Government who resides in New York stated her favorite proverb “Goetsu dōfū (bitter enemies placed by fate in the same boat)” and called out Okinawa karate people to seriously strive for the UNESCO recognition saying “It's about time!”. (Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/news/page/20>. Acesso em: 17 abr. 2020).

patrimonialização do chamado Karatê Tradicional de Okinawa pela UNESCO. Essa matéria destaca ainda a camada de responsabilidade sobre os órgãos públicos, nesse caso a Prefeitura de Okinawa. Em todo caso a questão do registro patrimonial expõe a disputa identitária entre as duas vertentes, a japonesa e a okinawana, ao passo que demonstra a necessidade do reconhecimento do karatê de Okinawa pelo Estado japonês como requisito para o reconhecimento pela UNESCO.

O apoio, ainda que tímido, das entidades gerenciadoras do Karatê Tradicional de Okinawa à entrada do karatê nas Olimpíadas de Tóquio, demonstra uma articulação entre o local e o global. A questão das identidades no contexto da globalização é citada por Woodward:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas identidades. (WOODWARD, 2010, p. 21).

Nesse sentido, as Olimpíadas (talvez não as competições em si, mas o jogo de divulgação e articulação inerentes ao evento internacional) podem ser vistas como um grande palco onde as demandas locais podem aparecer a nível global, havendo aí uma forma de afirmação da identidade local okinawana. Sobre essa relação entre o local e o global nas identidades Stuart Hall nos fala:

Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim ao invés de pensar o global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. (2006, p..77,78)

Assim, ao passo que algumas lideranças representativas do Karatê Tradicional de Okinawa (mestres locais renomados e ligados à ODKS) prestam apoio à demanda pela entrada do karatê como esporte olímpico, eles contornam um possível conflito entre um karatê tradicional versus um karatê moderno/olímpico, para afirmarem seus compromissos com o Karatê Tradicional de Okinawa por meio da demanda local pelo reconhecimento do seu karatê como Patrimônio da Humanidade.

No contexto da vindoura Olimpíada e das disputas identitárias entre Okinawa e Japão, as mídias em geral tem papel de destaque na questão da tradição.

Enquanto imaterial, o Karatê Tradicional de Okinawa poderia estar suscetível a deslegitimação ou fraudes (ou roubo) através da internet. Pode-se aprender uma técnica em sua forma superficial e afirmar ser uma técnica “legítima” do karatê de Okinawa ou pior, aprender uma série de técnicas em vídeo e afirmar-se instrutor. Esse tipo de fraude pode ser mais comum nas artes marciais do que parece à primeira vista, mas o que separaria um hipotético karatê fraudulento de um karatê “legítimo” seria justamente a tradição e os métodos ligados a ela, as técnicas, práticas e o reconhecimento das entidades reguladoras. Entretanto, através da internet, também se estabelecem as disputas por meio de reivindicações e narrativas. Dentro dessa questão ela é um fator a ser considerado.

5.2 O uso da internet na questão do Karatê Tradicional de Okinawa

As disputas e demandas inerentes ao karatê estão recheadas de conteúdo imagético. E se possui imagem possui público receptor. Tentaremos agora abordar qual seria o papel da mídia (especialmente a internet) nessas demandas em torno do karatê e qual seria o papel do estrangeiro nesse contexto.

A JKA-Japan Karate Association (Associação Japonesa de Karatê ou Nihon Karate Kyokai em japonês) foi fundada nos primeiros momentos do Japão pós-guerra a partir da unificação de vários cursos de karatê existentes em algumas universidades do Japão. Essa entidade passou então a ser considerada a mais participativa guardiã do estilo Shotokan de Funakoshi e seu empenho por profissionalizar o ensino do karatê e por enviar instrutores mundo a fora é notório. Com a JKA o karatê abraçou de vez a modernidade tanto em seu caráter científico quanto em seu caráter de universalização cultural⁷⁹. Agora mais importante que fazer um movimento por ele ser o “correto” o praticante deve entender o porquê aquele movimento é correto e seus manuais deixam claro esse aspecto⁸⁰.

⁷⁹ Ao explicar as técnicas através das leis da física Masatoshi Nakayama, o instrutor chefe da JKA até final da década de 1980, apresenta uma linguagem universal compreensível por qualquer praticante em qualquer país. Ele escreveu uma vasta literatura onde expôs os fundamentos técnicos do estilo Shotokan e todos os kata da JKA. Seus livros foram divulgados e traduzidos para vários países e o próprio Nakayama visitou muitos países onde a JKA possuía sede. Ele gravou ainda alguns vídeos promocionais. Tudo isso contribuiu para a consolidação do karatê fora do Japão principalmente entre os anos 1950 a 1970.

⁸⁰ O próprio Nakayama cita a necessidade de uma linguagem mais científica que se estabeleceu depois do seu maior contato com alunos estrangeiros: “*Minha experiência de ensino com estudantes ocidentais depois da guerra também me favoreceu com muitos recursos valiosos, como o hábito de procurar respostas nos campos da fisiologia e da cinética corporal.*” (NAKAYAMA, 2011).

Mas o aspecto moderno do karatê proposto pela JKA não soterra deliberadamente a “tradição” a “história” e o “passado” do karatê, assim como Funakoshi também não o faz.

Pensando na tradição como um atributo discursivo muitas vezes utilizado para legitimar algumas práticas modernas, a JKA vincula seu karatê japonês à tradição samurai reforçando as mudanças metodológicas e técnicas articuladas por Funakoshi e afastando ainda mais seu karatê daquele praticado e desenvolvido em Okinawa. (Trataremos um pouco a diante sobre o discurso de “tradição” na JKA através da internet).

Partindo da divisão básica da nossa questão, ou seja, karatê okinawano – karatê japonês, há diálogo e negociação de ambas as vertentes na busca por divulgar o karatê mundo à fora. Curiosamente foi o karatê japonês, através da JKA que iniciou as competições de karatê, organizou regras e propagou o lado esportivo do karatê como uma parte da prática marcial. No entanto a JKA não assumiu um protagonismo na campanha pelo karatê olímpico, sua postura foi por um karatê mais “tradicional” (ainda que um tradicional que promova competições). A proposta competitiva da JKA parece ser diferente da proposta do “karatê olímpico” da WKF e isso tem a ver com a postura da entidade em relação à ideia de “tradicional”

É importante salientar que a JKA é uma *escola*, ou seja, uma entidade que visa desenvolver, expandir e divulgar o karatê através de vários tipos de atividades entre elas as competições. Ainda que promova competições e tenha regras próprias a JKA não é uma simples federação, estando mais para uma entidade cultural. Ela continua desenvolvendo o karatê estilo Shotokan se propondo a aperfeiçoar cada vez mais as técnicas. Por isso não pode ser considerada apenas uma promotora de competições.

Mas entidades do karatê de Okinawa, que também têm o caráter de *escolas* e que também têm a missão de estudar aprimorar e divulgar o karatê (e que poderiam até reivindicar um título de karatê realmente “tradicional”), se empenharam unindo forças com a WKF (World Karate Federation) pela entrada do karatê nas Olimpíadas como nós vimos. Lembrando que a WKF é uma entidade

internacional, mas com um caráter muito mais europeu que japonês⁸¹, é uma confederação esportiva (e não uma escola/linha que se propõe a estudar e aperfeiçoar as técnicas do karatê como se propõe a JKA) e não possui o mesmo apelo ao tradicionalismo⁸². O que vemos aqui então seria a aliança entre um karatê “mais tradicional de todos” (ou seja, o okinawano) com o karatê “menos tradicional de todos” ou “mais moderno de todos”.

5.2.1 Competição pela “tradição”

Muitas vezes as diferenças entre os “dois karatês” são evidentes. O chamado karatê de Okinawa atrai para si um apelo de originalidade frente ao karatê japonês e esse discurso é alimentado e reforçado tanto por mestres quanto por entidades oficiais⁸³. O karatê do Japão por sua vez está mais vinculado historicamente a um discurso de unidade territorial e nacional. Assim o karatê do Japão estaria no rol seletivo das chamadas artes marciais tradicionais ou *budô*. Houve uma elaboração discursiva e interpretativa sobre o passado vinculando o karatê à figura do samurai na intenção de garantir a sobrevivência do karatê no “novo” Japão do início do século XX e reforçar o discurso da unidade nacional, como vimos anteriormente.

Em outras palavras o karatê japonês é um karatê “tradicional” cuja tradição foi inventada. E esse tradicionalismo estava ligado a uma competitividade diferente da proposta pelos esportes ocidentais. É uma competitividade que seria a manifestação moderna dos antigos duelos de samurai, com o espírito de batalha dos antigos guerreiros, mas com a segurança e as regras da civilidade moderna.

⁸¹ A KWF é de origem francesa e ganha sua estrutura atual ao absorver a antiga WUKO (União Mundial das Organizações de Karatê) focando assim no desenvolvimento de um karatê olímpico conforme atesta o site da representante da KWF no Brasil, a CBK (Confederação Brasileira de Karate). (<http://www.karatedobrasil.com/histria>. Acesso em 10 ago. 2018).

⁸² No site da CBK a entidade afirma agregar também organizações “tradicionais”: “Além da intenção de incluir o karate nos Jogos Olímpicos, o objetivo da WKF é de unificar todas as organizações que pratiquem karate, como esporte ou como uma arte tradicional, além de lutar também para promover ligações dentro de um espírito de amizade entre os karatecas do mundo.” (CBK. Disponível em <http://www.karatedobrasil.com/histria>. Acesso em 10 ago.18). A CBK é a representante brasileira da WKF, portanto, do “karatê olímpico”.

⁸³ Em 1983 a BBC fez uma série de documentários sobre artes marciais sendo que o 5º episódio foi sobre o karatê. Neste documentário os repórteres acompanham Morio Higaonna, um grande expoente do karatê de Okinawa. Aos 11:48s. do vídeo há uma reunião de mestres em artes marciais okinawanas e o narrador afirma que essas reuniões só poderiam ser feitas em uchinaguchi, o idioma local. Isso pois o idioma japonês não contemplaria certos conceitos sutis do karatê. Esse documentário está disponível na internet. (BBC, *Way of Warrior: Karate, The Way of Empty Hands*, 1983).

Na cultura oral dos *dojo* e em alguns escritos os mestres do karatê japonês muitas vezes usam o termo *ikken hissatsu* que pode ser traduzido como “Matar com um golpe” onde “matar” não significa necessariamente tirar a vida do oponente, mas sim *definir* a luta com um golpe só. Na contraparte esportiva do karatê esse golpe perfeito equivaleria a um *ippon*, pontuação máxima do karatê esportivo e de outros esportes japoneses de luta como o Judô. Ao longo da década de 1980 e 1990 alguns dos maiores instrutores da JKA se desligaram da entidade e fundaram suas próprias organizações internacionais de karatê Shotokan. Um dos mais notórios é Mikio Yahara.

Yahara foi um dos mais combativos instrutores da JKA e suas lutas eram sempre cheias de vigor e velocidade. Ele defende a busca por essa técnica perfeita como o pilar central do karatê conforme atesta a página da sua organização (Karatenomichi World Federation ou KWF):

O que é Karatê?

A filosofia do Karate da KWF é que suas raízes são baseadas no Bujutsu. No momento em que o Karatê está se tornando cada vez mais um esporte, o KWF nunca interrompe seu compromisso de perseguir o Karatê Bujutsu, que desenvolve a capacidade de dar um golpe fatal e defender ou atacar em um instante. Chamamos isso de capacidade de executar "Ippon Waza". Conseguimos isso usando os seguintes métodos e princípios. Forjando a técnica básica ou Kihon dentro do Kata, treinamos para desenvolver nossa técnica e movimento Kihon ao extremo. Finalmente, quando isso é dominado, torna-se uma técnica eficaz de Kumite. O KWF acredita que Kihon, Kata e Kumite representam uma trindade de elementos que estão unidos como um todo. (...) **Perfil de Mikio Yahara** (...) Sua filosofia de karatê é baseada na convicção de que o karatê é uma arte dedicada ao desenvolvimento da técnica do ippon - a capacidade de dar um único golpe fatal e que o Budo se baseia na capacidade de arriscar a vida em uma fração de segundo executando uma ofensiva ou técnica defensiva. Nós nos esforçamos para atingir esses objetivos, que são muito diferentes dos tipos de karatê esportivo que são cada vez mais comuns. ” (KWF, 2007, tradução nossa)⁸⁴

⁸⁴ **What is Karate**

The KWF's philosophy of Karate is that its roots are are based in Bujutsu.

At a time when Karate is becoming turned increasingly into a sport, the KWF will never stop its commitment to pursue Bujutsu Karate that develops the ability to deliver a killing blow and to defend or attack in an instant. We call this the ability to perform "Ippon Waza."

Essa ligação que Yahara faz com o bujutsu o coloca explicitamente em contato com a figura samurai, uma vez que *bujutsu* era a própria denominação de técnicas de luta samurai. Com o fim da casta samurai o que era *bujutsu* passou a ser considerado *budô* adequando, como já citamos, as artes samurais ao Japão moderno. Nesse sentido ao dizer que “suas raízes são baseadas no Bujutsu” a KWF do sensei Yahara faz uma ligação cronologicamente mais profunda do que se dissesse que o karatê é um tipo de budô. Não o liga mais ao conjunto de artes marciais japonesas modernizadas, mas ao conjunto de artes que já existiam séculos antes da modernização.

Entendemos que essa ligação é feita pela KWF não com a intenção de apresentar uma narrativa histórica falsa ao sugerir que os samurais praticavam karatê ou *tode*. Mas sim uma forma retórica de afirmar um objetivo diferente do karatê esportivo ou mesmo olímpico. Um objetivo que visa principalmente a defesa pessoal e um “espírito” de combate análogo ao dos samurais. Importante ressaltar que num combate entre samurais provavelmente a definição viria em um golpe só, afinal são guerreiros armados com lâminas. Esse “espírito” do *ikken hissatsu* ou da busca pelo *ippon* é que dá o tom do tradicionalismo do karatê japonês.

Sobre as tradições inventadas, José Reginaldo Santos Gonçalves escreve:

A segunda metade do século dezenove e as primeiras décadas do século vinte foram pródigas naquilo que Hobsbawm chamou “tradições inventadas” (1983: 1-14). Monumentos, relíquias, locais de peregrinação cívica, cerimônias, festas, mitologias nacionais, folclore, mártires, heróis e heroínas nacionais, soldados mortos em batalhas, um vasto conjunto de “tradições” foram inventadas com o objetivo de criar e comunicar “identidades nacionais” (...) Em outras palavras a crença nacionalista na realidade da nação é retoricamente possibilitada pela crença na autenticidade do seu patrimônio. (2003; 122 -124).

We accomplish this using the following methods and principles. By forging basic technique or Kihon within Kata, we then train to develop our Kihon technique and movement to the ultimate extreme. Then finally, when this is mastered it becomes an effective Kumite technique. The KWF believes that Kihon, Kata and Kumite are represent a trinity of elements that are united as a single whole. (...).

Mikio Yahara profile

(...) His karate philosophy is based on the conviction that karate is an art dedicated to developing *ippon* technique- the ability to deliver a single killing blow, and that Budo is founded on the ability to stake one's life in a split second executing an offensive or defensive technique. We strive towards these goals, which are very different from the types of sports karate that are increasingly commonplace. (Karatenomichi World Federation. Disponível em <https://www.kwf.jp/eng/yaharamikio.html>. Acesso em: 19 jul. 2020) .

A análise de Gonçalves vai no sentido do uso do patrimônio para a construção da identidade individual por meio da construção de uma identidade nacional. Sob essa perspectiva podemos ver a já citada importância do sentido dado por Funakoshi e entidades ligadas ao karatê japonês dentro do contexto da construção da identidade nacional do país. No que diz respeito à questão do karatê o discurso da tradição é caro e, como já citamos anteriormente, defendido pela JKA que assume a postura de entidade mais tradicional dessa arte. Na página brasileira da entidade notamos na seção de afiliação:

“Karatê não é uma arte fácil. Mas é uma arte. E, como qualquer arte, quanto mais você colocar nele, mais você ganhará. Karatê te enriquece fisicamente, mentalmente e espiritualmente – desenvolvendo seu corpo, sua mente e seu caráter. Especialmente na JKA. Por quê?

Porque a JKA é The Keeper of the Karate's Highest Tradition. **Nosso Karatê é o Karatê mais forte e tradicional que existe.** Não o vemos como esporte, mas como um meio de vida. ” (JKA Brasil)..⁸⁵ (grifo nosso).

O trecho acima é exemplar sob vários aspectos. Por um lado, expressa a posição da entidade acerca do karatê esporte. Apesar de realizar competições próprias a JKA (assim como a KWF por exemplo) se coloca, como já expomos, como uma escola e não apenas uma federação esportiva. Seu propósito seria mais profundo que a missão de organizar competições. Assim a entidade se posiciona frente a intensificação do karatê esportivo.

Por outro lado, também a entidade se coloca como aquela que possui “o Karatê mais forte e tradicional que existe”. O que seria “forte” e “tradicional” nesse caso e qual a importância em atribuir-se a tal posição?

A disputa inerente sinalizada pelo trecho citado acima abrange inicialmente as entidades do karatê esportivo. Ao atribuir-se a qualidade de guardião e promotora do karatê mais forte e tradicional que existe, a JKA se afirma diante desse karatê esportivo que poderia ser raso e sem os aspectos “espirituais” do karatê “tradicional”. Por essa razão a JKA não se empenhou tão abertamente pela entrada do karatê nas Olimpíadas, de certo modo a forma como a entidade concebe e promove o karatê se propõe a ser diferente em relação às entidades do karatê

⁸⁵ Disponível em nkkbrasil.com.br. Acesso em 07 mar. 2018.

olímpico e esportivo⁸⁶. Mas o trecho sinaliza ainda uma outra disputa, essa um pouco mais sutil.

O trecho citado apresenta uma tensão entre o discurso do “tradicional” da JKA e o karatê de Okinawa. Isso pois o trecho parece desconsiderar a existência do karatê de Okinawa, desconhecer a existência de entidades locais da comunidade okinawana que também estimulam, ensinam, gerem e promovem um *karatê tradicional* sob linhagens até mais antigas que o estilo Shotokan de Funakoshi do qual a JKA é a principal promotora. A oposição entre o karatê japonês e o karatê okinawano se dá aqui pela ausência deliberada de Okinawa na narrativa da página.

O chamado karatê japonês de certa forma sistematizou o karatê de Okinawa padronizando uniformes de treino e sistemas de graduação, todas mudanças exigidas pela Butoku Kai, cumpridas por Funakoshi, e aceitas por mestres de Okinawa (McCARTHY, 1995; FUNAKOSHI, 2014). Contudo, desde virada do último século as reivindicações memorialísticas vindas de Okinawa ganharam força. Não que o grande público japonês desconhecesse que o karatê tem sua origem okinawana, mas aos olhos estrangeiros o karatê era simplesmente japonês ainda que houvesse nascido numa mítica Ilha de Okinawa. Afinal, seguindo o discurso nacionalista oficial, Okinawa é Japão. Em outras palavras, vimos um movimento relativamente recente onde praticantes, mestres, entidades ligadas ao karatê de Okinawa passaram a reforçar para os estrangeiros - através da mídia principalmente - as fissuras no projeto nacional japonês ao apresentar as várias diferenças culturais, identitárias e até físicas entre Okinawa e Japão ao reivindicar que o *karatê tem origem okinawana*.

Ao entrar na campanha pelo karatê nas Olimpíadas, as entidades okinawanas promovem seu karatê e demandam sua patrimonialização. Essas entidades okinawanas entenderam que é bastante vantajoso entrar nessa campanha invés de apresentar uma imagem monolítica de um karatê não esportivo e *excessivamente tradicional*.

É aqui que o estrangeiro ganha lugar de destaque na demanda pela afirmação da identidade okinawana. Ao entrar na campanha pelo karatê nas

⁸⁶ O mesmo site da JKA Brasil comenta a missão da JKA em relação aos campeonatos de karatê: “Karate não é um jogo de pontos, peso ou demonstrações pomposas” (JKA Brasil)

Olimpíadas, Okinawa apresenta uma postura igualmente moderna e igualmente tradicional como a das entidades japonesas, mas com um fator essencial, Okinawa é “o local de nascimento do karatê”.

Essa intrincada relação com a tradição é própria da modernidade. Kumar (1997) e Eisenshtadt (SANTOS, 2007) por exemplo apontam a ligação estreita entre modernidade e tradição. No caso do Karatê Tradicional de Okinawa há ainda a questão econômica, questão sempre complexa nos debates sobre cultura. Sendo economicamente dependente do turismo tanto pelo clima e aspectos físicos insulares, Okinawa tem no karatê seu principal “produto” de exportação. O Karatê Tradicional de Okinawa agrega então mais esse aspecto de reforço à identidade okinawana ao sinalizar um potencial de geração de receita através do turismo. E esse turismo através do karatê é polido pela propaganda midiática, deixando assim reluzir o brilho do seu aspecto tradicional (aos olhos estrangeiros talvez mais tradicional que o do Japão).

A criação da Okinawa Karate Kaikan foi um notável esforço para divulgar o Karatê Tradicional de Okinawa. A entidade fornece uma série de serviços ligados ao karatê inclusive amparando praticantes estrangeiros, contatando-os com os respectivos mestres escolhidos por eles para aulas ou estágios, alugando espaços para eventos ligados ao karatê promovendo eventos, etc. As instalações da entidade contam ainda com um tipo de “museu do karatê”. Na página inicial do site do Okinawa Karate Kaikan lemos:

O “Karate”, uma arte marcial de origem okinawana, tem agora numerosos entusiastas em todo o mundo. O Okinawa Karate Kaikan servirá para preservar, receber e desenvolver o Karate Tradicional de Okinawa como uma herança cultural única, dizer às pessoas dentro e fora do Japão que “Okinawa é o berço do Karate” e ser uma instalação que pode ser usada como local para aprender a essência do Karate”. (Tradução nossa).⁸⁷

Em outra parte da mesma página lemos:

Exibindo o espírito de "Bankoku Shinryo" desde os tempos antigos, e realizando abundante comércio e contato com os países vizinhos, Okinawa construiu uma cultura tradicional transbordando de atrações. Com este tipo

⁸⁷ “Karate”, a martial art of Okinawan origin has now numerous enthusiasts around the world. The Okinawa Karate Kaikan will serve to preserve, inherit and develop traditional Okinawan Karate as a unique cultural heritage, tell people both in and outside Japan that “Okinawa is the birthplace of Karate,” and be a facility that can be used as a place to learn the essence of Karate” (Disponível em: <http://karatekaikan.jp/en/about/>. Acesso em: 12 abr 2019).

de história e cultura como pano de fundo, "Karate" nasceu aqui nesta terra de Okinawa e foi transmitido como uma arte marcial que cultivava um corpo resistente e um espírito indomável através de treinamento árduo e ao mesmo tempo contribuiu para construir uma personalidade que ama a paz e valoriza a civilidade. O Karate é um aspecto tradicional da nossa cultura que os habitantes de Okinawa se orgulham, e mesmo agora continua a ser transmitido e valorizado como Karatedo tradicional okinawano / arte marcial antiga" (Tradução nossa)⁸⁸

As citações sobre a história do karatê apresentadas na página demonstram o esforço por ressaltar o discurso de pertencimento ao enfatizar o quanto a arte marcial está intrinsecamente associada à cultura e à identidade okinawana. Em vários pontos repete-se que Okinawa é o "local de nascimento do karatê" e, obviamente, procura dizer isso ao estrangeiro.

Ainda dentro do Okinawa Karate Kaikan funciona um núcleo de amparo ao visitante, o Okinawa Karate Information Center (OKIC) mas que não é administrado pelo governo local. Esse "contratou" a Okinawa Dento Karatedo Shinkokai para fazê-lo. Essa estrutura demonstra a articulação do governo local com os mestres para um fim em comum. Podemos entender isso como um exemplo onde a comunidade detém grande autonomia no gerenciamento, divulgação, preservação e articulação de uma expressão cultural local através de um órgão criado e patrocinado pelo Estado, mas não controlado por ele.

O site da OKIC está em nove idiomas diferentes, incluindo português. O Karatê Tradicional de Okinawa está intimamente ligado à figura do sujeito estrangeiro e obviamente ao discurso de "tradição".

5.2.2 Heterogeneidade e afirmação

Por ser principalmente imaterial⁸⁹, o Karatê Tradicional de Okinawa possui uma legitimação diferente também ligada à categoria da tradição. O karatê não pode

⁸⁸ Displaying the spirit of "Bankoku Shinryo" from ancient times, and carrying out abundant trade and contact with neighboring countries, Okinawa built a traditional culture overflowing with attractions. With this kind of history and culture as a background, "Karate" was born here in this land of Okinawa and it has been passed down as a martial art that cultivates a tough body and an indomitable spirit through arduous training and at the same time contributes to building a character that loves peace and values civility.

Karate is a traditional aspect of our culture that Okinawans are proud of, and even now it continues to be passed on and valued as "traditional Okinawan Karatedo/Ancient Martial Art." (Ibidem).

⁸⁹ Conforme apontamos no capítulo 2 o Karatê Tradicional de Okinawa é reconhecido como Ativo Cultural Intangível pelo governo da província.

ser furtado como poderia qualquer patrimônio material. A técnica de executar e ensinar a executar talvez sim possa ser roubada. O legítimo Karatê Tradicional de Okinawa então seria (também) aquele regulado, ensinado e divulgado pelas entidades guardiãs da “tradição” do karatê de Okinawa. *Tradição* acaba por legitimar as epressões culturais ligadas àquela comunidade.

Ao analisar a existência da Festa do Divino (de origem portuguesa) no Brasil nos Estados Unidos e no Canadá, João Leal apresenta nuances da intrincada relação entre as categorias de “comunidade” e “patrimônio imaterial”. No caso estudado pelo autor temos comunidades açorianas imigrantes responsáveis pela realização da festa na América do Norte. A questão sobre a festa como patrimônio imaterial e a existência de uma comunidade açoriana dentro de um contexto *transnacional*⁹⁰ também pode ajudar as questões relativas ao Karatê Tradicional de Okinawa.

Uma das características apontadas por Leal sobre a Festa do Divino é a diferenciação e as peculiaridades da festa quando realizada em uma ou outra localidade:

Com algumas semelhanças com definições mais ágeis de comunidade, a localidade de Appadurai é uma “propriedade da vida social” (id.: 182) ligada a ideias de proximidade social e interactividade (id: 178) Vista como “inerentemente frágil” (id.: 179) e por isso requerendo um trabalho constante de produção (id.: 180) a localidade actualiza-se espacialmente através de “vizinhanças” eu têm como uma das suas características centrais a “consciência relacional de outras vizinhanças” (id: 186). De alguma o forma que as festas do Espírito Santo fazem é justamente produzir a freguesia como uma localidade com essas características. (LEAL,2015, p, 148).

Fazendo uma analogia entre a festa do Divino Espírito Santo açoriana e o Karatê Tradicional de Okinawa poderemos perceber que através dos seus estilos o karatê ajuda a constituir identidades locais às várias comunidades do arquipélago de Ryukyu. As linhas básicas iniciais levavam os nomes das ilhas ou das regiões onde se desenvolveram. Assim a linha *Shuri-te* era proveniente de Shuri, *Naha-te* de Naha e *Tomari-te* em Tomari (McCarthy, 1995). Essas linhas tinham especificidades que serviam de diferenciação mútua e os estilos atuais carregam essa ou aquela característica de cada linha. Sobre isso é importante ressaltar a diferença entre o que aqui chamamos *linhas* e os estilos (*ryu*).

⁹⁰ Sobre o mesmo assunto José Reginaldo Gonçalves afirma: “Essas festas são exemplo do que poderíamos chamar de ‘patrimônio transnacional’” (2003, p 112)

Cada estilo (*ryu*) de karatê possui características próprias que lhe conferem unidade e especificidade, conforme vimos no caso do Uechi Ryu. São possuidores de métodos, símbolos, significados próprios, além de compartilharem com métodos, símbolos e significados gerais com os demais estilos de karatê. Obviamente, cada estilo possui ainda entidades, federações e ligas que os gerenciam e promovem, bem como há entidades que gerenciam vários estilos ao mesmo tempo. Supomos que a divisão entre estilos só tenha ocorrido após a japonização do karatê pois desde antes as várias artes samurai eram divididas em estilos muitas vezes ligadas às famílias, onde cada clã transmitia seu método às gerações seguintes. Se essa hipótese estiver certa teremos no antigo reino de Ryukyu uma divisão que se caracterizaria apenas como *linhas* onde o principal critério de diferenciação seria a localidade onde o *tode* era praticado. Talvez isso seja ainda um elemento da explicação para o sucesso de Okinawa na empreitada por uma entidade que representasse uma gama heterogênea de estilos, alocando-os em um só círculo de proteção e representação (ou seja, a ODKS)⁹¹. De certa forma a ligação com a memória local confere um aspecto de identidade aos vários estilos de Okinawa sem a pretensão de homogeneizá-los.

As linhas, matrizes dos vários estilos atuais de karatê, expressam a diversidade de Okinawa. Por sua vez Gichin Funakoshi em seu projeto de karatê moderno esboçava a ambiciosa intenção de unificar os estilos de karatê sob um único, moderno e japonês⁹². Talvez essa intenção estava presente no início da fundação da JKA. De certa forma, poderíamos supor então que a diversidade cultural de Okinawa – que deu origem às diferentes linhas e aos diferentes estilos – frustrou um possível ideal de unidade almejada por Funakoshi e que estava em consonância também com as necessidades da nação japonesa numa época em que os discursos oficiais prezavam tanto a noção de unidade e coesão.

⁹¹ No entanto, como vimos no item 2.2 o quadro de oficiais da Okinawa Dento Karatedo Shinkokai não abrange representantes de todos os estilos e a divisão entre os estilos não é igual. A maioria dos oficiais são dos estilos Goju Ryu, Shorin Ryu e Uechi Ryu.

⁹² Funakoshi problematizava a criação excessiva de *ryu* ou estilos ainda em sua época. Sobre isso ele alertava em seu livro *Karate-Do Nyumon*: “Pelo que é do meu conhecimento, os únicos estilos que nos chegaram do passado são o Goju-ryu do Mestre Miyagi e o Shito-ryu do Mestre Mabuni. (...). No que se refere aos kata, é possível dividi-los, superficialmente, em duas categorias gerais. (...). Nossos antigos se referiam ao primeiro como Shorei-ryu e ao segundo como Shorin-ryu. Mais do que classificá-los como *ryu*, ‘estilo’, pode ser mais preciso referir-se a eles como *fu* ‘tipo’, ‘maneira’.” (2000).

O discurso da diferenciação é utilizado por Okinawa quando repete várias vezes através da internet que lá é o “local de nascimento do karatê”⁹³, representando a diversidade cultural existente no arquipélago e marcando também a diferença com o Japão. Assim, essa pluralidade nos estilos ajuda a reforçar a identidade da comunidade e a afirmar-se culturalmente mesmo com a heterogeneidade de atores envolvidos no processo. É nesse sentido que vai a conclusão de Leal sobre a festa enquanto patrimônio imaterial e a comunidade.⁹⁴

Mas o que realmente nos chama atenção para uma analogia entre a Festa do Divino analisada por Leal e o Karatê Tradicional de Okinawa é seu caráter altamente híbrido. O hibridismo cultural é um aspecto de grande importância para tentar compreender o karatê em sua complexa diferenciação entre Okinawa e Japão. Isso pois as duas comunidades encaram de forma diferente o hibridismo cultural.

A japonização exemplificada por Ortiz nos permite fazer uma série de reflexões sobre a questão do karatê. Essa japonização pode ser entendida como a regra geral como o Japão tem se articulado com o hibridismo cultural desde antes da sua modernização. O que temos a partir das ações de Gichin Funakoshi foi um claro exemplo de japonização e, nesse caso, uma japonização que buscava uma homogeneidade consonante com o moderno Estado japonês pós-Meiji. Funakoshi não quis apenas ensinar *tode* aos japoneses, mas também japonizar o *tode* e vários indícios apontam sua tentativa de unificar o *tode*/karatê em um só estilo nacional unificando as várias linhas existentes em Okinawa⁹⁵. É nesse sentido que enxergamos sua emblemática passagem sobre os vários estilos de karatê:

“(...). No karatê-Do contemporâneo não há lugar para escolas [estilos] diferentes. Sei muito bem que alguns instrutores proclamam ter inventado *katas* novos e incomuns e assim se arrogam o direito de serem chamados fundadores de “escolas”. Já ouvi até mesmo pessoas atribuírem a mim e a meus colegas a denominação de escola *shoto-kan*, mas me oponho

⁹³ Como pontuamos no item anterior, a inferência “*Okinawa, o berço do karatê*” se repete em textos dos sites da OKIC (<http://okic.okinawa/en/po>) e da Okinawa Karate Kaikan: (<http://karatekaikan.jp/en/guide/>).

⁹⁴ “Quando bem utilizado, o PCI [patrimônio cultural imaterial] pode ser um instrumento para dar visibilidade a expressões culturais populares e ter, portanto, um papel de *empowerment* relativamente a grupos sociais subalternos” (p. 159)

⁹⁵ Esse processo obviamente não seria um processo de mera colagem de técnicas e aspectos das várias linhas e estilos, mas recortes e reinterpretções “modernas” dessas linhas. Por isso o estilo Shotokan de Funakoshi, assim como o estilo Shito Ryu de Kenwa Mabuni, possui aspectos da linha Shorin (do seu mestre Anko Itosu) mas também da linha Shorei.

firmemente a essa tentativa de classificação. Minha convicção é que essas “escolas” deveriam fundir-se numa única, permitindo assim o Karatê-Do evoluir de maneira organizada e benéfica na direção do futuro do homem” (FUNAKOSHI, 2014, p. 50)

Essas palavras de Funakoshi sobre os vários estilos expõe muito do seu caráter de aderência ao moderno Estado japonês. É mais um elemento discursivo onde ele defende a unidade territorial e cultural do Japão sob uma perspectiva eminentemente moderna principalmente por lançar seu olhar para o futuro numa perspectiva de progresso e evolução. Em seu discurso ele deixa claro que para além de qualquer regionalismo que pudesse vir de Okinawa, seu olhar abrange “o homem”. Mesmo que não pudemos apurar se esse “homem” era uma visão universal e internacional da humanidade ou apenas uma visão de homem japonês. Lembremos ainda que não se trata de uma exclusão de Okinawa nas narrativas de Funakoshi, ela está lá, ele não esconde suas origens okinawanas e chinesas. Se trata, pois, de uma articulação discursiva que corrobora uma homogeneização em nome da unidade territorial do Japão, ou seja, para Funakoshi Okinawa é Japão.

Enquanto a japonização é um tipo de hibridação que pressupunha um aspecto de unificação e homogeneidade (pelo menos no caso do karatê), o Karatê Tradicional de Okinawa seria um exemplo de hibridação cultural onde o caráter heterogêneo é considerado algo positivo. As origens chinesas do *tode*, o próprio passado de Okinawa quando local de intenso comércio com vários lugares da Ásia, a troca cultural entre o antigo reino de Ryukyu e esses locais, são elementos de hibridismo que indiretamente estão associados ao Karatê Tradicional de Okinawa por várias narrativas históricas propagadas pelas entidades oficiais.

Nestor Garcia Canclini entende:

(...) por hibridação processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (2011, p. 19).

Se voltarmos mais uma vez ao trabalho de Leal sobre a Festa do Divino a partir das análises que aqui propomos, será inevitável não perceber o aspecto de hibridação presente no sincretismo religioso. Isso nos remete a outra prática cultural cujas aproximações com o karatê podem ajudar em nossas considerações: a capoeira.

A Roda de Capoeira é Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO desde 2014 (Botallo, Piffer, Poser, 2014) a capoeira evoca além de um caráter

ligado à ideia de cultura popular, um caráter de luta social bastante claro. É notória a expressão de um passado de luta e afirmação das comunidades negras através da capoeira. O próprio fato de serem artes marciais já sinaliza uma aproximação entre a capoeira e o karatê. Mas outras aproximações menos superficiais também podem ser feitas.

Assim como no caso da Capoeira a existência do karatê pode ser considerada um esforço de resistência contra dominadores, sejam eles das classes favorecidas locais, japoneses ou mesmo estadunidenses. A narrativa oral quase totalmente aceita (e citada inclusive pelo próprio Funakoshi) aponta que o desenvolvimento do *tode* está ligado à proibição de armas. Num primeiro momento essa proibição teria se dado no período de unificação do reino de Ryukyu por Sho Hashi (1371 – 1439) e num segundo momento pela invasão do clã Shimazu. Em ambos os períodos os camponeses, que já praticavam artes de luta chinesas, passariam a aprimorar ainda mais essas técnicas para se defender dos opressores (FUNAKOSHI, 2014).

Esses membros das classes populares não são representados com vitimismo pela cultura oral, apesar dela quase sempre tratar as classes dominantes como opressoras e invasoras. É notório o grande número de armas brancas oriundas de Okinawa ou absorvidas pela cultura okinawana, armas “populares” muito provavelmente adaptações de ferramentas camponesas. Por serem ferramentas de trabalho teriam o porte permitido durante os dois períodos de proibição. Em oposição simbólica e literal à *katana* japonesa (espada samurai considerada arma nobre) as armas okinawanas, rústicas, serão manejadas dando origem ao kobudô de Okinawa. Como já tratamos no capítulo 3 muitos dos praticantes atuais do chamado Karatê Tradicional de Okinawa também praticam o kobudô de Okinawa e muitos movimentos do karatê são feitos com essas armas – que não estão no currículo de treinamento da grande maioria de adeptos do karatê japonês. O kobudô de Okinawa, como afirmamos anteriormente, é uma expressão exclusiva do Karatê Tradicional de Okinawa e uma expressão da sua identidade.

Então tanto pelo desenvolvimento do *tode* quanto pela própria articulação do kobudô de Okinawa, o karatê pode ser considerado sim um instrumento de resistência do povo okinawano, se levarmos em consideração a narrativa oral.

A unificação do reino de Ryukyu levará também à unificação do inimigo estrangeiro⁹⁶. Shimazu, o *daimyo* de Satsuma no sul do Japão será esse primeiro grande invasor estrangeiro.

No *Karate-Do Nyumon* Funakoshi narra a invasão de Shimazu enfatizando a bravura dos samurais do feudo e a dificuldade que tiveram na batalha. Também expressa como a proibição de porte de armas imposta por Shimazu ajudou a amadurecer o *tode*:

Durante o período (1467 – 1568) da Sengoku (guerra civil do Japão) as forças de Shimazu haviam conquistado uma reputação inigualável de bravura e ferocidade. Só vinte e poucos anos antes do seu ataque a Ryukyu, eles haviam dificultado muito o trabalho e os esforços do grande Regente Imperial, Hideyoshi Toyotomi, no sentido de unificar o Japão.

Os temíveis samurais de Satsuma enfrentaram uma resistência extraordinária quando atacaram as Ryukyus. Um assalto frontal direto ao porto de Naha, a porta de entrada de Okinawa, fracassou, e foi só depois que uma força destacada do exército de Shimazu cercou a ilha e atacou de surpresa o desguarnecido porto de Unten que os invasores finalmente conseguiram tomar uma posição. A situação então se complicou, e Okinawa, a ilha principal, logo caiu nas mãos das forças de Shimazu.

Sob o domínio de Shimazu, as armas foram novamente proibidas (...) a maioria dos historiadores concorda que o karate (...) deva sua criação a essa segunda proibição, porque ela forçou os ryukyuanos a inventar um meio de autodefesa sem armas. (2000, p.20)

Na narrativa de Funakoshi nota-se claramente a ênfase no caráter de resistência do povo okinawano à invasão de Shimazu e mesmo após a invasão a resistência através do desenvolvimento do karate.

Mesmo sendo um instrumento de resistência ao invasor, talvez o karate ainda não conferiria um caráter de unidade à identidade okinawana pois não sabemos a que nível essa unidade existia, ou se de fato existia. As linhagens modificavam conforme a região em que se praticava. Essas muitas linhagens criarão os vários estilos. Outro aspecto importante era a ilegalidade e a clandestinidade. Praticar *tode*

⁹⁶ Mesmo já havendo o interesse dos Shimazu nas Ryukyu a invasão do clã japonês só ocorreria em 1609. Nesse sentido é com a unificação do reino que se unifica também o “opressor”, inicialmente Sho Hashi (o primeiro a proibir as armas levando os camponeses a desenvolverem o *tode*) e num segundo momento Shimazu, (levando a uma segunda proibição das armas). Com essa invasão tinha-se um real inimigo personificado pelo estrangeiro e sua classe implantada à força que repousava nas partes mais altas de uma hierarquia social nova e diferente: o samurai.

abertamente era inviável e Funakoshi sempre se refere a esse período como obscuro pela falta de documentos escritos, falta essa que se deve à ilegalidade do *tode*. (FUNAKSHI, 2000).

Esse hibridismo característico do Karatê Tradicional de Okinawa que está de acordo com seus aspectos de resistência de uma classe subalternizada contra uma ou mais classes dominantes nos faz pensar na relação entre *tradição* e *modernidade* (assim como nos casos da Festa do Divino e da Capoeira).

Destacamos ainda um elemento da hibridação também citado por Canclini no seu trabalho *Culturas Híbridas estratégias para entrar e sair da modernidade* como um aspecto importante desse fenômeno que é a sua mobilidade:

(...). Se falarmos da hibridação como um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, entenderemos as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais. Assim se trabalhariam os processos de hibridação em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto, a respeito das assimetrias do poder e do prestígio. (2011, p. 26).

Essas afirmações nos incentivam a pensar que assim como sujeitos e grupos sociais podem “entrar e sair” da hibridação, fenômenos sociais híbridos como o Karatê Tradicional de Okinawa podem, devido ao caráter móvel do seu hibridismo cultural, dialogar e articular com aspectos bastante estranhos à sua formação “original”. Em outras palavras o Karatê Tradicional de Okinawa encontra em seu caráter híbrido a mobilidade para dialogar com aspectos não-tradicionais como por exemplo os meios de comunicação de massa e a esportividade olímpica.

Canclini tem procurado ainda pensar o patrimônio dentro das questões relativa a esses modernos meios de comunicação de massa. Algumas das suas críticas vão no sentido do não uso dos meios de comunicação de massa pelo poder público responsável por gerir o patrimônio cultural, assim ele afirma:

As pesquisas sobre o consumo de cultura às quais me referi anteriormente indicam que os gastos domésticos se encontram cada vez mais na aquisição de “máquinas culturais” – televisores, toca-discos, vídeos, rádios para cada membro da família e o carro – em detrimento do gasto em publicações e espetáculos teatrais, cinematográficos e musicais que se realizam fora de casa. Esta “cultura a domicílio”, manobrada pela iniciativa privada, cresce em recursos, em eficácia comercial e simbólica, enquanto os Estados continuam se dedicando prioritariamente às práticas culturais que estão perdendo influência. (CANCLINI, 1993, p. 107).

Para o autor, que estuda o caso mexicano, a adaptação do patrimônio cultural às novas condições sociais e modernas não é algo necessariamente negativo se o processo for encabeçado pela comunidade criadora do patrimônio:

(...) porque os centros históricos são resultado de etapas diversas do desenvolvimento em que foram sedimentando estilos construtivos e concepções díspares do espaço urbano. Do mesmo modo, os artesanatos tradicionais surgiram de progressivas adaptações do meio natural e de distintos tipos de organização social (...). Não vemos por que os antigos desenhos dos edifícios devam permanecer indiferentes às novas funções que lhe são conferidas (...). O problema não reside na mudança das imagens tradicionais, mas sim em seus critérios e em quem decide: os artesãos, os intermediários ou os consumidores? (1993, p.108).

A crítica de Canclini ao caso mexicano ressoa positivamente no caso do Karatê Tradicional de Okinawa. Primeiro por vermos o engajamento ambivalente das entidades do karatê okinawano no que diz respeito a preservar as técnicas tradicionais, mas apresentando-as aos estrangeiros através do articulado sistema de recepção ao turista e do uso consciente das mídias como veículo de transmissão desse expressão cultural, especialmente a internet. Temos ainda a participação do Estado no caso japonês que, como vimos, apresentou interesse nesse potencial turístico do karatê. Ainda que muitos praticantes possam ver a entrada do karatê nas Olimpíadas um risco para uma possível perda de *tradicionalidade* – digamos assim – do karatê de Okinawa, pudemos apurar até o momento que tem sido um processo consciente e controlado: as entidades okinawanas que agora realizam competições internacionais em Okinawa são as mesmas que mantêm aspectos tradicionais e inerentes da prática.

A defesa que Canclini faz ao uso da comunicação de massa para a difusão do patrimônio acaba se opondo à questão levantada por nós sobre a possibilidade de deturpação ou “roubo” do karatê. Considerando a presença de mestres “legítimos” dentro das estruturas do processo de fomento do Karatê Tradicional de Okinawa como vimos pelos sites das entidades okinawanas, podemos supor que o uso dos instrumentos de comunicação de massa (nesse caso específico internet) é mais benéfico para o karatê que arriscado. E mais. Apesar do provável risco de apropriação do Karatê Tradicional de Okinawa por forças não ligadas aos interesses originais de preservação e manutenção identitária da comunidade okinawana (risco esse levantado por aqueles que veem com cautela a esportivização do karatê), as entidades gerenciadoras do Karatê Tradicional de Okinawa têm se utilizado dessa

esportivização como um meio de resistência e divulgação da sua arte. Vemos isso como um elemento do caráter móvel da hibridação levantado por Canclini.

O apoio dessas entidades à entrada do karatê nas Olimpíadas de Tóquio, elemento da estratégia midiática, são, portanto, exemplos constituidores da identidade okinawana enquanto discurso de diferenciação com a identidade japonesa. Se por um lado a mídia e a esportivização põem em risco o Karatê Tradicional de Okinawa ao expô-lo a possíveis apropriações indevidas, por outro podem fortalece-lo ao chamar atenção para si e para as definições das suas fronteiras estabelecidas pela relação eu (okinawano) /outro (japônês).

5.2.3. Pensando o lugar do estrangeiro

O Karatê Tradicional de Okinawa apresenta uma ambivalência. Visto à distância ele poderia ser colocado como uma prática de resistência à modernidade em seu caráter de unidade territorial e nacional e no tradicionalismo que ele evoca. Mas por outro lado essa demanda se vale de fenômenos intrinsecamente modernos como o internacionalismo especialmente trazido pelas olimpíadas. Diante dessa grande vitrine dos esportes internacionais o estrangeiro é o receptor e a figura a ser atraída.

Mas o sujeito estrangeiro é um sujeito de fronteiras. Sua condição é moderna, mas ele olha para o Japão e para Okinawa buscando a tradição, a raiz a essência. Sua fronteira é ao mesmo tempo espacial e cronológica. Sobre tradições e fronteiras Homi Bhabha escreve:

(...) O imaginário da distância espacial – viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos – dá relevo a diferenças sociais, temporais, que que interrompem nossa noção conspiratória de contemporaneidade cultural. (1998, p. 23).

Essa diferenciação mútua, aspecto do nosso momento atual, gera o fenômeno de uma mudança na concepção do tempo:

(...) O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas discontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (...) confrontamo-nos agora com o que Walter Benjamin descreve como a explosão de um momento monádico desde o curso homogêneo da história, “estabelecendo uma concepção do presente como o “tempo do agora” (1998, p23).

Agora no contexto da olimpíada de 2021 o estrangeiro ganha um papel fundamental nessa demanda por afirmação okinawana. Entidades para a promoção do karatê de Okinawa foram criadas e se voltam também ao público internacional.

No início desse capítulo levantamos a questão sobre o apoio de entidades okinawanas ao karatê olímpico. Se para entidades do karatê japonês e mesmo para o Estado é altamente vantajoso a entrada do karatê nos Jogos de Tóquio devido ao caráter de unidade territorial evocado pelo karatê japonês desde Funakoshi, por qual razão entidades okinawanas ligadas ao Karatê Tradicional de Okinawa também se esforçaram pelo karatê olímpico? Como supomos, a campanha pela entrada do karatê nas olimpíadas recebeu o apoio da ODKS como uma forma de divulgar a campanha pela patrimonialização mundial do karatê.⁹⁷

Por um lado, Okinawa, que pode ser vista como uma região economicamente periférica do Japão⁹⁸, tem no turismo uma importantíssima fonte de renda.

Por outro lado, ainda as entidades do Karatê Tradicional de Okinawa recebem investimentos do governo nacional para estimularem o karatê, o *seu* karatê tendo assim força e estrutura para reforçar seu controle sobre esse karatê. Esse enorme potencial de gerenciamento do karatê que se desenha com o aparato estrutural como o Okinawa Karate Kaikan por exemplo produz e reforça o sentimento de afirmação identitária de uma cultura local frente a uma cultura nacional artificial e imposta. Nesse sentido seria como se as entidades okinawanas

⁹⁷ Ao analisar as questões patrimoniais do México, Nestor Canclini tece o interessante conceito de *capital cultural* para o patrimônio no artigo *Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária Nacional*. Segundo ele esse conceito: "(...) tem a vantagem de não representá-lo [o patrimônio] como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores de sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como o outro capital se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos setores se apropriam de forma desigual" (p. 97). Com a ideia de capital cultural Canclini expõe algumas contradições inerentes ao uso desigual dos patrimônios o que reforça muitas vezes a hegemonia de classes dominantes sobre classes menos favorecidas. Seja por meio de um maior acesso a aparatos de divulgação, manutenção e transmissão do patrimônio cultural ou mesmo da exploração financeira desse patrimônio as classes dominantes tendem a ter maior facilidade em controlar o patrimônio cultural (CANCLINI – 1993). Se o capital cultural do patrimônio pode ser manipulado como o capital financeiro abrindo espaço para a hegemonia de classes mais favorecidas sobre as menos, talvez possa também ser utilizado como instrumento de emancipação e autoafirmação das classes matriciais do patrimônio. Talvez, ao apoiar a entrada do karatê nas olimpíadas e a patrimonialização internacional, as entidades do Karatê Tradicional de Okinawa estejam visando também uma afirmação econômica e não somente cultural.

⁹⁸ Kate Barclay aponta e seu trabalho que é comum o êxodo de okinawanos para o Japão em busca de emprego, sendo muitas vezes relegados a trabalhos considerados inferiores (2006).

do karatê se alimentassem de forças que inicialmente lhe seriam hostis ou enfraquecedoras - ou seja, o investimento do governo japonês no karatê com o intuito de reforçar o discurso de unidade nacional e a esportivização inerente ao karatê olímpico que traz em seu bojo uma maior ocidentalização e supostamente um enfraquecimento da tradição. De certa forma essas entidades manobram para transformar essas forças a favor de uma maior afirmação da cultura okinawana.

Um dos resultados disso talvez possa se configurar numa fascinante e bem elaborada concepção de karatê que se mantém “tradicional” no sentido que não foge ao controle das entidades okinawanas⁹⁹, mas também não é monolítico em sua forma e fechado a okinawanos ou japoneses. Nesse sentido podemos supor que as entidades okinawanas expressariam com excelência os aspectos modernos de hibridismo e apelo ao tradicionalismo, além de jogarem ativa e conscientemente o jogo pelo fortalecimento econômico local no contexto capitalista por meio do turismo. Todos esses sendo aspectos da modernidade.

Esses dois aspectos lucrativos do apoio de Okinawa ao karatê olímpico, a afirmação da identidade e o fortalecimento financeiro pelo turismo, colocam o estrangeiro em lugar de destaque.

E talvez seja ele, o sujeito estrangeiro no contexto da vindoura Olimpíada de Tóquio, a força capaz de ser uma ponte entre Okinawa e Japão. Por estar mais distante do histórico afastamento mútuo esse sujeito estrangeiro (que vive no “entre lugares”) talvez tenha mais flexibilidade e entusiasmo para conhecer os dois tipos de karatê, mesmo sendo ele praticante de um ou de outro. Não lhe interessa os preconceitos e diferenciações pois tanto o Japão quanto Okinawa lhe são exóticos. É para ele que se direciona toda a propaganda é a plateia no grande palco olímpico.

Ironicamente talvez esteja no estrangeiro – e não no japonês – o instrumento para uma maior integração sonhada e defendida por Gichin Funakoshi.

⁹⁹ Uma vez que uma técnica “legítima” de karatê okinawano só possa ser ensinada por alguém que realmente aprendeu essa técnica, esse alguém não pode roubá-la. Teria que ter direta ou indiretamente uma ligação com algum mestre de Okinawa. Daí a preocupação das entidades em integrar e articular esses mestres locais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O complexo trabalho de construção e afirmação de identidade a partir da memória se torna ainda mais dinâmico no contexto da globalização e elevado fluxo de informações. Foi possível ter uma noção dessa dinâmica acelerada e diversa ao analisarmos as demandas de Okinawa e sua busca por afirmação através do karatê. Essa complexidade parece saltar conforme avançamos cronologicamente nos eventos.

Se considerarmos a japonização como um primeiro momento teríamos Funakoshi com a utopia de ver um karatê unificado, nacional, moderno e consonante com as aspirações do Estado japonês. Mas a complexidade e diversidade da cultura okinawana se desdobra na diversificação dos estilos, o que expôs fissuras no discurso de unidade nacional. Num segundo momento temos os mestres de Okinawa se organizando em torno da divulgação do seu karatê, bem como da sua preservação. A aderência desses mestres à esportividade através da realização de competições locais também pode ser encarada como um exemplo dessa complexa questão da identidade. Num terceiro momento, o fortalecimento do karatê de Okinawa através da criação da ODKS, leva à demanda concreta pela patrimonialização internacional do Karatê Tradicional de Okinawa. A surpresa nesse caso está no apoio prestado à entrada do karatê nas olimpíadas (aspiração ligada principalmente às entidades ocidentais) vinculando as duas demandas. Todas essas “surpresas” nos revelam a complexidade da questão.

A afirmação de identidade é dinâmica e mutável assim como Stuart Hall afirma ser a própria identidade do sujeito (HALL 2006). Assim, a impressionante capacidade de articulação e adaptação dos okinawanos apresentada por Yoko Souza no caso dos imigrantes okinawanos, pode ser observado na forma como a busca por afirmação identitária através do karatê atinge o nível internacional e no massivo conteúdo de internet incluindo vídeos e textos reivindicando para Okinawa a atenção sobre suas especificidades e suas demandas políticas. Nesse sentido o “tradicional” ganhou o palco “global”. Não são poucos os vídeos promocionais da Olimpíada de Tóquio que apresentam um karatê bastante “tradicional” mostrando as “raízes” do karatê. Ao aderir à campanha pela entrada do karatê nas olimpíadas as entidades okinawanas conseguem chamar a atenção para sua afirmação

identitária, ainda que seu interesse esteja totalmente distante da proposta contida em um karatê-esportivo-olímpico.

No jogo geopolítico onde parece haver o retorno de uma forte perspectiva nacionalista (especialmente no contexto da “era Trump” e dos atritos recentes entre os EUA e a Coreia do Norte), a necessidade de pôr em questão a presença militar estadunidense em Okinawa aumenta. Mais uma vez a afirmação de identidade através do Karatê Tradicional de Okinawa pode ser uma forma de chamar atenção do mundo para as fissuras no discurso de unidade nacional. Pois sendo um grande “produto” okinawano, o Karatê Tradicional de Okinawa exerce uma dinâmica única ao atrair estrangeiros para o arquipélago. Não se trata apenas de considerar o alcance do karatê de Okinawa no mundo, mas principalmente de percebê-lo como uma expressão cultural que mobiliza uma massiva quantidade de pessoas do mundo todo a visitar o arquipélago ano após ano. Percebê-lo ainda como uma expressão e afirmação do que é ser okinawano e perceber seu magnetismo que atrai atenções de fora do arquipélago.

Por isso a internacionalização cada vez maior do Karatê Tradicional de Okinawa, que poderia parecer nociva ou perigosa ao arriscar uma possível “perda de aura” do karatê em termos benjaminianos, parece estar sendo conduzida com relativo sucesso. Por um lado, as demandas okinawanas estão ganhando visibilidade internacional, sua afirmação de identidade tem ganhado o plano global, e por outro lado entusiastas do mundo todo têm tido o privilégio de conhecer melhor essa interessante e complexa cultura.

Ainda sobre a relação local/global o exemplo da WUKKO nos foi bastante relevante por ser uma entidade criada e gerida por estrangeiros (o shihan Gustavo Gondra, presidente e fundador da WUKKO é argentino e o sensei Yurghanes Rodrigues, presidente da WUKKO Goiás é brasileiro). Ao se propor a divulgar o Karatê Tradicional de Okinawa, a WUKKO demonstra o engajamento de não-okinawanos nessa missão. Como aponta Hall, as identidades demonstram um alto nível de mobilidade e negociação, principalmente nessa atual etapa da modernidade. Assim entendemos as ações da WUKKO e dos dojos ligados a ela como um exemplo dessa internacionalização do Karatê Tradicional de Okinawa e do alcance das demandas okinawanas através do karatê. O exemplo da WUKKO também nos parece interessante pois a entidade procura divulgar e ensinar o estilo

Uechi Ryu a partir de uma perspectiva “tradicional”, ou seja, praticando e divulgando os oito *kata* originais do estilo, sem a adição de outros *kata*¹⁰⁰. Daí o significado do termo *hachiokai* (o encontro dos oito) conforme tratamos no item 1.2 do capítulo 3. Esse intrigante engajamento de não-okinawanos na prática, preservação e divulgação do Karatê Tradicional de Okinawa talvez possa ser compreendido pelas observações de Stuart Hall sobre as identidades na atual etapa da modernidade. Assim ele afirma: “(...) parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações “globais” e *novas* identificações “locais” (2006, p. 78).

Assim, o engajamento de praticantes de outras nacionalidades geograficamente distantes da okinawana, pode ser vista como um traço dessa atual etapa da modernidade que muitos chamam “globalização”. A demanda dessas entidades okinawanas (demanda pelo reconhecimento do karatê como Patrimônio Imaterial da Humanidade) não significa necessariamente uma renúncia à sua identidade local, mas sim uma estratégia de articulação com o global, de afirmação dessa sua identidade local e de resistência (especialmente ao Japão).

Essa internacionalização do Karatê Tradicional de Okinawa também se faz presente no já citado apoio das entidades okinawanas à entrada do karatê nas olimpíadas. Ao atrelar essa demanda à sua demanda pelo reconhecimento da arte marcial como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO, projeta-se ao global essa busca local por reconhecimento. O melhor argumento para esse registro certamente seria a quantidade de praticantes de karatê mundo à fora (especialmente do Karatê Tradicional de Okinawa). Sobre isso ficam perguntas suspensas: por quê essas lideranças e mestres locais interpretam a patrimonialização a nível internacional como algo positivo? Haverá entre os icônicos mestres de Okinawa uma corrente contrária à patrimonialização a nível internacional e mesmo à divulgação larga e expressiva do Karatê Tradicional de Okinawa para outros países? No curto espaço desse trabalho não nos foi possível apurar essa e

¹⁰⁰ Conforme informações da própria entidade disponível no seu site wukko.org (acesso em 22 dez. 2019)

outras questões relevantes. Mas a internacionalização do Karatê Tradicional de Okinawa é uma realidade presente, como vimos no exemplo da WUKKO.

Nesse sentido entendemos que os estrangeiros (ou seja, os “ocidentais” ou não-okinawanos) têm um peso muito importante nesse contexto. É para eles que se direcionam essas demandas locais por patrimonialização e divulgação da arte. São para eles que se irradiam as denúncias sobre a violência que as bases militares estadunidenses representam. São para eles que a afirmação “Okinawa não é Japão” é endereçada, pois, como demonstramos na primeira parte desse trabalho, a diferenciação é mútua e reconhecida pelo lado japonês, inclusive por meio da inferiorização do “outro”. E é o “outro” ocidental e não o “outro” japonês que precisa saber dessa diferenciação. Uma vez que as identidades necessitam do contato com a alteridade para se delimitar e se organizar enquanto tal, como nos afirma Hall, existe também a necessidade do reconhecimento por parte de uma alteridade também e é o estrangeiro essa alteridade. Daí a importância das edições do jornal Ryukyu Shimpō online e bilíngue (inglês e japonês). Daí a importância do convidativo museu do karatê de Okinawa do sensei Tetsuhiro Hokama e mesmo da estrutura da Okinawa Karate Information Center que recebe e ampara praticantes do mundo todo.

Movido por essas questões, esse trabalho foi escrito. Por um estrangeiro.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, Kate. Between modernity and primitivity: Okinawan identity in relation to Japan and the South Pacific. **Nations and Nationalism**, Londres, v. 12, n. 1, p. 117-137, 26 jan. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-8129.2006.00233.x>. Acesso em: 1 fev. 2020.

BERNARDO, André; CORDEIRO, Tiago. Radiação à solta. **Superinteressante**, São Paulo, 9 jan. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/radiacao-a-solta/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2018. 241 p. Título original: The Location of Culture.

BISHOP, Mark D. **Okinawan Karate: Kobudo & Te**. 3° ed. United Kingdom: Q&I Publications, 2017.

CANCLINI, Néstor García. El patrimonio cultural de México y la construcción imaginaria de lo nacional. In: FLORESCANO, Enrique (Coord.). **El patrimonio nacional de México**. México: Fondo de Cultura Económica, CONACULTA, 1997. 336 p., p. 57-86. (Biblioteca Mexicana).

CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Tradução de Mauricio Santana Dias, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf. Acesso em: 1 fev. 2020.

CHOKI, Motobu. **Karate: my art**. Tradução de Patrick & Yuriko McCarthy. International Ryukyu Karate Research, 2002. Título original: Watashi no karate-jutsu.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATE. **História. Karate do Brasil**. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.karatedobrasil.com/historia>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DOLLAR, Alan. **Secrets of Uechi Ryu Karate: and the Mysteries of Okinawa**. Cherokee Publishing, 1996.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades Múltiplas. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 35, p. 139-163, 2001. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 nov. 2019.

EISENSTADT, Shmuel Noah. **Modernização: protesto e mudança**. Tradução de José Gurjão Neto. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

ENKAMP, Jesse. **Karate. Karate by Jesse**. Estocolmo, SWE, 2016. Disponível em: <http://www.karatebyjesse.com/>. Acesso em: 12 out. 2019.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NEVROSKI, Arthur R.; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13-71.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FROSI, Tiago Oviedo. Tijikun: reconstruindo a introdução do Karatê-Dô no Japão. In: ENCONTRO COM O JAPÃO, 8. 2011. **Anais [...]** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-Dô Kyohan: o texto mestre**. Tradução de Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2014. 272 p.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-Do Nyumon: texto introdutório do mestre**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-do: o meu modo de vida**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Cultrix, 2014.

GOMES, Fábio José Cárdis. Quatro Histórias e Uma Epifania: estudos interdisciplinares acerca do budô japonês. **Dialogia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-62, jan. /jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.v7i1.928>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. 256 p. (Museu, Memória e Cidadania).

GRANET, Marcel. **O pensamento chinês**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GRECA, Helio. **Biografia Choki Motubo. Kenpo Rakan Dojo.** Curitiba, 2010. Disponível em: <https://kempo.com.br/biografia-choki-motubo/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GUIMARÃES, M. A. T.; GUIMARÃES, F. A. T. **O caminho das mãos vazias.** Belo Horizonte: Matheus Ricardo Santos Duarte, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://associacaokaratebushido.eu5.org/o%20caminho%20das%20maos%20vazias.pdf> Acesso em: 18 de set. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISTÓRIA do Goju Ryu Karate Do. **Karate Goju Dojo.** Corroios, PT, 2011. Disponível em: <http://karategojudojo.com/historia-do-goju-ryu-karate-do/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

HOKAMA, Tetsuhiro. **Okinawa Prefecture Karate Museum Director. Home.** Disponível em: http://www.tetsuhirohokama.net/Home_Page.html. Acesso em 21 out. 2019.

HYOKI, Satoru. Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage in Japan: Systems, Schemes and Activities. In: REGIONAL MEETING FOR THE ARAB STATES ON THE "IMPLEMENTATION OF THE 2003 CONVENTION FOR THE SAFEGUARDING OF THE INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE AND INVENTORY MAKING", 1. 2007. **Anais eletrônicos [...]** Abu Dhabi: UAE, 2007. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00177-EN.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização, 2003.

JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL. Disponível em nkkbrasil.com.br. Acesso em 07 mar. 2018.

JAPAN KARATE ASSOCIATION BRASIL. **História da JKA. JKA Brasil.** Tucuruvi, SP, 2019. Disponível em: <http://www.jkabrasil.com.br/karate-jka/historia/>. Acesso em: 8 out. 2019.

KANASHIRO, Victor U. Uma Introdução aos Estudos Okinawanos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS JAPONESES NO BRASIL, 8. 2010. **Anais [...]** Brasília, 2010.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan.** Editora Pensamento-Cultrix. 2015.

KARATE museum proves popular. **The Ryukyu Shimpo**. Ilhas Ryukyu, スポーツ. Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/2012/04/26/6847/>. Acesso em 12 set. 2018.

KARATE: the way of the empty hand. Direção de Michael Croucher. Produção de Michael Croucher. Londres: BBC, 1983. Documentário (39 min).

KARATENOMICHI WORLD FEDERATION. **Chief Shihan Mikio YAHARA**. KWF Philosophy. Tokyo, 2007. Disponível em: <https://www.kwf.jp/eng/yaharamikio.html>. Acesso em: 19 jul. 2020.

KUMAR, Krishian. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LEAL, João. Patrimônio Cultura Imaterial, festa e comunidade. In: CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de (Org.). **Patrimônio Cultural Plural**. Belo Horizonte: Arraes, 2015, p. 144-162.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 35. ed. São Paulo: Almanaque, 1973.

LOWENTHAL, David. Why Sanctions Seldom Work: Reflections on Cultural Property Nationalism. **International Journal of Cultural Property**, Cambridge, v. 12, n. 3, p. 393-423, ago. 2005.

MARTINS, Carlos José; KANASHIRO, Cláudia. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 638-648, jul. / set. 2010.

MATSUMOTO, Karina Satomi. Dois monumentos pelas vítimas da guerra: Konpaku no Tō e Heiwa no Ishiji. **Okinawando**, 15 out. 2015. Disponível em: <https://okinawando.wordpress.com/2015/10/15/dois-monumentos-pelas-vitimas-da-guerra-konpaku-no-to-e-heiwa-no-ishiji/>. Acesso em: 13 set. 2019.

MIYATA, Shigeru. **The Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage in Japan**. 2012.

MOTA, Cahê; SEDA, Vicente. Jogos de Tóquio 2020 terão escalada, surfe, skate, caratê e baisebol/softbol. **Globo Esporte**, 3 ago. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/jogos-de-toquio-2020-terao-escalada-surfe-skate-carate-e-beisebolsoftbol.html>. Acesso em: 13 set. 2019.

MULLINS, Paul R. African-American heritage in a multicultural community; An archaeology of race, culture, and consumption. In: SHACKEL, Paul A.; CHAMBERS, Erve J. (Coords.). **Places in mind: Public archaeology as applied anthropology**. Londres: Routledge, 2004, p. 63-76.

NAKAYAMA, Masatoishi. **Karate dinâmico**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

NAKAYAMA, Masatoshi. **O melhor do Karatê**. São Paulo: Cultrix, 1998. v. 4.

NEVROSKI, Arthur; SELINGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e Representação**. Tradução de Cláudia Valadão de Matos. São Paulo: Escuta, 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OKINAWA DENTO KARATEDO SHINKOKAI. **Executive officers**. ODKS Okinawa. Okinawa, 2017. Disponível em <http://www.odks.jp/en/aboutus/officers/>. Acesso em 21 ago. 2019.

OKINAWA DENTO KARATEDO SHINKOKAI. **History**. ODKS Okinawa. Okinawa, 2017. Disponível em <http://www.odks.jp/en/aboutus/officers/>. Acesso em 21 ago. 2019.

OKINAWA KARATE INFORMATION CENTER. **Karate y kobudo de Okinawa**. OKIC Okinawa. Okinawa, 2017. Disponível em: <http://okic.okinawa/es/okinawa-karate-and-kobudo>. Acesso em: 9 ago. 2018.

OKINAWA KARATE INFORMATION CENTER. **The declaration of the “karate day”**. OKIC Okinawa. Okinawa, 2017. Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/newsttopics/536>. Acesso em: 12 out. 2018.

OKINAWA KARATE KAIKAN. **About**. Disponível em: <http://karatekaikan.jp/en/about/>. Acesso em: 12 abr 2019.

OKINAWA KARATE KAIKAN. **Guide to Use. Okinawa Karate Kaikan**. Okinawa, 2017. Disponível em: <http://karatekaikan.jp/en/guide/>. Acesso em: 9 ago. 2018.

OKINAWA TRADITIONAL KARATE LIAISON BUREAU. **5 new cultural asset holders for “Karate and kobudo”**. **Karate and kobudo at the source**. Okinawa, 2013. Disponível em: <http://okkb.org/2319>. Acesso em: 16 set. 2019.

OKINAWA, Prefecture Assembly. Resolution on the declaration of the day of Karate. **Okinawa Karate Information Center**. 08 set. 2017. Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/newsttopics/536>. Acesso em: 12 out. 2018.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante**: Japão e Modernidade-Mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PIRES, Ricardo Sorgon. Uma "ilha descontente": Disputas e conflitos em torno da memória sobre a Batalha de Okinawa. **Revista Contemporânea**, n. 3, 2013. Dossiê Regimes autoritários e sociedades.

PIRES, Ricardo Sorgon. Uma identidade tripartida: Reflexões acerca do livro Cartas de um Nihonjin Uchinachu do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LETRAS NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO, 2. 2013, Cascavel: Unioeste, 2013.

POULOT, Dominique. Um Ecosistema do Patrimônio. In: CARVALHO, Claudia S. Rodrigues et al. **Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, p. 26-43.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Unicamp, 2007.

RIEGL, Alöis. **O culto moderno dos monumentos**: sua essência e sua gênese. Goiânia: UCG, 2006.

RYUKYU Shimpo Company History. **The Ryukyu Shimpo**. Ilhas Ryukyu. Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/ryukyu-shimpo-company-history/> . Acesso em 13 fev. 2020.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Identidade Nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.

SEFER, Edvard. The Purpose of Kata: When, Why, and for Whom Kata Forms Have Occured in Okinawa. **Physical Culture and Sport. Studies and Research**, v. 76, n. 1, p. 55-63, 19 dez. 2017.

SHINZATO, Yoshihide. **Kobu-Do**: as armas antigas de Okinawa. São Paulo: On line editora, 2011. (Artes marciais).

SHINZATO, Yoshihide; SHINZATO, Hirokazu. **Kobudô. Shinshukan**. Santos (SP), 2014. Disponível em: <http://shinshukan.com.br/shorin/pag/2/kobu-do.html>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SHITORYU BRASIL. **História**. Disponível em: <http://shitoryubrasil.com.br/Site/historia-do-shitoryu-karatedo/>. Acesso em 12 dez. 2019.

SILVA, Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUZA, Yoko Nitahara. A batalha de Okinawa acabou? Memória, diáspora e fluxos setenta anos depois da II Guerra. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30. 2016. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2016.

SOUZA, Yoko Nitahara. **A comunidade Uchinanchu na era da globalização**: contrastando "okinawanos" e "japoneses". Brasília, 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, Yoko Nitahara. O “Espírito Uchinanchu”: identidade globalmente articulada. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11. 2011. **Anais [...]** São Carlos: UFSCAR, 2011.

SYMPOSIUM aiming to add Okinawa Karate to UNESCO’s Intangible Cultural Heritage list. **The Ryukyu Shimpo**. Ilhas Ryukyu, 26 out. 2014. スポーツ. Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/2014/11/04/15781/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

TAGNIN, A. C. Gotuzzo. **O Verdadeiro Caminho do Karate**. São Paulo: Rodolivos Ltda, 1975. 461 p.

THE BIBLE of Karate: Bubishi. Tradução com comentários de Patrick McCarthy. Rutland (VT); [Great Britain]: Charles E. Tuttle, 1995.

The Ryukyu Islands as the center of the world. Disponível em: <http://ringmar.net/irhistorynew/index.php/2018/10/12/the-ryukyu-islands-as-the-center-of-the-world>. Acesso em: 08 set. 2020.

TOWARDS Okinawa traditional karate’s UNESCO registration. **Okinawa Karate Information Center**. Disponível em: <http://okic.okinawa/en/archives/news/page/20>. Acesso em: 17 abr. 2020.

TSE, Lao. **Tao Te Ching**: O livro do Caminho e da Virtude. Tradução de Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Ursa Maior, 1996.

TURNBULL, Stephen. **The Samurai Capture a King**: Okinawa 1609. Oxford: Osprey Publishing, 2009.

UECHI KAN MAGAZINE. **Início**. Buenos Aires. 2019. Disponível em: <http://www.uechikan.com.ar/>. Acesso em: 09 set. 2019

VOYAGIN. **Things to do in Okinawa. Visit a Karate Museum in Okinawa**. 2016. Disponível em: <https://www.govoyagin.com/activities/japan-okinawa-visit-a-karate-museum-in-okinawa/6515>. Acesso em: 22 dez. 2019.

WORLD KARATE FEDERATION. **History. WKF blog**. Madrid, ES, 2014. Disponível em: <http://wuko.net/about-tbm/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

WORLD UECHI RYU KARATE DO & KOBUDO ORGANIZATION. **Início. Wukko**. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <http://www.wukko.org/inicio.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.

YOSHITAKE, Oka. Conflict after the russo-japanese war. In: NAJITA, Tetsuo; KOSCHMANN, J. Victor. **Conflict in Modern Japanese History**: the neglected tradition. Princeton: Princeton University Press, 1982.